

responde

Leonor de Almeida e Silva Marques Guedes

Na Luta

anti-tuberculosa

PORTO

1 9 3 3

C
CT
6
E.

LEONOR DE ALMEIDA E SILVA MARQUES GUEDES

~~Dr. Henrique de Lima~~
Henrique de Lima
homagem de
~~Leonor Marques Guedes~~
"Na Luta anti-tuberculosa"



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE CIÊNCIAS EXATAS
INSTITUTO DE QUÍMICA

RC
MNCI
db
GUE



91
COMPOSTO E IMPRESSO
EM CARBÃO DE AÇO Nº 11
FABRIL DE GRÁFICOS S/A
OTRODEC - RJ - 1958

LEONOR DE ALMEIDA E ZEVA MARQUES GUERRE

"A Luta anti-tuberculosa"



.....1033.....
COMPOSTO E IMPRESSO
NA CASA DE OBRAS DE
«O PRIMEIRO DE JANEIRO»
R. S. Catarina. 326-PORTO

A meus filhos Armando e Manuel para que bem saibam dividir entre si e a humanidade oprimida e que sofre, o seu amor fraternal, seguindo as tradições de seu pai e da nossa velha família beirão.

CAPÍTULO 7

A' Comissão de Senhoras de Propaganda, presidida pela Snr.^a D. Laura Palha Injante de La Cerda, da Assistência Nacional aos Tuberculosos, e a que tenho a honra de pertencer:

Com o respeito e a estima que a todas essas Senhoras devo, pela missão humanitária que ali nos reuniu:— dedico êste trabalho humilde e sem pretensões, que só tem de grande a minha fé na luta anti-tuberculosa, campanha encetada, a continuar e a vencer, tendo como arma a lealdade mútua entre nós e como lêma o combate sem treguas à peste branca.

Porque entrei para a A. N. T.

CAPITULO I

O papel social da Mulher na família e fora dela

A acção da Mulher exerceu-se sempre nas obras de assistência e previdência sociais, porque preferentemente lhe devem pertencer.

Não começarei por falar em Portugal onde estas obras são já notáveis e com tradições — nem tão pouco irei à América do Norte para descrever nenhum *arranha céos*, que berraria deslocado entre as nossas construções pombalinas e geométricas também, mas de linhas horizontais e medidas... à régua e ao compasso.

Acaba de ser nomeada, neste momento, secretária do Trabalho no gabinete Roosevelt, Miss Frances Perkins...

Mas, eu quero referir-me mais largamente à América do Sul, ao segundo Congresso Internacional da Mulher, realizado no Brasil, e ao admirável programa ali apresentado e discutido por Bertha Lutz.

«A Mulher vence, diz ela, nas ciências, nas letras, nas belas-artes, no comércio e na indústria.»

«Desejo à Mulher a sua emancipação financeira.»

«Protecção ás mães, à Infância e à Mulher no lar; no trabalho feminino e nas obras sociais — no combate à lepra, à tuberculose, ao cancro, alcoolismo, tráfico das brancas, ao problema de mendicidade, em que a cooperação da mulher é absolutamente indispensável.»

«A Secção da Paz Universal.»

«A mulher com a sua influência feminina conciliatória afugentará para sempre do mundo apaziguado o espectro da guerra assassina.»

«A questão política será, naturalmente, discutida por quanto não pode mais ser permitido à mulher esclarecida do nosso tempo conservar-se alheia à elaboração, interpretação e aplicação de leis, a que ela, tanto quanto os homens, tem de sujeitar-se e prestar obediência.»

E, transportando-nos à Europa, vemos:

«As Mulheres na Conferência do Desarmamento.

A alemã Frau Luders e Miss Carletti Ashly, inglesa, que foram designadas por as associações femininas de todo o mundo para assistirem á Conferência Internacional do Desarmamento.

Na França, vai realizar-se um Congresso Feminino de Estudos Parlamentares.

Uma das suas promotoras é a Snr.^a Duqueza de la Rochefoucauld, que faz declarações muito interessantes e muito lucidas á Imprensa, mostrando a necessidade e a vantagem que podem advir à vida francesa da intervenção da Mulher na administração pública, onde fará sentir a influência das suas qualidades inatas de prudência, economia e assistência.

E' sobretudo, em seu entender, nos Ministérios da Saúde Pública e da Educação que a Mulher tem o seu papel assegurado, por melhor se ajustarem ás suas possibilidades e aspirações.

Ainda dentro da conservadora Inglaterra, Miss Megan

Loyd George, representante do grupo liberal da Câmara dos Comuns e Miss MacDonald, filha do «leader» trabalhista inglês e sua secretária política.

É, finalmente, no último ministério trabalhista inglês, coube a uma Senhora, Miss Bonfield, a pasta do Trabalho, por onde correm os assuntos de assistência e previdência sociais, assim se tendo entendido, mais uma vez, que é à Mulher, melhor que a ninguém, que se deve confiar esta pasta.

Demonstrado o papel da Mulher na vida contemporânea e por todo esse mundo fora e sem excepção — nós, apesar de geográficamente cá no fim da Europa, não podemos abstrair-nos por completo da *hora que passa* ou, aceitando-a, segui-la unicamente pelos cartazes e revistas do Cinema e jornais de modas!...

E como a liberdade de pensamento e a consciência individual de cada um não tem fronteiras — acho que não será demasiado e descabido lembrar um pouco *o que vai lá por fora* e que eu não exigirei, nem pedirei uma grande parcela, recordando, apenas, que à Mulher pertence por direito próprio a assistência e previdência social; — o que de resto, em Portugal, já tem tradições quasi tão velhas como a sua fundação.

— Reportamo-nos agora a épocas atrás, procurando em documentos preciosos, atestar e demonstrar que as ideias *avanzadas* são antigas, que teem a idade da miséria e das iniquidades desta vida, a que o cérebro e o coração souberam sempre abrir portas e janelas, humanamente, mesmo que fossem as dos palácios reais!

Acabo de ler três livros, três belas obras literárias, históricas e portuguesas, que tão bem nos falam dos tempos passados, com aquele sabor antigo das táboas de António de Holanda e da escultura ideal de Teixeira Lopes —; e que, teem para mim além de todo o seu alto valor, neste caso especial — a inestimável e providencial fôrça moral de quem invoca umas testemunhas de defesa.

— São elas — D. Izabel de Aragão (Rainha de Portugal) pelo Prof. António de Vasconcelos;

«A Rainha D. Leonor» (pelo Conde de Sabugosa) e ainda «Leonor de Lancastre» (Tragédia de uma grande alma) por Fernando Correia.

Nesses três livros vivem, pode bem assim dizer-se, duas figuras de Mulher, sublimes de inteligência e de bondade, e que neste mundo foram rainhas; daí a sua acção a favor da humanidade despresada e sofredora, mais ampla, profícua e notável. Delas chegaram até nós, através das crónicas medievas, a sua fama:

O livro «Rainha Santa» foi lido por mim, recolhidamente, com unção religiosa.

E' a demonstração duma existência modelarmente espiritual, de quem muito sofreu, coada através dos filtros mais complicados da vida política e social do seu tempo, a quem nem o seu próprio lar escapara, vindo-lhe daí a punhalada final, a morte, quando tentava, ainda, apaziguar desavenças sangrentas entre os homens. (1)

Izabel de Aragão soube ser a melhor e mais exemplar das esposas e das mães.

(1) «Residia ali no arrabalde da cidade do Mondego, tôda entregue à faina de fazer bem, quando, decorridos onze anos sôbre a morte do marido, vieram despertá-la os ecos longínquos da guerra, em que andavam envolvidos seu filho Afonso IV de Portugal e seu neto Afonso XI de Castela...»

«Sem mais detença, sai do paço, de a par de Santa Clara acompanhada das pessoas mais íntimas, que podiam auxiliá-la na sua emprêsa de paz, e parte para o Alentejo...»

— Chega a Extremoz, onde estava o rei seu filho, com a rainha D. Beatriz e o príncipe herdeiro D. Pedro. Principiou logo a executar a sua missão de anjo da paz. Mas, os calores extraordinários da estação, as fadigas da longa jornada através das resequidas planuras alentejanas, as doenças crónicas de que, desde longos anos sofria e provávelmente uma intecção contraída pelo caminho, poderam mais do que a resistência orgânica.»

«Adoeceu gravemente. Era uma quinta-feira esse dia 4 de Junho de 1336, em que, ao serão, Santa Izabel entrou no sono dos justos.»

«Morrera uma grande mulher, uma grande rainha, a maior e a mais excelsa e benemérita, a mais santa das rainhas de Portugal.» (Páginas 46, 47 e 48).

E como Rainha, a mais nobre e a mais justa numa acção contínua e igual das mais notáveis da nossa história. (1)

Mulher e Rainha habilíssima, intervindo sempre nos negócios do Estado, com mão firme e suave, sendo a sua influên-

(1) «D. Deniz desejava certamente compartilhar o trono com quem o compreendesse e o auxiliasse na execução dos largos planos que formara, pelos quais êle queria vitalizar e revigorar o organismo político, para fazer de Portugal uma nação forte, honrada e respeitada, e rasgar-lhe largos horizontes para um futuro brilhante; nesta empresa uma mulher, que o auxiliasse com inteligência e eficácia, seria um elemento de altíssimo valor. (Páginas 19)

«O vulto admirável desta grande figura histórica tem, como um brilhante, tantas e tão diversas facetas refulgentes a considerar, que se o olharmos de frente apenas, não poderemos formar uma ideia clara e adequada dos seus aspectos e feições, nem do seu brilho intenso; se o mirarmos e analisarmos sob cada uma das suas múltiplas facetas, perder-nos-emos num *mare magnum* de considerações, sem lograrmos chegar ao fim.

«Corresponderia isto à louca pretensão de incluir, num pequeno copo, a água dum grande lago.

«Vamos pois restringir-nos a um único aspecto. Consideramos D. Izabel como Rainha consorte, procuraremos pôr em evidência a sua acção como esposa e auxiliar de D. Denis, a sua influência nos negócios públicos no bem estar do reino, na política, tanto interna como externa da nação» (Páginas 21)

«D. Denis, por graça de Deus rei de Portugal e do Algarve, *ou sempre* com a rainha D. Izabel, inha (minha) mulher...», é como principiam muitos documentos, dos mais importantes.» (Páginas 23)

«Uma vez somos surpreendidos pela atitude enérgica da rainha, em Coimbra, a 6 de Fevereiro de 1297, erguendo-se num protesto firme e inesperado, contra a vontade do rei, por julgar lesivo dos interesses da corôa e da nação um acto, que D. Denis ia praticar, legitimando os filhos de seu irmão D. Afonso, o que os constituiria *ipso facto* herdeiros dos castelos de Monsão, Portalegre e Arronches, que doutra sorte, por morte daquele, reverteriam à posse da corôa, da qual nunca deveriam ter saído, atenta à sua situação estratégica.

E' bem uma rainha, preocupando-se com os interesses do seu país, antepondo-os à tranquilidade doméstica.» (Páginas 24)

Pelo que acabamos de vêr a nossa Rainha Santa foi a grande coooperadora, a eficaz auxiliar, muitas vezes, por certo, a inteligente conselheira de el-rei seu marido, tanto nos negócios internos do reino, como na politica externa.

Assim como D. Denis foi justissimamente considerado o primeiro dos reis do seu tempo, também D. Izabel tem de ser classificada como a primeira das rainhas de sua época.

Na glória do reinado daquele monarca extraordinário, compartilha em larga escala sua esposa e colaboradora.» (Páginas 40)

cia enorme em todas as razões públicas, no bem estar do reino, onde, em toda a sua vida, teve sempre a maior preponderância, e a mais profícua na política, tanto interna como externa da nação.

A Igreja a denominou «*Mãe da paz e da pátria.*» (1)

— Mereceu-lhe o povo, essa eterna bête de carga, uma dedicação que piedosamente a levou a descer às gafarias, a visitar os leprosos, na sua infinita bondade emanada do seu superior espírito esclarecido e da sua bela inteligência, a mais lúcida do seu tempo.

E como foi boa e foi justa, chamaram-lhe santa.

É ainda hoje a sua imagem ideal, de braçada de flôres, da sua magnânima caridade, que ajuda a iluminar Coímbra!

Dir-se-ia que o seu alto espírito ainda paira, e sempre, na paisagem religiosa do vale de Santa Clara!...

*
* *

«A Rainha D. Leonor» ou «D. Leonor de Lancastre» (tragedia duma grande alma);

Esposa, Mãe e Irmã que sofre também as maiores torpezas da complicada e emaranhada política do seu tempo; logo regente do reino aos 18 anos, ela soube manter-se, acima de si própria, vítima imolada, bem cedo, à dôr espiritual.

Esta Mulher por que era a mais nobre e superior, julgou-se entre as gentes do seu tempo, a mais humilde e mesquinha.

(1) De tudo quanto fica dito concluímos que a Rainha Santa Izabel foi constante, inteligente e prestimosa colaboradora de D. Denis, auxiliando-o no govêrno interno da nação, salvando esta, algumas vezes, de calamitosas guerras civis e promovendo o bem estar do reino e de todos os portugueses. Daqui deduzimos tambem com quanta razão a Igreja a denomina «Mãe da paz e da pátria.»

Pacis et patriae mater. (Páginas 34)

Do livro «D. Izabel de Aragão» (Rainha de Portugal) pelo Prof. António de Vasconcelos,

E aos túmulos rendilhados da Batalha, por ela também idealizados e seguidos com carinho, destinados a seus Marido e Filho, preferiu para si uma sepultura de pedra razeira, por onde todos passassem, a um canto do claustro da Igreja da Madre de Deus.

Humilde pela dôr imensa que a perseguiu quasi tôda a sua vida, e que ela tão cristãmente soube suportar, foi sempre vítima da organização social do seu tempo, que lhe trouxe a sabedoria e a prudência, por muito conhecer de perto quanto há de falível nas grandesas mundanas! Então a sua alma de lírio branco, imaculada, curva-se para a terra, para baixo, a procurar os simples, os humildes, os desprotegidos da sorte, todos aqueles cujas dôres, ainda tivessem um pouco de lenitivo nesta vida...

Foi esta bela alma de Mulher que criou e instituiu em Portugal as misericórdias, que, ainda hoje são modelares nos seus Compromissos, (1) e também o hospital thermal das Caldas

(1) «Tenho-o aqui patente diante dos olhos, o «Compromisso da Misericórdia de Lisboa.»

Lê-lo é estudar a aplicação prática dos mais santos, dos mais puros ditames do cristianismo.

Alimentar famintos e sequiosos, vestir os que nem andrajos, sequer, possuem para se cobrirem, levar a esmola duns maravedis aos presos e aos doentes, hospedar vagabundos, redimir do cativoiro os pobres soldados, que o serviço da Pátria retinha nas moiramas, dar o último leito em chão portuguez aos Portuguezes desamparados; tudo isto já é muito e a Irmandade cumprira-o.

Mas não se limitava a essas obras meramente corporais; sabia que a parte mais nobre e mais alta do ser humano, a alma, também padece (e bem cruéis) as suas fomes, as suas sêdes, as suas dôres, a ignorância; pelas visitas às cadeias, condimentava o pão negro do encarcerado; pela sua devota companhia aos condenados, consolava as tristezas congénitas com o sêr humano; pelas suaves penalidades que o regulamento impunha aos contraventores dos seus deveres estatuidos, castigava os erros, filhos da nossa fraqueza moral; promovia (era letra expressa do compromisso) pazes e reconciliações entre quaisquer pessoas que se soubesse andavam desavindas e induzia-as a perdoar injurias em nome da caridade cristã, sofria com paciência os desmandos alheios; e emfim, cumpridas em vida os deveres fra-

o mais antigo do mundo cuja primitiva organização ainda hoje é admirável!

Muito lhe devem também as belas-artes, a literatura e a introdução da Imprensa em Portugal. (1)

E assim, se refugiou o seu alto espírito, tão superior, à sombra de tudo quanto é belo, inofensivo e bom, pretendendo adornar com todas essas flôres, a fronte da sua vida tão dorida de mártir.

* * *

Estas duas admiráveis e tão simbólicas figuras de mulheres tiveram dentro das suas épocas, os mais audazes rasgos duma vida incontida dentro das pragmáticas palacianas e das conveniências feudais dos grandes senhores dos seus reinos.

E ainda as suas exemplares obras de assistência e providência sociais, suas preocupações constantes, não foram só ins-

ternais para com as almas, nem então afrouxava; continuava-lhos depois da morte, em sufrágios de todo o género.

Se há nada mais espantoso do que êste suavíssimo Instituto Lisboense!»

Do livro «A Rainha D. Leonor» do Conde de Sabugosa. (Paginas 260-261)

(1) ... «Animando e auxiliando Gil Vicente, apesar das suas irreverências, numa época em que sem o seu apoio, elas poderiam ter-lhe custado a vida; ajudando os primeiros passos decisivos da Imprensa em Portugal e protegendo uma pleiade esplendida de artistas, pintores, architectos e esculptores; fundando obras pias destinadas á oração e ao culto divino... — vendendo as suas jóias e as suas terras para fundar e manter para sempre o Hospital das Caldas, onde, desde o principio, houve cem camas, nele se tratando de graça enfermos pobres de qualquer terra do paiz; a Rainha D. Leonor deixou por tudo isso um nome aureolado na história de Portugal.

A Rainha D. Leonor é das figuras mais interessantes da nossa história, embora seja das mais desconhecidas do Povo -- dêsse povo que ela tanto amou.

... Rainha que o sabia ser quando a sua opinião podia influir a bem dos negócios do Estado. . . »

Do livro «Leonor de Lancastre» (Tragédia duma grande alma) por Fernando Correia.

piradas nos seus livros de Horas—ou do *Novo Testamento de Jesus*—mas sim, e muito, concretizados dentro dos seus próprios castelos e paços, logo no meio da política e das leis deprimentes e injustas entre os homens.

A que distância enorme e em pleno século XX estão todos êsses movimentos femininos de colaboração, emancipação e aspirações, de justiça a par dêsses dois grandes gestos de mulheres da idade média, dos séculos XIV e XV, que quizeram imitar Cristo em caridade e amôr pelo nosso semelhante, remir o género humano, enxugando lágrimas a uns, e purificando almas a outros, algozes, pecadores impenitentes inimigos de Deus!..,

Despertei da infância sob o influxo que a tuberculose causa num lar, fazendo vibrar de tristezas os tenros anos de uma criança, em momentos de profunda mágoa e duresas constantes. A mãe—tão Santa!—começava a faltar logo aos nove anitos! Foram dôres e realidades bem amargas, e, ainda mais, impróprias injustamente a esta idade, pois já alguém disse que «a alegria pertence à infância como o perfume às flôres!»

Mais tarde já, e na juventude, o mesmo impiedoso destino é arrastado como se fosse o peso duma grillheta em três longos anos crucificados, em sacrificios e martirios, deformando barbaramente um lindo *bambino*, como aqueles dos quadros de Murilo, tão côr de rosa e tão louros!

E assim, mil sonhos e mil desilusões, disformes e mutiladas, foram a enterrar dentro daquele caixãozinho branco!..

Sucessivamente, e durante êsses quinze anos, casos a mais e horríveis se repetem, ecoando na alma dolorosamente como se o mundo fôra feito só para se sofrer e penar, logo aos vinte anos.

Mas, como todos os grandes males marcam um estigma indelével por onde passam, dera-me conta de cicatrizes mal curadas, prestes a sangrarem ao mais leve traumatismo, numa

sensibilidade quasi mórbida, que as brutalidades dum destino imperfeito causara, e de que restaria então uma grande saudade espiritualizada...

As contas do rosário rolavam-me por entre os dedos e os lábios ficavam cerrados, numa profunda meditação que tomava o coração desfeito e a alma tão dorida, apenas sequiosa—oh! imperfeição terrena!—de ver novamente dôres iguais, ou por ventura, ainda maiores do que a minha e que se pudessem aliviar um pouco...

E, foram elas que me levaram por essas *ilhas* misérrimas do Pôrto e infames *Pátios* de Lisboa—por mansardas, tugúrios e pocilgas marroquinas—vergonha duma humanidade, que se diz civilizada e cristã, onde seres humanos vivem como porcos e morrem como cães.

Ali é que eu encontrei e vi a verdadeira trincheira da morte, de vítimas dum assalto à mão armada, indefesas, ao abandono e à incúria do seu país.

E, mal pensando dessa parte da sociedade injusta e egoísta, que se julga quite com a sua consciência, olhando de esguelha o *Evangelho*, como se Jesus fosse aquela massa plasmável e moldável a todo e qualquer *negativo*, feito à imagem e semelhança do homem.

Mas, um dia a saúde começou também a faltar e eu tive que recuar, na timidez da limitada confiança na resistência física, herdada com bem poucas garantias.

Nessa altura o jornal «O Seculo» fazia a sua brilhante e patriótica campanha anti-tuberculosa, intitulada «Uma cruzada Nacional», escrevendo o humanitário e belo artigo de fundo — *Hospitalizar os Tísicos*, — a que eu respondi nesse mesmo jornal, com a carta que segue...

Os Tuberculosos a quem tudo falta...

Sr. Director do «Seculo». E' com grande alegria que leio os seus artigos de fundo de combate à tuberculose.

Ainda bem que começa a falar-se, que o silêncio se vai quebrando.

O seu artigo *Hospitalizar os tísicos* leva-me, como filiada na Assistência Nacional aos Tuberculosos (comissão da Sr.^a D. Laura Palha Infante de La Cerda — Pavilhão do Lumiar)— a vir aqui dizer-lhe, o que tantas outras Senhoras lhe poderão dizer também.

—Pela morte, por tuberculose, de pessoas muito queridas, já as orações não me bastavam para a minha grande saudade.

A memória dos meus, avivada sempre pela morte lenta e horrível que dá a tuberculose, era atenuada pela consciência, que me repetia «mas não lhes faltou nada».

Sim, era certo, havia ainda por êsse mundo fora quem sofresse mais; os mesmos horrores da doença, com a miséria, faltando-lhes tudo! E assim, eu sentia um grande lenitivo à minha dôr, visitando os bairros pobres, procurando, por ventura, infelicidades maiores do que a minha e a que pudesse valer um pouco.

Recordo-me de que em uma *ilha* do Pôrto, uma velhota, indicando-me uma porta, me dizia: «Ali, senhora, morreu a semana passada um tísico»!

Entreí num compartimento duns seis metros quadrados, em que só havia a porta.

Ao fundo, aninhada sôbre as táboas duma cama sem colchão, uma mulher esqualida tossia. Perguntei-lhe pelo colchão; respondeu-me: — «Queimou-o a Desinfecção, porque o meu homem morreu tuberculoso a semana passada».

Reparei depois que, a um canto, uma criancita brincava, sentada no chão e embrulhada numa mança.

Preguntei ainda: «E' seu filho? — E aquela manta era dessa cama?...»

— Era, sim, minha senhora».

Ao entrar numa casa de caridade de Lisboa, afastou-se, a dar-me passagem, um rapaz, com todo o aspecto dum tuberculoso e que levava umas táboas debaixo do braço.

Notei que ia muito contente.

Preguntei-lhe para que eram as táboas. Respondeu-me serem para pôr debaixo do colchão, em que dormia, no vão duma escada de pedra, em que por caridade o deixavam passar as noites... lá em Santana, onde fôra estudante!

E acrescentava, «porque com a frialdade da pedra, tossia tôda a noite; estas táboas vão isolar-me um pouco da pedra fria».

E, mostrando uma táboa mais grossa: — «esta é muito boa para a cabeceira eleva-me o colchão, e eu já não tusso tanto!»

E a Assistência? — inquiri: «Não dá nada; mesmo a sopa foi suprimida; tomara ela dinheiro para os tuberculosos lá internados».

Tem V. rasão no seu artigo *Hospitalizar os Tisicos*. Uma das primeiras necessidades é a de garantir aos tuberculosos pobres um canto, onde possam morrer em paz.

E quantos casos mais, como aqueles eu lhe poderia contar!

Todos êles me deram coragem de pedir esmola para os tuberculosos pobres.

Na minha jornada ainda não encontrei ninguem que me dissesse que não. Julgo mesmo ver em todos os olhos uma mágoa e nas suas palavras uma queixa contra o terrível mal...

Todos nós, os portuguezes, estamos feridos.

Porque não o esforço colectivo?!

Por memória dos que morreram e por amor e caridade, por todos nós!

De V. Ex.^a, etc.

Leonor de Almeida e Silva Marques Guedes (1)

(1) Carta publicada em o jornal o «Seculo» de 18 de Julho de 1930.

Em Agôsto de 1929, nas Pedras Salgadas e em uma festa de beneficência ali realizada, a favor dos pobres da região, a minha Ex.^{ma} amiga, Sr.^a Viscondessa de Merceana pedia-me um donativo para ajudar a custear as verbas da construção do Pavilhão do Lumiar e solicitava-me para me filiar na A. N. T.

Prometi entrar logo que os meus filhos me deixassem livres horas certas, quando ingressassem num colégio.

E disse-lhe da minha inteira confiança e do meu entusiasmo num trabalho em comum, mais profícuo, colectivamente regido e disciplinado na orientação do programa dessa instituição a favor de todos os tuberculosos pobres e abandonados.

Prometi votar à A. N. T. a melhor da minha dedicação e trabalho, numa verdadeira assistência nacional aos tuberculosos.

Condenei mesmo os grupos e grupelhos, que, dispersos, se esfalfam para nada e, ainda, a acção individual em contacto com a tuberculose, em tantos perigos de contágio que se correm, para, afinal resultarem num esforço esmagadoramente pessoal, e, lamentavelmente ínfimo, como aquele que durante anos eu fizera, como visitadora de bairros pobres.

Entrei para a A. N. T. em Fevereiro de 1930, conforme a entrevista junta e por mim dada no jornal "O Seculo" — relativa à "Festa Veneziana do Estoril" — a favor dos tuberculosos pobres do Pavilhão do Lumiar.

"A iniciativa da construção dêste Pavilhão do Lumiar deve-se à Ex.^{ma} Senhora D. Laura Palha Infante de La Cerda.

"Sendo esta benemérita Senhora visitadora de doentes, com a Senhora Condessa de Mossâmedes, verificou que a maioria dos doentes visitados era de tuberculosos.

"A sua permanência no seio das famílias, em condições mais que deficientes de hygiene, era um perigo constante de contágio do pavoroso mal.

"Daí a ideia de construir um pavilhão onde se internasse, ao menos, uma parte deles,

«Organizada para isso, uma Comissão de Senhoras da nossa sociedade, a que, desde então, aquela Senhora preside, em 20 de Maio de 1927, começou-se na colheita de donativos para as despesas da obra.

«O primeiro donativo recebido, no montante 1.000\$00, foi do Sr. Dr. Manuel Carocha.

«No fim daquele ano de 1927, a bola de neve já avolumara para 150 contos. Surgiu, porém, um obstáculo...

— De que natureza?

— Por motivo de doença de pessoa de família, a Sr.^a D. Laura Palha foi forçada a permanecer em França, de Dezembro de 1927 a Maio de 1928. A comissão manteve-se, porém, no seu posto. A Sr.^a D. Laura Palha foi substituída pela Sr.^a D. Maria Luiza Ulrich Arouca. A colheita bem dita dos donativos continuou, amealhando uma média de 9 contos por mês. Até que...

— Até que?

«... Em 28 de Junho de 1929, se abriram no Lumiar, os primeiros caboucos para o novo pavilhão. Fizera-se um esforço enorme. Peditórios, quêtes, espectáculos, tombolas — todos os meios de recorrer á caridade do público tinham operado um milagre.

Em 31 de Agosto de 1929, tinham-se acumulado 600 contos!

— Foi formidável!

— Sim. Mas, as obras levavam tudo.

As obras custam tanto!... Aquelas eram uma fauce aberta, insaciável.

Apesar de tudo o que se conseguira, a comissão naquela última data, ficou sem saldo. E houve um momento em que tudo se imaginou perdido.

— !?

— Foi, quando no comêço da primavera, a comissão teve de deliberar a suspensão das obras. Foi um momento de desânimo. Pois, justamente nessa hora crítica, entrei eu para a comissão, pela mão da minha querida amiga, Sr.^a Viscondessa

de Merceana, que fazia parte dela e há muito a auxiliava eficazmente, com o seu belo espírito de dedicação e sacrifício.

«A minha iniciação não podia ser mais penosa!... Via-se em todos os rostos o desalento. A Sr.^a D. Laura Palha, com os olhos marejados de lágrimas, receava ver por terra todos os seus esforços.

— Mas, felizmente, reagiram as Senhoras contra o efeito dêsse minuto de desesperança. E recommçaram as obras agora?

— Não; recommçaram logo em seguida.

A suspensão das obras impeliu-nos como um incentivo. O empreiteiro estava a *bout de ressources*. Já reformara letras. Não podia fazer mais adiantamentos. E na verdade a sua dedicação fôra muito de louvar e agradecer. Era, porém, preciso evitar que se perdesse tudo, passando os invernos por sôbre o que estava construido. Redobrou-se, para isso, de energia. Recorreu-se, de novo, à generosidade do público, que nunca nos faltou. A grandeza do mal é tanta, que não há ninguem que, perante êle, se não comova! Organizamos novas festas, «chás» de caridade. E de Fevereiro a Junho de 1930, em menos de 6 meses, salda-se a dívida ao empreiteiro. Conseguiram-se, para isso, naquele curto prazo de tempo, nada menos que 235 contos!

— Chega a ser comovedor!

— Não faltaram dedicações. De vez emquando, uma das Senhoras da comissão destaca-se dela, organiza uma sub-comissão, e, enquanto aquela continúa a sua obra, vai ela organizando uma festa de maior vulto, que traga uma receita maior.

«Assim se fez, sob a direcção da Sr.^a D. Maria Lane Borges de Sousa, aquele lindo sarau de arte do Ginásio. Só êle nos trouxe 30 contos. A Sr.^a D. Cristina Rino Frois, acompanhada por um grupo de senhoras lavradeiras, promoveu, pouco depois, no Campo Pequeno, uma grande tourada à portuguesa, que deu, só ela, 53 contos. E com estas e outras receitas se cobriu a dívida.

— E as obras recommçaram?

— Não, infelizmente. Pagara-se a dívida ao empreiteiro,

mas, isso não chegava. Era preciso, efectivamente, que as obras recommencessem, e quanto antes. Para, isso, tínhamos, apenas 4 contos do Estoril, 12 contos das Pedras Salgadas e de Vidago, em quêtes ali organizadas por mim e pela Sr.^a Viscondessa de Merceana e D. Maria Luiza Mendonça. De Vidago, dum *cotillon* organizado pelas Sr.^{as} D. Laura Palha, Mll.^{es} Luiza Mendonça e Ramada Curto, vieram mais 3 contos. Juntaram-se-lhes 5 contos de materiais que o Sr. Gilman, da fábrica de Sacavém, nos ofereceu. E é com êste fundo exíguo que as obras recommencaram, há dias.

— E por quanto tempo vão elas prosseguir?

— Pergunta bem! Calcula-se que devem custar 10 contos por semana.

Temos dinheiro para duas semanas!

— E com que contam V. Ex.^{as} para resolver a situação?

— «Com o mesmo que até aqui — com o sentimento de bem fazer do nosso público, comovido como nós pela gravidade do mal a remediar.

«Recomeçamos as nossas festas e os nossos peditórios. Agora, coube-me a vez de organizar esta festa no Estoril. (De o jornal «O Seculo» de 23 de Outubro de 1930).

Contas dessa Festa:

Da Festa Veneziana — nas Termas do Estoril — «Festival do Século XVIII» — realizado a 26 de Outubro de 1930.

Da sua receita bruta 55.150\$85.

Da sua receita líquida 31.000\$00.

Constituíram a:

Comissão de Honra

As Ex.^{mas} Senhoras.

Condessa da Foz

Condessa da Póvoa

Marquesa de Pombal

- D. Clotilde Ferreira de Amaral Figueiredo.
- D. Izabel de Melo de Almada Lencastre (Sabugosa)
- D. Laura Cancela Infante de La Cerda
- D. Leonor de Oliveira Lane
- D. Maria Ana Portocarrero da Câmara Mesquita
- D. Maria Assis
- D. Maria do Carmo Castro Pereira Casal Ribeiro
- D. Maria Luiza Lopes de Mendonça
- D. Mónica de Vilhena e Vasconcelos

Comissão Executiva

Viscondessa de Merceana

- D. Alice Sauvinet Bandeira Bastos
- D. Laura Palha Infante de La Cerda
- D. Maria de Oliveira Meira
- D. Maria Palma Cassiano Neves
- D. Leonor de Almeida e Silva Marques Guedes.

A minha acção dentro da A. N. T.

CAPITULO II

Ainda em fins de 1920, foi convocada mais uma reunião na A. N. T., a que também assistiu o Sr. Dr. Pacheco de Miranda, que ali ia apresentar-nos o seu projecto duma «Semana da Tuberculose», em Lisboa, e a organizar pela nossa Comissão.

Sua Ex.^a alvittrara, e muito bem, que seria de bom aviso, englobar nessa ocasião todos os nossos esforços e aspirações, para êste fim, começando desde logo por sua espôsa, a Sr.^a D. Helena Pacheco Miranda, com a sua venda do emblema da A. N. T., num grande peditório e em que tôda a nossa comissão, havia perto de um ano, pensava e para o qual já trabalhava em 200 mil medalhas.

Além do produto material, que daria largamente para a conclusão e mobiliário do nosso Pavilhão no Lumiar, pô-lo-íamos assim pronto e apto a funcionar em conjunto com o Pavilhão Lambert de Moraes.

E ainda, teríamos a garantia de parte da sua manutenção com a «Semana da Tuberculose» dos anos seguintes, e,

é claro, com a ajuda do Estado, como se dá com todos os outros estabelecimentos de assistência pública, em plena actividade.

Depois de todas estas almejadas e prováveis garantias materiais, havia ainda o ensejo moral de se fazer ressuscitar uma intensa propaganda de profilaxia social anti-tuberculosa, tão precisa e tão útil, e, em que os médicos e a própria A. N. T., tomariam uma parte muito activa e preponderante e até a nossa Comissão teria de fazer palestras de propaganda nos *ateliers*, nas fábricas, etc.

Outras reuniões se seguiram a esta, para concretizar o mesmo assunto, que era a aspiração de todas nós.

Eu começara a trabalhar na primeira «Semana da Tuberculose», segundo um papel-mapa, que então, e em uma das reuniões, me fôra entregue pelo Sr. Dr. Pacheco de Miranda, em que era dada como presidente duma sub-comissão de propaganda, e só para êste efeito de ocasião, conforme o pelouro que me fôra confiado e distribuído. A outras Senhoras da Comissão, foram atribuídos diferentes pelouros e entregues outros papeis-mapas, dando-as igualmente, como presidentes das sub-comissões de festas, venda da medalha, etc.

A Comissão central, seria como sempre o foi, presidida pela Sr.^a D. Laura Palha ou, no seu impedimento, pela sua substituta, a Sr.^a D. Maria Luiza Ulrich Arouca. Se é certo que eu tomara o meu papel muito a sério—papel-mapa que arquivé!—o que também é verdade e depois se verificou, é que perante os estatutos da A. N. T.—uma única Comissão de propaganda, formada por Senhoras, ali deve existir.

É mesmo essa a razão de ser, e de estar, da nossa Comissão anexa às instituições dêste estabelecimento de assistência.

Reconheci, então, que erradamente fôra chamada presidente, quando de facto, apenas me cabia, e, deviam ter entregue, o meu programa de trabalhos, com êste titulo:—chefe da sub-comissão de propaganda da primeira «Semana da Tuberculose».

Numa reunião, o Sr. Presidente da Comissão Executiva da A. N. T. leu-nos o parágrafo dos estatutos dessa instituição, que confirma tudo que acima fica exposto e disse-nos que, ainda em harmonia com êsses estatutos, nós devíamos organizar-nos legalmente, pois que, se era um facto, de há muito trabalhar o nosso grupo com uma Presidente, legalmente e com actas lavradas a vida de tal Comissão e das suas reuniões não existia ali.

Eleita por nós, a nossa Comissão, e, posta a **funcionar legalmente**, com as suas actas em fôrma, e em reuniões de conjunto, com a Presidente e membros da Comissão Executiva da A. N. T., eu senti um grande alívio — aquêle de quem começa a entender-se no meio dum *pêle-mêle* perturbador! — e que julga ter encontrado o salvador ponto de apoio, e a forte e lúcida confiança dum futuro melhor e mais definido, menos fatigante em iniquidades, afinal inúteis para todos nós.

Retomado o meu quarto de sentinela, que tinha como se vê, muito de ingrato, de delicado e de bastante arrojo, a tantos títulos, pois, logo de princípio, eu só tivera a coragem de me expôr a romper a marcha, e em público, a lançar a ideia pela Imprensa, da «Semana da Tuberculose»; — nesta nossa terra, onde a **blague** tantas vezes supre o bom senso. Se, em vez da vitória final da primeira «Semana da Tuberculose» logo no comêço, desamparada, sossobrasse, — eu ficaria mal enterrada muitas braças abaixo da terra.

...Mas, coração ao largo e uma coragem, que positivamente não é a nossa, mas sim dum princípio! Tôda a Imprensa e, ainda o público em geral, num unisono interesse nacional, fazem o **milagre**.

A «Semana da Tuberculose» era já um facto, não só em Lisboa, mas, em todo o país!

«Realza-se, de 1 a 8 de Maio, a «Semana da Tuberculose», movimento digno de todo o carinho».

«A comissão de Senhoras, que se organizou para angariar fundos para o «Pavilhão do Lumiar», resolveu realizar, de 1 a 8 de Maio, próximo futuro, a «Semana da Tuberculose».

Na divisão de tarefas e encargos coube-me o de organizar a propaganda e publicidade necessárias ao êxito feliz dessa bela iniciativa, sugerida pela minha Ex.^{ma} amiga Sr.^a D. Heléna Pacheco de Miranda.

A ninguém já resta dúvida de que o flagelo maior que hoje existe em Portugal é o da tuberculose.

«O Seculo» acaba de o provar bem claramente, na sua patriótica campanha de inquérito, durante um ano.

Hoje, já é impossível fechar os olhos à realidade, à triste evidência dos factos:— a tuberculose é o maior dos males que assolam o País de norte a sul, roubando o nosso primeiro capital o **valor homem**: em Portugal, país com 6:000.000 de habitantes, morrem por ano, tuberculosos, mais de 20.000 portugueses!

Bem sei que não nos cabe procurar o círculo vicioso que determina uma tal hecatombe, embora o nosso coração e a nossa razão nos expliquem, confrangedoramente, os erros dos homens em tornarem complicado e difícil o que é tão simples e já prégado no mundo, através de tantos séculos, por apóstolos de todas as religiões e de todos os credos:

«Entre o cérebro e a mão está o coração».

Do grande homem, do sábio, ao homem humilde e medíocre, a divisão do ar, da luz e do pão, deve ser igual, cabendo apenas àquele o dever de sua superioridade mental, conduzindo êste, como seu irmão que é. */na*

E a recompensa tem-na bem largamente dentro de si próprio, na grandeza da sua vida espiritual, que o Destino lhe reservou.

Mas, para que não cause espanto que seja a Mulher quem se preocupe com problemas desta natureza, eu vou explicar os elos da cadeia que hoje, prende a minha atenção à humanidade que sofre, muito especialmente aos tuberculosos pobres.

Há bastantes anos já que aos meus ouvidos soa constantemente o debate de questões sociais, a ansiedade de as ver dia a dia mais aperfeiçoadas, estudadas, resolvidas — eu sei lá! — é a voz de meu marido, os seus livros, é este ambiente em que vivo.

Depois, o dia de amanhã, vejo-o nos meus dois filhos, dois rapazes.

Tenho, para mim, que o carácter dos homens é, logo em criança, formado pela mãe.

E' um tesouro que só a nós pertence.

E, para que eles vejam bem claramente na vida, é preciso que nós saibamos iluminar-lhes a alma, iluminando primeiro um pouco a nossa.

Não quero mentir aos meus filhos, nem quero, tão pouco, que eles me esqueçam.

Quero ficar a viver dentro dêles, prolongando assim a minha existência; e, porventura, ainda mais, numa sociedade melhor, a acompanhar o meu semelhante.

Como no fundo dos nossos corações vivem sempre os mortos, a saudade daqueles, que a tuberculose me matou, levou especialmente a minha piedade para os pobres tuberculosos, que sofrem com êste flagelo, todos os horrores da miséria.

É ainda dentro das leis consagradas à família, nós as mulheres, que devemos de viver ao ritmo do sacrifício, do amor e da bondade... — porque não os mesmos deveres na grande família que é a humanidade?

*
* *

«Há um ano que estou filiada na A. N. T. — pensava

ir ali ajudar um pouco nas poucas horas, que me restam livres. Puro engano! A miséria da tuberculose é tão grande que basta dizer: — em nossas mãos, as petições de tuberculosos que precisam de ser hospitalizados, em Agôsto de 1930, eram 400, em 8 de Outubro 500. Hoje, são 1.700!

É tóda uma engrenagem que nos envolve, que nos apaixona no ardor do combate encetado e na ânsia de ajudarmos a vencê-lo.

Na nossa Comissão de Senhoras, presidida pela benemérita Sr.^a D. Laura Palha, não existem diferenças de ideais, de crenças ou de fé; há apenas, e acima de tudo e de nós mesmas, a obra altruista que ali nos reúne.

Trabalhamos sob a direcção dos médicos-especialistas, aprendendo a grandeza do combate: — no seu início, com preventórios às crianças, às mulheres grávidas, a todos os predispostos; depois, tratamentos aos doentes curáveis e, por piedade e como isolamento, aos incuráveis.

Comovem-nos e perturbam-nos as dívidas da A. N. T., os seus orçamentos, os muitos milhares de contos que são indispensáveis para atacar o mal com eficácia, dentro dos planos já estudados...

Valores intellectuais e abnegações de espírito não faltam; o que falta, lamentavelmente, injustamente, é o valor material.

Pois, apesar da grande crise financeira que atravessamos, há que acudir, sem perda de tempo, a esta horrível calamidade, que, implacavelmente, inexoravelmente, sobe, dia a dia, nas estatísticas médicas: — em Lisboa, com 600.000 habitantes, morrem por dia 6 tuberculosos!

Julgamos a ocasião mais que oportuna, hoje, àmanhã e sempre, de lembrar aos portugueses que a nossa raça tende a extinguir-se.

E, assim, resolveu-se e vamos fazer a "Semana da Tuberculose."

A nossa Comissão e distintos médicos estudaram-na e organizaram-na."

Nela interessamos todas as classes, rogando-lhes que nos

ajudem com todas as disponibilidades, por menores que sejam, num esforço colectivo de combate.

Quando começava a ser conhecida a nossa «Semana da Tuberculose», o snr. Dr. Carlos Santos (Filho) solicitou da nossa Comissão uma reunião na A. N. T., que se efectuou no passado mês de Fevereiro.

Nessa reunião nos apresentou e leu este ilustre médico o plano da sua «Semana de Higiene» e pedia que ela antecipasse a nossa, dado o seu projecto ser todo de ordem doutrinária, explicando e orientando o público na higiene social, de cuja falta sai, como consequência mais funesta, a tuberculose.

Acedemos perante a leal coadjuvação do snr. Dr. Carlos Santos (Filho).

Ao encetar os meus trabalhos, sinto que duas grandes responsabilidades pesam sobre os meus hombros: — a honrosa confiança que as Senhoras da Comissão do «Pavilhão do Lumiar» depositam em mim, sentindo todos nós no fundo das nossas almas o que acabo de dizer, adivinhando-nos mutuamente e ajudando-nos na santa cruzada que nos reuniu.

E a outra grande responsabilidade é para com os tuberculosos pobres.

Mas, não me sinto desanimada.

Recordo os nomes beneméritos das minhas duas grandes mestras, snr.^{as} D. Ana José Guedes da Costa e D. Laura Palha Infante de La Cerda, a quem prometi esforçar-me sempre por bem merecer o título da sua discipula.

E, não terei eu lugar para desânimos, pois, que, até aqui, tenho encontrado sempre os melhores e mais generosos acolhimentos e incentivos nos peditórios e festas que tenho promovido ou que tenho colaborado.

Os mais humildes são até muitas vezes os mais dadiçosos. Há, actualmente, 12 operários electricistas que trabalham de graça no nosso «Pavilhão do Lumiar», dando-nos o esforço das suas horas livres, sem outra remuneração que não seja a da satisfação das suas consciências e a desta incomparável alegria moral de bem fazer.

Onde está, pois, o direito para hesitações?

O movimento anti-tuberculoso é de todos nós, — pertence a todos os portugueses.

Na propaganda da nossa «Semana» apelamos em primeiro lugar, para tôda a Imprensa, na sua sagrada missão de condutora da opinião pública; para a juventude das escolas, aqueles que com os meus filhos, serão os responsáveis de Portugal de amanhã, para o povo que sofre e a quem votamos uma parte da nossa existência.

O povo, que é quem sempre sabe despertar em nós tôda a grandeza dum passado heróico, em tôda a pureza da nossa raça que de novo ressurgirá.

Pela Comissão de Propaganda

(a presidente)

Leonor de Almeida e Silva Marques Guedes.

Publicada em «O Seculo» 19-Março-1931.

«A Favor do Sanatório do Lumiar, vai vender-se em Lisboa uma medalha, com a cruz da assistência».

A Assistência Nacional aos Tuberculosos, entidade fundada pela Senhora D. Amélia de Orleans e Bragança, que foi rainha de Portugal, edificou no Lumiar um sanatório de planície — «Sanatório Popular de Lisboa» — em forma de Z — sendo construído logo o seu corpo central, que é o que actualmente funciona, dividido em duas enfermarias, uma com doentes bacilosos e outra com doentes não bacilosos.

Todas as outras dependências, restritas a estas duas enfermarias, com os seus terraços de curas de ar e repouso e uma cosinha; jardins e cêrca, e verdadeiros milagres nas instalações médicas. Para completar êste sanatório, conforme o seu

projecto de início, faltavam-lhe dois pavilhões, com o respectivo alargamento da cosinha existente, suas ligações e divisões médicas.

Os beneméritos Esposos, Sr.^a D. Laura Lambert de Moraes e Sr. António Lambert de Moraes, tomaram a seu cargo construir um dos pavilhões para 40 leitos, pelo qual dispenderam a avultada quantia de 800 contos.

A Sr.^a D. Laura Palha Infante de La Cerda organizou uma Comissão de Senhoras a que preside, e, corajosamente, todas estas Senhoras tomaram a seu cargo, numa grande abnegação de espírito e de fé,—a construção do outro pavilhão para 80 camas.

Em 20 de Maio de 1927 começava o peditório desta benemérita Senhora e da sua Comissão, sendo iniciado com o donativo de 1:000\$00, dado pelo Sr. Dr. Manuel Carocha. E até hoje, conseguiu-se amealhar 811 contos.

Mas, ainda nos faltam para a conclusão do novo pavilhão, 450 contos.

Existem, portanto, no Sanatório do Lumiar mais dois pavilhões:—um completo, mas fechado; o outro, ainda em construção, quasi concluído. A iniciativa particular já dispendeu, como se verifica, a soma de 1:611 contos!

Estes dois pavilhões comportam 112 leitos, isto é, com o **roulement** dos doentes, que se dá em todos os sanatórios, pode bem dizer-se, comportam 250 tuberculosos por ano!

E, hoje, existem na A. N. T. — 1:700 petições de tuberculosos, que precisam e pedem para ser hospitalizados!...

—O Pavilhão Lambert de Moraes só pode funcionar em conjunto com o nosso, e, alargamento da cosinha, suas ligações e compartimentos médicos, que — custam 400 contos.

E, ainda, para efeitos sanitários, indispensáveis para os Srs. Médicos poderem trabalhar, faltam mais 50 contos.

—Eis as fortes razões, entre as muitas outras já expostas, que nos levam e animam a fazer a «Semana da Tuberculose».

Sabemos bem da crise financeira que se atravessa e, por isso, estudamos a forma para que todos os portugueses cum-

pram o seu dever de coração, auxiliando-nos, sem o menor desequilíbrio dos seus orçamentos, cada um na média das suas posses, mas que todos nos ajudem.

Desde Agosto passado, que as Sr.^{as} D. Laura Palha e D. Helena Pacheco de Miranda (animadora dêste peditório!), — tôda a nossa Comissão e mais Senhoras da nossa amizade, trabalhamos na preparação de pôr fitas e alfinetes em 200:000 medalhas, com a cruz da Assistência, que serão vendidas num grande peditório em Lisboa (aos seus 600:000 habitantes) no qual nós pedimos o mínimo de 1 escudo por medalha!

Será exagerado pensar que êste grande peditório nos dê o triplo dêste valor, calculado, dada a grandeza do mal a combater, com a alma generosa de todos nós, os portugueses?!

(Pela propaganda)

Leonor de Almeida e Silva Marques Guedes

Publicado em "O Seculo" 29-Março-1931.

"A Semana da Tuberculose".

Todos nós sentimos os nossos corações inquietos com êste mal atroz, que é a tuberculose, verdadeiro perigo nacional.

Haverá, porventura, alguma família incolume?

Gostaria de ver o inquérito.

Na visita a bairros pobres, as Senhoras verificam, cada vez mais, a esmagadora maioria de doentes tísicos.

A tuberculose é uma doença popular, social.

Reflete, como a face de um espelho, a imagem de um país em crise, com o seu povo sem instrução nem assistência — condições essenciais e fundamentais da existência humana, do sagrado direito de viver.

Há em Portugal 150 mil tuberculosos!

Portugueses, chegou a hora de serrarmos fileiras, num esforço colectivo começado, e que todos saberemos vencer.



O «Pavilhão do Lumiar» é um exemplo vivo, embora muito pequeno, dentro da grandeza do mal, mas, enorme em coragem e abnegação.

A nossa fé leva-nos a adivinhar ou a descobrir e desencantar os meios materiais para combater êste flagelo.

Espectáculos, festas de arte e de sociedade, certames desportivos, tombolas, quermesses, rifas, peditórios, — tudo nos tem servido para irmos amealhando os 811 contos que já estão gastos nas paredes do nosso Pavilhão.

A's vezes, mesmo, aceitamos alvitres e iniciativas que nem a todos agradam ou com que nem todos simpatizam, embora haja de reconhecer-se e de prestar homenagem à intenção altruista que as inspira.

Existe no nosso País, como nos outros, o vício do tabaco, em grande escala.

É um vício péssimo, por causa da nicotina, que é um veneno; portanto, nocivo ao organismo, prejudicial à vida do homem.

Está provado que o tabaco tem efeitos funestos sôbre a vida física e intelectual do fumador:

Um impôsto, sôbre o seu consumo, àlém de moral, seria, um impôsto voluntário.

Porque só fuma quem quere!

É uma despesa supérflua.

É justo, pois, pretender-se um aumento sôbre o preço do tabaco, a pagar só pelo consumidor — um sêlo anti-tuberculoso (um sêlo como nos medicamentos) destinado o seu produto à Assistência Nacional aos Tuberculosos.

Uns 5 por cento dariam alguns milhares de contos!

E o consumidor mal sentiria êsses centavos a mais, entre tantos escudos que diàriamente se perdem em fumo, em nada...

Reparai, quando à mÍngua de recursos morrem tuberculosos milhares de portugueses!

Seria como vêem, uma medida duplamente higiênica e justa.

Que dos males inevitáveis, dos vícios, saia um bem

É de tôda a justiça, pois, que aos tabacos fôsse lançada uma sobretaxa sôbre o seu consumo, com destino exclusivo à A. N. T.

Seria um subsídio tão eficaz para minorar o mais atroz sofrimento que mina a nossa raça!

Que protesto nos poderão apresentar os fumadores, que em todos os recintos fechados nos incomodam e viciam o ar com o seu fumo, desfalcando a sua economia e a sua própria saúde!

Mal terão fôrça moral para protestos; seria um **impôsto voluntário**, visto que ninguem é obrigado a fumar.

E acima de tudo, um acto altamente humanitário, trazendo à consciência de todos nós a paz de um dever, que começava a cumprir-se.

(Pela propaganda)

Leonor de Almeida e Silva Marques Guedes.

Publicada em "O Seculo" 6 de Abril-1931.

A "Semana da Tuberculose".

Sr. Director. — Rogo a V. um cantinho do seu jornal para a propaganda da nossa "Semana da Tuberculose."

A Comissão de Senhoras, presidida pela benemerita Sr.^a D. Laura Palha Infante de La Cerda, propôs-se concluir as obras de um novo Pavilhão no Sanatório do Lumiar.

Comportará êsse Pavilhão 80 camas, sendo o Pavilhão Lambert de Moraes para 40 doentes.

Poderão, pois, alôjar-se nos dois Pavilhões 112 tuberculosos; mas dado o **roulement** costumado, deverão passar por lá, anualmente, uns 250.

Achamos que devíamos aproveitar a "Semana da Tuberculose" para conseguir da caridade pública o dinheiro indispensável para a conclusão do "Sanatório Popular de Lisboa."

Bem sabemos que isto não é **tudo**, que é mesmo muito pouco, e que o essencial é a acção **preventiva**.

Mas, as Senhoras fazem, para já, o que podem.

Depois de conseguido o objectivo que nos reúne agora, porque não meter ombros a uma obra de **medicina social**, que pode ser poderosamente coadjuvada pela acção da Mulher?

Terá essa obra que abranger os **preventórios**, amparando a infância; a propaganda da hygiene; o melhoramento de habitação, acabando com as vergonhas dos **pátios** de Lisboa e das **ilhas** do Pôrto, dos Bairros da Liberdade e da Bélgica, com as casas sem ar e sem luz, onde existe uma promiscuidade, contrária a todas as regras da hygiene e da moral.

Por agora, porém, o principal é concluir o que já está começado.

Propomo-nos acabar o "Sanatório do Lumiar", com o grande exemplo de coragem e de abnegação com que a nossa querida presidente, Sr.^a D. Laura Palha, nos soube animar para a luta

(Pela propaganda).

De V., etc.

Leonor de Alneida e Silva Marques Guedes.

Publicado em o "Diário de Lisboa" de 12 de Abril de 1931.

"Na "Semana da Tuberculose", que será aberta com uma sessão solene, na Sociedade de Geografia, devem ser realizadas conferências de propaganda".

Procurei traçar, nas colunas dêste jornal, tão gentilmente pôsto à minha disposição, as linhas gerais dum programa de acção, que entendi e entendo poder ser levado a cabo com a ajuda das Senhoras portuguesas.

Na sociedade, tão dividida pelos mal entendidos e ódios

dos homens, a Mulher poderia e deveria propôr-se uma obra de assistência e bem fazer, pondo um pouco de piedade e de ternura pelos que sofrem, nos tumultos das discussões que nos dividem.

Encarregada da propaganda duma «Semana da Tuberculose», para angariar fundos para um pavilhão no Sanatório do Lumiar, procurei interessar a Imprensa nessa obra, mostrando que, depois e acima dela, outra mais larga nos proporíamos fazer em prol da Assistência Nacional aos Tuberculosos.

A Imprensa tomou, carinhosamente nas suas mãos essa ideia e vai agitá-la com a grande fôrça da sua expansão publicitária.

O que era voz débil de Mulher, que passe a ser um clamor de opinião pública.

No meu pôsto de combate continuarei incitando, colaborando, tomando sem esmorecimento, o meu quinhão na grande tarefa a realizar.

Porque assim foi necessário e disso me incumbiram, saí por momentos da fileira, como arauto, para expôr uma ideia e um programa de acção.

Como aquela frutificará e êste já está traçado, tomo o meu lugar na fila, para que vozes mais altas se ergam e as vontades largamente se conjuguem.

Agradeço, comovidamente, a hospitalidade que me concederam, nas colunas dêste jornal, que oxalá continue, como sempre e com redobrado ardor, a sua patriótica cruzada.

Durante a «Semana da Tuberculose» serão feitas as seguintes conferências: «Aspectos económicos e sociais do problema da tuberculose», pelo Dr. Cassiano Neves; «A luta contra a tuberculose em Portugal», pelo Dr. Lopo de Carvalho; «Higiene social do tuberculoso», pelo Dr. Pacheco de Miranda; «Contra a tuberculose» pelo Dr. Cardoso do Carmo (Pôrto).

«Remédios sociais contra a tuberculose», conferência popular de propaganda e educativa, compreendendo: Cap. I.

— Propaganda e educação popular, pelo Dr. A. Vieira de Campos; Cap. II — Casa insalubre e pardieiro, pelo Dr. Guilherme de Oliveira; Cap. III — Perigos dos contágios maciços, de família e coabitação, pelo Dr. Vaz Serra; Cap. IV — Isolamento do tuberculoso, pelo Dr. Matos Beja; Cap. V — Cuidados aos sãos — Imunização, separação, robustecimento, pelo Dr. Lúcio de Almeida; Cap. VI — O alcoolismo, factor social da tuberculose, pelo Dr. Mário Trincão. (Estes seis últimos, professores e médicos de Coímbra).

Sessões populares de vulgarização e propaganda, nas quais toma parte, entre outros, o ilustre advogado e eloquente orador Dr. Ramada Curto.

Este conjunto de conferências e sessões será aberto por uma sessão solene na Sociedade de Geografia, presidida pelo Sr. Conde de Penha Garcia, seu ilustre presidente.

(Pela propaganda)

Leonor de Almeida e Silva Marques Quedes

Publicado em o «Seculo», 29-Abril-1931.

«Semana da Tuberculose»

«. Sr. Director do Diário de Notícias»: — O seu jornal tem sido sempre duma gentileza inexcédível para a propaganda que me propuz realizar, por incumbência de quem de direito, em prol da organização duma «Semana da Tuberculose».

E' por isso credor do meu maior reconhecimento pessoal e do das Senhoras da Comissão do «Pavilhão do Lumiar».

Essa propaganda chegou à altura de passar das considerações gerais que serviram para mostrar as grandes linhas dum programa de acção social contra a tuberculose, ao caso especial e de momento da realização daquela «Semana», onde as vozes mais autorizadas dos técnicos vão erguer-se como a

melhor justificação do auxílio material do público, que pediremos por meio de festas, espectáculos e peditório, já anunciados.

Serão feitas as seguintes conferências, durante a «Semana da Tuberculose»: «Aspectos económicos e sociais do problema da tuberculose», pelo Dr. Cassiano Neves; «A luta contra a tuberculose em Portugal», pelo Dr. Lopo de Carvalho; «Higiene social do tuberculoso», pelo Dr. Pacheco de Miranda; «Contra a tuberculose», pelo Dr. Cardoso do Carmo (Porto).

«Remédios sociais contra a tuberculose», conferência popular de propaganda e educativa, compreendendo: Cap. I— Propaganda e educação popular, pelo Dr. A. Vieira de Campos; Cap. II— Casa insalubre e pardieiro, pelo Dr. Guilherme de Oliveira; Cap. III— Perigo dos contágios maciços, de família e coabitação, pelo Dr. Vaz Serra; Cap. IV— Isolamento dos tuberculosos pelo Dr. Matos Beja; Cap. V— Cuidados aos sãos — Imunização, separação, robustecimento, pelo Dr. Lúcio de Almeida; Cap. VI— O alcoolismo, factor social da tuberculose, pelo Dr. Mário Trincão. (Estes seis últimos professores e médicos de Coimbra).

Sessões populares de vulgarização e propaganda, nas quais toma parte, entre outros, o ilustre advogado e eloquente orador Dr. Ramada Curto.

Este conjunto de conferências e sessões será aberto por uma sessão solene na Sociedade de Geografia, presidida pelo Snr. Conde de Penha Garcia, seu ilustre presidente.

Reitero a V. o meu vivo reconhecimento pela generosa hospitalidade que me concedeu no seu jornal e pelo carinho com que sempre festejou o meu nome e a minha acção, que por agora cede o lugar àqueles a quem incumbe a segunda parte da tarefa a realizar.

(Pela propaganda)

Publicado em o «Diário de Notícias» 29-Abril-1931.

«No próximo sábado, deve iniciar-se a grande e benemérita cruzada da «Semana da Tuberculose»».

«O século XX — diz Ellen Key — é o século da criança». E, certamente, é este o problema mais palpitante e de momento, que preocupa todos os povos — na após-guerra nas convulsões sociais, que dela derivaram, e a que todo o mundo civilizado está ligando a sua maior atenção — preparando hoje as suas gerações de amanhã.

Nós mesmas, as mãis, pensamos assim e olhamos para os nossos filhos com uma grande fé compensadora: — «eles serão mais felizes do que nós, *amanhã*».

Hoje, apenas somos uma geração transitória, que vive de sacrifícios para nós, mas de felicidades futuras para eles.

A «Carta dos Direitos da Criança» e a «Declaração de Genebra, que a Sociedade das Nações solenemente aceitou e proclamou, deram à criança os seus sagrados direitos e ao mundo civilizado os seus mais imperiosos deveres a cumprir.

Princípios estes que foram religiosamente aceitos e estão sendo observados, desde os povos mais conservadores aos mais avançados.

A Tutoria da Infância, em Portugal é, já hoje, qualquer coisa de muito grande e exemplar, como protecção moral e jurídica à criança.

É uma obra de República, em que colaboram todos os portugueses, material e moralmente, com a maior abnegação entre si, com o mais sagrado respeito mútuo por tôdas as crenças políticas e religiosas.

Como, de resto, se faz em todos os outros países de grandes educações cívicas e, ainda, nos compromissos internacionais, que Portugal assumiu.

Preparar a infância de hoje, numa abnegação de nós mesmos — esquecendo-nos do *eu* — é reconstruir um mundo novo, uma sociedade nova, sem violências.

A família do pobre está em desagregação e entre outras razões, é a de ordem económica, uma das maiores, pela organi-

zação do trabalho, imposta pela concentração industrial e comercial.

A fábrica, o grande armazem, destruíram a família à romana (se assim se pode dizer). O tipo da família patriarcal, com o pai, senhor e mestre ou patrão — vivendo todos da sua pequena indústria ou comércio — tende a desaparecer completamente; quasi já não tem ambiente próprio; asfixiaram-na a grande indústria e o grande comércio do após-guerra, em todo o mundo.

O pai vai para a fábrica ou armazem e, como o salário não chega para prover às necessidades da família, a mãe vai também para ali ou para o *atelier*, e os filhos vão para a escola.

Aqui, no nosso País, a escola atira, às duas horas da tarde, a criança para a rua, onde ela vagueia até à hora do regresso da mãe, que vem do seu trabalho — (quantas vezes!) — fazer a única refeição quente, que a criança come!...

E digam-me se as Tutorias da Infância em Portugal, prevendo e amparando a infância abandonada e em perigo moral, delinquente ou indisciplinada — com toda a sua ordem jurídica e tutelar, em que todos os portugueses podem colaborar — não será um imperioso e indiscutível dever a cumprir, uma das mais nobres acções sociais?!

Se não será o reconhecimento tácito do equilíbrio natural das coisas e da solidariedade humana?!

E, porque assim é, e porque as tutorias são um facto que muito honra o nosso patriotismo e os nossos deveres perante a humanidade, porque não existe também, em pé de igualdade, a assistência médico-social à criança, prevendo-a e acompanhando-a logo no ventre materno, com maternidades, lactários, crèches, jardins de infância, dispensários e preventórios, o estudo completo e já existente, pôsto em acção, formando a *criança bom exemplar físico*, ao lado da criança moral que pretendemos formar, num belo exemplar da nossa raça e ao nível do mundo contemporâneo.

«A *criança bom exemplar físico*, quasi não existe. Há

apenas, para tal fim, da iniciativa particular, «uma gôta de água no oceano».

«A alma sã em corpo são» — só assim se compreende que seja.

A Assistência Nacional aos Tuberculosos, dentre os múltiplos aspectos da luta anti-tuberculosa, assim o proclama: — a assistência médico-social à criança é um dever sagrado, que se impõe entre os primeiros, como profilaxia infantil e como regeneração da nossa raça e combate sem tréguas contra a tuberculose.

(Pela propaganda)

Leonor de Almeida e Silva Marques Guedes.

Publicado em «O Seculo», 28-Maio-1931.

*
* *

«A Semana da Tuberculose»

Estamos na «Semana da Tuberculose». Deixei que a propaganda de tôda a Imprensa se expandisse e que todos os esforços se conjugassem, para que, chegado o momento duma das maiores afirmações da nossa educação cívica, ela fosse coroada do melhor êxito.

O mal, que nos causa a tuberculose, é já oficialmente classificado de *perigo nacional*.

Em Portugal há mais de 150 mil tuberculosos.

Morrem tuberculosos, em cada ano, mais de 20 mil portugueses — quatro vezes mais do que o nosso exército permanente — mais que a população de qualquer das nossas maiores cidades da província.

Dizia-me, há pouco, um distinto médico tubercologista: — «E pensarmos nós que apenas nos falta o dinheiro para encetarmos o combate anti-tuberculoso, com eficaz! — Sabe?

Na Dinamarca (é exemplar!) em poucos anos a mortalidade pela tuberculose desceu nas estatísticas 80 por cento».

Hoje, é êste um país modelar, sob vários aspectos, sendo o principal a sua higiene social.

Lembra-me, em Inglaterra, onde a assistência particular é um hábito, um costume de todos aqueles que possuem *shillings*, um acto natural, um dever sagrado, como o são a sua liberdade, o seu culto pelas tradições, o amor e o respeito pelo seu país e pela sua raça.

Povo admirável, cioso dos seus direitos e consciente dos seus deveres.

No Pôrto, naquela cidade, onde há um grande carácter bairrista, muito acentuado, e um grande e tradicional civismo, altamente marcado através de tóda a nossa história — o hábito de assistência particular é já hoje um grande facto.

Recordo, há anos, quando da depreciação da nossa moeda, no perigo financeiro que atravessou o hospital da cidade, (que é da iniciativa particular!), foi êle salvo por um grande peditório, feito por 700 Senhoras; só num dia, levantaram-se perto de mil contos!

Se o povo é o mesmo, na nossa terra, de norte a sul, com a mesma alma, as mesmas crenças e a mesma fé, se somos todos portugueses, sofrendo do mesmo mal horrível... Se se sente tão bem a dor que nos fere só à palavra *tuberculose*; se a todos ela nos encomoda, perturba ou indigna os olhos tantas vezes marejados de lágrimas, palavras abafadas pela comoção, gestos de revolta contra êste mal inexorável, contra a incúria, contra a inércia e o desleixo de todos nós, afinal... Mas, chegou o tempo, o momento de todos lhe opôrmos um *basta!* — numa vontade única, unisona de portugueses.

Povo de Lisboa, amanhã, dia 2 de Julho, fazemos o nosso grande peditório, vendendo-vos a medalha com a dupla cruz da Assistência Nacional aos Tuberculosos (que também o é em todos os outros países) comemorativa da nossa «Semana da Tuberculose».

E nós, sentimo-nos bem perto de todos vós, confiados e felizes, como intermediárias, levando o nosso obulo aos pobres tuberculosos e ainda o vosso exemplo ao país inteiro!

(Pela propaganda)

Leonor de Almeida e Silva Marques Guedes.

Publicado em "O Seculo" 1-Julho-1931.

"A Semana da Tuberculose"

A tuberculose não é hereditária; um filho de um tuberculoso será um individuo são, se fôr criado e educado dentro da hygiene social.

A tuberculose é uma doença contagiosa, epidémica, vivendo e medrando na miséria do tugúrio de pobre,—sem pão e sem ar!—mas, subindo também ao palácio do rico.

Não escolhe castas ou degraus sociais; ceifa vidas a êsmo, em todas as idades, e, num sarcasmo impiedoso, de preferência a juventude.

E, assim, o nosso coração confrangido pergunta:—por êsse País fora, quantas mãis, espôsas, filhas e irmãs chorarão connosco a saúde de aqueles que a tuberculose matou—ou ansiosamente, reprimindo lágrimas e tristezas, fazem por sorrir aos seus doentes, com animadoras palavras de esperança, dando-lhes todos os carinhos e confortos — "que o dia de amanhã será melhor, a cura virá" — embalando-lhes as almas!...

E as mulheres pobres, nas mesmas ansiedades, mas na luta cruel das suas vidas mais duras, que dirão elas, que poderão elas dizer e fazer aos seus doentes, se a Assistência Pública lhes não valer, ajudando-as a tratarem os seus tuberculosos, provendo à sua saúde, numa sociedade melhor e mais justa (como já hoje o é, em todos os países civilizados)—trazen-

do-lhes na higiene social, os preventórios, dispensários e sanatórios?!

...Numa grande educação cívica de todos nós e na síntese de todos os credos — *“fazei ao vosso semelhante o que quereis para vós”* — simples e clara como a luz que todos os dias nos ilumina, e, ao alcance de todas as razões.

E, ainda, porque a justiça no mundo deve ser um dogma, porque não encará-la bem de frente, seguindo cada um a directriz da sua consciência bem formada, deixando o seu coração ditar e, numa piedade cristã, olhar à sua volta os humildes e os desamparados?!

Todos nós, a quem a fortuna ou a situação social marcou um direito de *“élite”* — temos sagrados deveres a cumprir; nem de outra maneira se explica o lugar de escol, na onipotente justiça de Deus!

E, porque assim é e porque todos nós o sentimos e vemos compreender, eu venho fazer um apêlo a todos os meus compatriotas, que possam, atender-nos, especialmente a todos aqueles cujos olhos se humedecem de lágrimas e em cujos lábios ainda tremulem preces, ou um nome querido... que a tuberculose, armada em fôrça sôbre as nossas cabeças, nos ameace alguém...

Lembrai-vos dos pobres, que morrem lentamente de tuberculose, a quem tudo falta, na miséria, onde a morte, se é possível, ainda parece mais triste!...

Dotai a Assistência Nacional aos Tuberculosos, lembrai-vos dela nos vossos legados, arrancai-lhe os seus fatos de indigente e vesti-a de brocados de oiro, enchei-lhe o regaço de tesouros que se transformarão milagrosamente, não em flores, mas em bençãos de Deus para nós e no belo exemplo humanitário para o nosso Portugal!

(Pela propaganda)

Leonor de Almeida e Silva Marques Guedes.

Publicado em *“O Seculo”* 2-Julho-1931.

*
* *

O resultado material da primeira «Semana da Tuberculose» por todo o País, foi de *mil contos!*

Em Lisboa rendeu 554:290\$05; só a venda da medalha deu 353:882\$75.

—E, se não fôsse o nosso temperamento de meridionais, tantas vezes queimando num momento, todo o entusiasmo das nossas convicções, — eu ficaria absolutamente capacitada, que racional e lógicamente soára a hora da justiça para o tuberculoso pobre!

Mas, logo onde as fileiras deviam estar cerradas, formando o primeiro quadrado compacto, para a luta anti-tuberculosa, lamentavelmente se verificava, que elas abriam largas clareiras, de grandes e insuperáveis lacunas. Ou então, era eu tão ambiciosa e exigente, que queria já encontrar impecável e sólidamente construído o *pedestal* da bela e maravilhosa estátua architectada e que idealmente começava a ser construída?!

Sucessivos quadros de incertezas, surgem e começam a querer definir-se no meu espírito, em largos horizontes, a que antepuz a filosofia de que *no fin*, tudo seria por bem para a miséria, a velar, dos tuberculosos pobres.

E, ainda, o conselho amigo de Alguem, que neste país é uma das primeiras vozes espirituais, — dizia-me: — «quantas mais barreiras a transpormos no nosso caminho, maior será o mérito».

... «E, Deus confiou-nos a vida, para a darmos, em sacrifícios, por outrem!...»

Esforcei-me mais uma vez, sem desânimos ou más crenças, a concretizar o nosso comum Ideal.

Ainda em Julho de 1931 aceito das mãos caridosas da então nossa muito ilustre Embaixatriz no Brasil, — mais um óbulo de piedade, para os tuberculosos pobres, e, por esta bondosa Senhora angariado entre a colónia portuguesa do Rio de Janeiro, com a lista dos seus subscritores.

Recebo um cheque com um seu cartão, que diz: — «Madame Duarte Leite, — tem o prazer de entregar a Madame Marques Guedes **12.903\$00**, do pedido que lhe fez, para o «Pavilhão dos Tuberculosos no Lumiar».

No dia immediato, entreguei, na A. N. T. êste dinheiro à nossa Presidente, Sr.^a D. Laura Palha.

— Já em vésperas de partida para férias, e, que por êste motivo tive que adiar, — devo às almas generosas de outras pessoas muito amigas, a satisfação ao meu antigo pedido: — a inauguração do Casino do Estoril reverte ainda e também, a favor dos tuberculosos pobres.

Formo a Comissão de illustres Senhoras que me acompanham; e, a 22 de Agôsto de 1931, — entrego à Comissão executiva da A. N. T. mais 31.048\$00.

Porque me retiro temporariamente da A. N. T.

CAPITULO III

Nos princípios de 1932, começaram novamente as chamadas da A. N. T.—e pude desde logo verificar no começo de mais êsse período de reuniões de conjunto da nossa Comissão de Senhoras e da Comissão Executiva, que, decorridos os primeiros *riscos* da experiência feita, com a primeira «Semana da Tuberculose», ela passava, agora, a ser propriedade da direção da A. N. T.

Findava assim, num sonho desfeito, todo aquele programa lindo de há um ano, que nos fôra apresentado pelo Sr. Dr. Pacheco de Miranda, e, que por nós, Senhoras da Comissão, fôra acalentado e empreendido com tanto carinho, como garantia de vida ao nosso Pavilhão do Lumiar, a que todas votáramos a melhor da nossa ternura.

Tive então sincera pena da nossa Comissão, reputando-a unicamente vítima de si própria, na sua organização imperfeita.

Só um estudo sério e aturado, metódico e persistente, nos poderia trazer a confiança em nós mesmas, para bem sabermos crêr e vencer.

São indispensáveis uma orientação definida, a determinação nítida do fim a atingir e o traço de ligação *dum ideal único*, servido pelos mesmos princípios ou por uma forte disciplina, com os devidos valores nos seus logares próprios e respeitados, para o bem comum; fazendo desaparecer assim as individualidades, — para só falar por si e por todos nós, — a própria Obra colectiva.

Quebrando o silêncio, com que não queria desanimar ou desiludir ninguém, como que pretendendo iludir-me a mim mesma, quando a nossa Presidente faz reparos nas minhas longas ausências, tenho as justificáveis *bóias de salvação* — o trabalho entre mãos do cumprimento do legado-espiritual do Dr. Carlos Eugénio Paço de Arcos, e a que me dedicára desde Dezembro de 1931, e, ainda, o trabalho de colocação dos cofres da A. N. T., em todo o Concelho de Cascais.

E, depois, vinha ao meu espírito a dúvida, — quem sabia? — talvez que, com a nova e exclusiva direcção, da Comissão Executiva da A. N. T., entrando apenas a Comissão das Senhoras, e reduzida a sua missão à expressão mais simples!, numa cómoda irresponsabilidade, — a propaganda da segunda «Semana da Tuberculose» ganhasse; e muito, a campanha anti-tuberculosa, por quem de direito, e mais amplamente, como seria de esperar, fosse muito mais brilhante e vantajosa em lucros materiais para os tuberculosos pobres!

— Valesse bem, a perda duma promessa com que sonháramos, valesse bem o sacrifício da nossa renúncia... — Há sempre que contar com os imprevistos.

Se os meus princípios me levaram a tais conclusões ou concepções, na realidade, por maiores esforços que fizesse para animar a bonhomia que me adoptara, por sistema, — era penosamente que me mantinha assistindo às reuniões de conjunto da nossa Comissão e da Comissão Executiva da A. N. T., — embora aquela minha filosofia me desse, e bem largamente, uma humana satisfação!

E' que há coisas inéditas nesta nossa terra — que chegam a ser enternecedoras e adoráveis de ingenuidade...

A segunda «Semana da Tuberculose» tinha já para mim, o mérito de ainda conseguir ser maior em desorganização, programa inferior e entusiasmo menor.

A espiritualidade, a *alma*, havia sido posta à margem, por descabida e importuna.

O que imperava, absolutamente, bastando-se a si mesma, era a técnica.

Muito bem. A orientação demonstrada no começo deste trabalho, do que se pensa e faz nos outros países, — cá na nossa terra, é letra morta.

Pois, eu continuo convencida e defendendo, que a assistência e previdência sociais são redutos que, por direito próprio, devem pertencer, preferentemente, à Mulher, ou pelo menos, deve caber-lhe nela uma leal e larga colaboração com o Homem, em verdadeiro pé de igualdade, completando-se os seus esforços.

E, assim pensava a A. N. T., — já há perto de 30 anos! — quando da sua fundação, chamando a Mulher, como legítima e reconhecida auxiliar numa **Comissão de Senhoras de propaganda**, como consta dos seus estatutos da primitiva.

Mas, eu entendi claramente que o que a actual direcção da A. N. T. pretendia hoje dessa Comissão de Propaganda, formada por Senhoras, não seria mais do que, colocando-lhe uma sacola ao ombro, e a mão estendida à caridade pública, como moça de cego... aguardar a esmola que viesse; o trabalho em conjunto, completando-se, oferece por vezes, demasiados contrastes de luz e sombra, num quadro de meias tintas.

E assim, elucidado claramente o meu espirito, — mas, desejando concretamente ver em factos todas estas minhas conjecturas, — dispuz-me a colaborar *dentro do programa que nos era apresentado*, na segunda «Semana da Tuberculose».

No entanto, pedi que me dispensassem e que só me chamassem nas vésperas do grande peditório, pois, ainda devo confessar, que tenho por hábito a disciplina e a paz.

Para poder produzir e ser útil é-me absolutamente precisa a calma, sem a qual a cabeça se esvai, aniquilando-me comple-

tamente, ficando só as mãos para trabalhar, o que está fóra do meu temperamento.

Por todos estes motivos e razões, julgando-me em minha consciencia, absolutamente dispensável pois que de nada serviria o meu officio de corpo presente nas salas da séde da A. N. T. — aguardei ainda, serena e disciplinadamente, a minha chamada, para ir angariar mais dinheiro . . . E, entretanto, ía socegradamente organizando em minha casa a zôna 6.^a, que me pertencia.

Três dias, poré, n, antes do grande peditório e venda do emblêma, vem a chamada da A. N. T. — a que eu correspondi para receber o material, cruces, sacas, braçadeiras e prospetos de recomendações e de propaganda, etc.; e do Sr. Presidente da respectiva Comissão Executiva recebo ainda a noticia de que, à ultima hora, se haviam dado conta de que a minha zona estava dividida entre dois administradores dos Concelhos de Cascais e Oeiras.

Apesar de preparada, esperando *tudo que viesse*, verifiquei desoladamente que nem andando eu assim ao longe escapava. — Confesso ainda que fiquei admirada com tal novidade, que me fôra participada com o *nonchalance* da maior simplicidade.

Eu explico: — a minha zôna (6.^a) que já o fôra o ano antecedente, compreendia: — Rua do Corpo Santo, Largo Duque da Terceira, Caes de Sodré — Cascais, em tôda a Linha ferrea, Estação dos Vapores de Cacilhas, Mercado do Peixe, Casa Bancaria Borges & Irmão e Casa Vasco Bensaude.

Eu formára igualmente o mesmo grupo de Senhoras do ano anterior; — que carinhosa e exemplarmente compareceu à minha chamada, constatando com emoção que apenas faltava entre nós, uma Senhora, por estar doente!

Somos, portanto, 65 Senhoras, que . . ., oh! irrisão! — a nova direcção da segunda «Semana da Tuberculose» pretende encerrar (engaiolar ridiculamente!) no limitadissimo espaço de algumas ruas e largo, em volta da Estação do Cais de Sodré!

Tôda a linha ferrea seria um valor nulo, à falta de ma-

téria prima, porque o público já teria o seu emblema em todas as povoações e em todas as respectivas estações, nos dois concelhos de Cascais e Oeiras.

O que restava era, pois, uma fracção mínima, e de forma alguma eu iria sujeitar essas Senhoras ao vexame de uma injustiça tão imerecida.

Todas nós tínhamos a consciência do bem que havíamos sabido cumprir o nosso dever, exemplar e modelarmente fazendo da nossa zona 6.^a uma das primeiras, senão a primeira.

Assim ficava mutilada a zona, pela própria parte interessada. Não se compreendia a inconsciência de tal acto, a não ser por um acinte.

Fiquei porém, completamente desorientada ao verificar a verdadeira aflicção com que a direcção da A. N. T. procurou emendar a mão, envidando junto de mim todos os esforços para retirar a minha desistência e fazer a... hipotética zona.

Lamentei que, dentro da A. N. T. e em vésperas do pedtório, tanta gente se encomodasse por minha causa e por um êrro, em que, afinal, eu era a primeira vítima.

Conseguem levar à desistência da missão, que antes lhe tinham pedido, o Sr. Administrador de Cascais, e, eu, por uma feliz coincidência, encontro ainda em Sua Ex.^a além de todas as facilidades e ajudas oferecidas, um conterrâneo, um antigo condiscípulo e amigo de um meu irmão, morto pela tuberculose.

O Sr. Administrador de Oeiras persiste, e com razão, na missão, que lhe incumbiram, e que, aceitando, cumpria,—tendo formada já a sua zona com grupos de Senhoras.

Conservo as 64 Senhoras da minha Comissão, para não as desanimar, na completa ignorância de mais êste êrro da insuficiente direcção da «Semana da Tuberculose».

No dia do pedtório observa-se que:

(a) numerosos passageiros, que desembarcavam, traziam já pequenos emblemas de papel, que lhes tinham vendido nas povoações ou estações do percurso; e assim

(b) perdia-se uma parte muito apreciável do público, a que a nossa comissão devia pedir;

(c) estabelecia-se nesse público uma confusão lamentável e que podia ser muito prejudicial ante a existência de duas espécies de emblemas — os de papel vendidos na linha e os nossos de metal — levando-o a suspeitas de aparente fundamento;

(d) outros grupos de Senhoras de outras zonas, muito antes da hora marcada para a liberdade completa de pedir, tentaram invadir a nossa, e até penetrar na Estação do Cais de Sodré, onde estava a própria séde da Comissão.

É com um esforço enorme e contínuo que consigo manter o moral e estímulo da minha Comissão.

Restavam-me a consoladora dedicação de todas essas Senhoras pelos tuberculosos pobres, a fazer contraste com quem de direito, e a simpatia do público, que tão bem nos recebeu.

E, mais do que isso, a colaboração da gente de aquela casa, que ocupavamos, desde a sua direcção superior ao mais humilde dos seus empregados, até aos porteiros, todos procurando com carinho e admiração reanimar em todas nós as forças de uma coragem, por momentos abatida.

E daí a dias, vou acabar a minha zona no interior do Concelho de Cascais, coadjuvada por mais 40 Senhoras dessa região e pelas beneméritas corporações dos Bombeiros Voluntários de Alcabideche, Cascais, Estoris, Parede e Carcavelos.

Nota comovente e flagrante! — esta parte da zona é formada por pobres aldeias saloias, onde há muitos desempregados; mas, ninguém se recusa a dar o seu óbulo.

E mais 7.000\$00 — amalhados em moedas, as mais miúdas de cobre e de alpaca, — fazem um pêso enorme e a admiração de todas nós, perante tantas esmolas, dadas por tantos pobres!...

E assim salvei da tempestade e do naufrágio da minha desmantelada zona 6.^a, — 20.000\$00. Com metade do esforço dispendido e sem as aflições sofridas, com ordem e serenidade, teríamos alcançado o dôbro do dinheiro.

Quero agora aqui dizer e explicar o conceito que formo de um grande peditório.

Podem dividir-se estes actos de assistência, com o fim de angariar dinheiro para os pobres, em três grandes classes: — de assistência particular ou privada, assistência popular e assistência pública.

Por exemplo, um chá de caridade, um baile, uma festa de arte, etc. — são actos de assistência particular ou privada, que destinamos a uma determinada *élite*. Uma tourada, um *foot-ball* de beneficência são festas populares, isto é, festas onde pode ir tôda a gente, sem selecção das *élites*; são uma forma de assistência popular.

Pois bem, a um **grande peditório**, como foram os das "Semanas da Tuberculose" — eu chamo, dentro da arte de pedir dinheiro para os pobres, o primeiro acto público de assistência.

É um verdadeiro acto de educação cívica, onde todas as crenças e credos e todas as escalas sociais colaboram: — religião, política, riqueza, mediania ou pobreza, tudo desaparece, para dar lugar a êste fim simples e único, entre portugueses! — *uns que pedem e outros que dão para os seus doentes pobres.*

Se há algum sentimento, comum, que faz vibrar as nossas almas nesse instante, é o da fraternidade.

São uns momentos, em que o espírito nacional desperta esquecendo tudo o mais, ao alarme de uma grande tragédia no país inteiro, no nosso Portugal imprevidente, que deixa a tuberculose matar em cada ano e dentro das suas fronteiras, mais de 20 mil portugueses!

E hoje, já todos nós somos conscientes dessa grande desgraça — que êsse grande peditório teve o mérito, ainda, de vir lembrar; não se sabendo, mesmo, qual dos dois valores seria o maior: — se o material, se o moral.

Para um grande peditório numa cidade, divide-se esta em zonas, e cada zona é entregue à sua chefe,

Como chefe da zona 5.^a aqui em Lisboa — tratei de formar o grupo de Senhoras minhas auxiliares, em quem deleguei a incumbência de por sua vez fazerem o seu grupo de outras Senhoras vendedoras — ficando assim a cadeia de mútua fidelidade e confiança formada por elos bem sólidos, pois que todas se conhecem entre si, constituindo um todo homogêneo.

A direcção consta de:— chefe, sua substituta, contabilista, sua substituta e ajudantes, auxiliares com três ou mais vendedoras, formando os grupos.

— A mesa é formada por dois sectores, um de direcção, que pertence à chefe, que com o mapa da sua zona e os grupos das Senhoras divididas em turnos, por horas alternadas, e escalonadas num papel-lista, um relógio e um telefone; com todos estes poderosos auxiliares à mão, sentada numa cadeira, pode movimentar-se e dirigir-se um grupo de 100 Senhoras.

Ainda, sob a responsabilidade da chefe, a outra metade da mesa é da contabilidade, que se compõe da contabilista, substituta e suas ajudantes.

Auxiliares com vendedeiras chegam aos grupos, entregam o dinheiro que trazem, que é logo contado e escriturado, sucessivamente selecionado por valores, formando pacotes de notas com cintas numeradas ou rôlos de moedas embrulhadas em papéis, também numerados.

Ao fim da tarde e da tarefa concluída, veem então os técnicos contabilistas verificar as contas.

Conferidas estas, é o dinheiro fechado numa caixa ou saco selado, que depois a chefe entrega à assistência, a que se destina, ou quando é longe, passado o dinheiro a um *cheque*.

O recibo, que a assistência passa a cada uma destas chefes, é a notícia pública na Imprensa.

A séde de cada zona igualmente deve ser pública, isto é, ao rez-do-chão e com as portas abertas, para que tôda a gente possa ver a organização e o nosso trabalho.

Eu preferi e escolhi para a minha zona um gabinete do rez-do-chão na estação do Cais de Sodré, regeitando um no primeiro andar que gentilmente a sua direcção, dentre os seus

gabinetes, punha à minha disposição, e onde todas nós Senhoras teríamos mais comodidades.

É assim a organização das zonas do Pôrto, com publicidade, à inglesa.

Há anos assisti em Madrid a um grande peditório para a Cruz-Rôja, em que a própria Rainha chefiava uma zona com a séde na rua, tendo a mesa com cadeiras, num passeio!

E, em Paris, a não ser às portas dos templos, em geral feitos por religiosas, peditórios sem palavras, em silêncio, com sacos de veludo vermelho tendo dentro um cofre em metal, que agitando as moedas, que tilintam, lembram a quem passa, a esmola.

De resto, o grande peditório francês é igual ao inglês, tendo êste de notável e a mais, — a flôr viva adoptada; — (de preferência a papoila encarnada, uma flôr côr de rosa ou a bandeira nacional, que é de côr vermelha,) — e que entre a luz difusa e cinzenta de Londres, ao meio dia, tem a *alacridade* duma grande seara humana que se agita!

Como propaganda, é a mais flagrante que conheço!

Mas, voltando à minha zona. — Como em Lisboa parece desconhecer-se a técnica dos grandes peditórios e sua alma — entendi que seria difícil, a mim que aqui vivia há pouco mais de três anos, julgando não conhecer o meio suficientemente, para com mais facilidades conseguir da minha zona, tudo quanto ela pudesse dar, com o trabalho de todas nós, Senhoras, e com o público, que me diziam rebelde e indiferente.

Que iria encontrar tudo muito desigual do Pôrto — com a sua assistência organizada, o público experimentado e disciplinado...

Com esta colaboração e factores de tal natureza, assim prevenida, não me amedrontei e puz em prática, fielmente, o meu programa, com o melhor êxito.

Aqui lavro o meu mais veemente protesto contra o engano dessa lenda, que corre.

Há que distinguir apenas: — o público é, tem sido para mim, absolutamente igual ao do Pôrto.

A assistência particular é má, é imperfeita, na sua grande maioria, porque é dispersa; mesmo no seu seio, não tem direcção alguma, nem programa de organização única e definida.

E, muitos propósitos confessionais, sem a leal nobresa de defender francamente as suas convicções, acobertando-se muitas vezes com os pobres.

Espírito de abnegação nas Senhoras de Lisboa, o mesmo igual ao das Senhoras do Pôrto. A mesma alma de Mulher Portuguesa!

Eu pude constatar, verificando por motivos comprovados que são bem flagrantes, porque tinham a mais a ingrata missão de quem aprende, e estou hoje firmemente convencida, de que Lisboa formará o seu corpo de assistência particular, se quiser modernizar-se e unir-se, o mais brilhante.

Tem Alma, vontade de bem fazer e abnegação sem conta.

E, sobretudo, a infinita piedade, pela miséria, pela dôr e pelas desigualdades da humanidade, a que vota o seu maior espírito de sacrifício!

* * *

As zonas devem ainda refletir em si aqueles tons *degradés*, que formam a escala social, procurando assim interessar e representar nela o maior número dos seus mais vivos componentes.

Por exemplo, a minha zona compunha-se de Senhoras dos Srs. Administradores, Directores, Inspectores e 1.^{os} Chefes, da linha Cais de Sodré-Cascais procurando guarnecer e fazer representar o mais possível, todos os órgãos daquele organismo; cada um de todos estes postos, marcando uma camada social, dá a garantia duma teia fortemente tecida, cujo fio se crusa em todas as direcções, prendendo-se e enlaçando-se entre si com a maior garantia de solidês.

Cada uma destas Senhoras tem, além do mérito do seu esforço e trabalho pessoal, o de representar a escala social, a que pertence e onde natural e lógicamente procurará desenvol-

ver a sua acção e actividade, trazendo dela a dádiva, o interêssé e o compromisso do seu bom êxito final.

Cabe apenas à chefe, dentro desta mentalidade, com tacto, orientar e colocar os grupos nos seus logares próprios e em pontos e momentos estratégicos e psicológicos, sem choques desagradáveis.

E, ainda, sendo-lhe possível, deve percorrer a sua zona, pelo menos uma vez, como incentivo moral e estímulo.

— Como, se verifica, e como se dá com todas as coisas, os grandes peditórios teem a sua técnica própria, o seu *savoir-faire*, acessível a todas as boas vontades, pela sua simplicidade racional, lógica e natural direcção.

E de que isto é assim, provam-no a experiência na prática de dois anos, com tôda essa Comissão, que por duas vezes, tão dedicadamente me acompanhou nesta santa cruzada e a maior parte dessas Senhoras, que eu abracei no fim da despedida, agradecendo-lhes êsse grande dia de trabalho comum, a favor dos desgraçados tuberculosos pobres, e a maior parte das quais! — desde o peditório de 1931 — eu nunca mais tornára a ver, senão no dia do segundo peditório de 1932.

Lembro comovidamente factos: -- a Senhora contabilista, começando a trabalhar às 8 e meia horas da manhã — só às 3 horas consegue ir almoçar e descansar um pouco, recomeçando o seu trabalho três quartos de hora depois, até às 7 e meia horas, ininterruptamente, hora a que chegaram os técnicos contabilistas para verificarem as contas, apontando-lhes ela e dando conta dum pequeno engano de 30 centavos, entre perto de 30 contos...

Outra Senhora convalescente, que eu prendia à mesa em trabalhos leves e a pedido de sua família, e que me foge na primeira ocasião, porque as horas passam e o montante do dinheiro não sobe!...

Ainda outra, — doente e em vésperas de ser operada — deixa as curas do seu repouso preparatório, — e, como Lisboa já dava pouco, — atravessou o Tejo no vapor, onde pede, — e vai continuar o seu peditório, feito debaixo dum sol

ardente do meio dia, pelas íngremes calçadas de Cacilhas e Almada!...

E, mais, uma Senhora auxiliar e já de meia idade, perante a minha admiração, permanece de pé, junto ao marco postal do fundo da rua do Alecrim, seu ponto estratégico, dirigindo os seus grupos de vendedoras, pela manhã, desde as 9 horas ao meio dia!...

E ainda, outras, — uma quasi criança com uma Senhora inglesa — das que mais escadas subiram, pedindo nos escritórios, — desfeitas de fadiga e com os pés inchados e doridos, pousando as sacas do dinheiro, que trazem, na mesa da séde, e, logo se deixando cair em cadeiras, fatigadissimas e cheias de séde... e que passados momentos, ouvida a contagem, pequena em comparação com a do primeiro peditório — reanimam-se ou esquecem as suas fadigas e num «vamos lá», forçando os pés a caberem dentro dos sapatos, voltam para a rua, na ansiedade incontida — que tanto me comove! — e que me leva receosa a segui-las, após a sua saída, e vendo-as da estação, arrastarem-se penosamente, no Largo do Cais de Sodré, mas, pedindo sempre a todos quantos passavam!...

Ah! — se a direcção da A. N. T. ali estivesse, como eu estive, ao pulso desta admirável isenção e dedicação, teria muito mais respeito a consideração por todas essas esmolas, e por todas essas Senhoras, tão dignas de todo o nosso reconhecimento e de toda a nossa mais viva admiração e gratidão.

E do público, comovidamente, relembro factos: — é como exemplo, que, em todos os momentos fugazes que me levanto da mesa, em vigilância, aproveito também para vender emblemas; — no *Hall* da Estação é a um operário, vestido com o seu fato de trabalho, a quem eu prendo ao peito uma medalha; paga-me com 50 centavos; observo-lhe que o mínimo é um escudo.

Rebusca todos os bolsos daquele seu fato de ganga, e, diz-me envergonhado: — a carteira ficou na outra roupa.

Tranquilei-o, dizendo-lhe: — deixe lá, depois pagará.

A's 6 horas, sou prevenida que alguém me quer falar.

Era o operário, já vestido com o fato, em que tinha a carteira e que vinha pagar-me a *dívida*... com 5\$00!

— Subo a um departamento marítimo, mas, no corredor, não reconheço a sentinela que passeia, e, coloco-lhe um emblema; — perfila-se e deixa prender o alfinete — depois, pede licença e esconde-o debaixo da blusa no peito e diz-me como-vindo «também a mim a Senhora quiz condecorar-me, eu também mereço uma medalha?! — E dá uma moeda de 2\$50.

— Passa à porta da Estação uma mulher já velha; é uma peixeira, a quem prendo um emblema no peito!

Em silêncio, tira da algibeira um *porte-monnaie* recheado, que, despeja no meu saco, e com voz segura me diz: — «foi quanto hoje deu a praça»!

E, como que um nó súbito na garganta... «por alma dos que me morreram tísicos».

E, silenciosa, afasta-me com a mão, seguindo o seu caminho e limpando os olhos à ponta do avental...

— E ainda uma Senhora que me conta: — Bati três vezes à porta daquela casa, mas, ninguém me respondia e eu vinha-me já embora.

Chega, entretanto, um moço com uma saca de carvão às costas e diz, — sim, está gente cá na casa, porque mesmo agora pediram pelo telefone esta saca de carvão. Mas, não lhe querem comprar o emblema; espere um pouco, que não perde de todo o seu tempo. Desce daí por um instante, e, entrega à Senhora vendedora... os 50 centavos da sua gorjeta!

— E o público rico ou remediado, pagou generosamente cada medalha ou emblema — a 1.000\$00 — 500\$00 — 100\$00 e imensos a 50\$00!

*
* *

Devo ainda aqui dizer que não posso deixar de constatar — que pedir para os tuberculosos pobres, com êxito, e que, ainda, juntar dedicações valiosas em prol desta desgraça, tem sido para mim o mais simples; nunca senti o pêso destes tra-

balhos de *bola de neve*, ou sequer a ingratidão dêsse público a quem lembramos e pedimos constantemente e que nos recebe, tão paciente, tão bom e tão generoso!

As dificuldades, as complicações que tenho encontrado e que tanto me tem fatigado e aborrecido, estão dentro da própria direcção da A. N. T.—É com profunda mágoa, a mais sentida, que o confesso.

E, o que mais me dói ou magôa,—e com o que nunca poderei conformar-me—é que no meio de tôda esta desordem e confusões verificadas, os maiores prejudicados e sacrificados, sejam sempre os mais fracos... os tuberculosos pobres.

Pois, todos os nossos esforços não terão no fim o rendimento útil que devia caber-lhes.

A assistência não se faz com palavras e planos, faz-se com trabalho abnegado e orientação definida e clara, e, ainda com lealdade mútua e inalterável, pondo acima de nós mesmos a desgraça, que nos propuzemos minorar um pouco.

Não há princípios, sejam êles quais forem, ainda os melhores, que resistam no contacto com o público, quando servidos por más organizações.

Depois de entregar à A. N. T. os 20.000\$00 do resultado final da minha mutilada zona, respondi à carta que o seu Director, Ex.^{mo} Sr. Dr. Lopo de Carvalho me havia dirigido, escrevendo-lhe uma carta em que dizia o que vai acima e que terminava assim:— «Á sua carta eu devia uma resposta que só quiz dar-lhe depois de terminada a minha missão na zona 6.^a,—o que V. Ex.^a e a Senhora D. Laura Palha, minha dedicada e querida amiga, tanto me pediram.

Fiz-lhes a vontade, e como se vê, as minhas apreensões, receios e indignação eram mais que justificados ».

Passados dias, pessoalmente e de viva voz lhes repetia—no gabinete da direcção da A. N. T. as mesmas reprovações, exprobando sempre a desordem, em que se vivia, para mim incompreensível e lamentando a desorganização, responsável única, que dá ambiente a arbitrariedades sem conta e com que, afinal, ninguém pode ganhar.

Estava já bem longe do desígnio, que me levava a filiar-me ali ao estar tão convencida, que colectivamente em prol de tal miséria e desgraça, a nossa força seria maior, e os nossos esforços melhor aproveitados.

Enganava-me, dentro duma causa tão sagrada para nós, pois que, tanto eu, como S. Ex.^a, somos filhos de tuberculosos?

E sinceramente confessei a minha descrença numa campanha anti-tuberculosa de tão exíguas dimensões, a querer enfrentar um mal tão complexo, talvez o maior dos nossos dias!—O que existe é tão pouco, tão pequenino, mas, podia ser o ponto de partida, ser o começo duma obra perfeita, modelarmente grande.

Mas, o que então lhes não confessei, é que, no meu espírito surgia a dúvida já de tudo e por tudo. Não na pureza das intenções de alguém, mas nos processos adoptados, nas práticas seguidas, de falsas teorias tão complicadas que a simplicidade da minha dedicação pelos tuberculosos pobres não pode compreender, nem admitir! Pois que,—apesar do intenso trabalho e contacto, durante três anos, ingenuamente conservava o mesmo princípio, que constantes estocadas de verdades duras, de tiranias absurdas e de *profiteurs* de momento e da desordem...,—me chamaram à realidade e levaram a perguntar-me:—e os doentes?!

Ninguém pessoalmente teria o direito de se queixar de tomar como rasão um agravo pessoal; porém, o direito incontestável que todos poderemos ter a reclamar, com os mais veementes protestos contra a falta de organização e de real e eficaz assistência ao doente, senti eu imperativamente, o verão passado e já em férias o direito, *êsse direito e êsse dever*, de desvendar inteiramente dúvidas, que, com fundamento, começavam a apoderar-se do meu espírito.

Foi o que de *visu* procurei saber para, duma vez, para sempre e claramente, ficarem bem definidas a minha situação e orientação dentro da A. N. T.

*
* *
*
* *
*

Acabo de assistir à primeira reunião de conjunto da A. N. T. neste ano—12-I-933—para que fui chamada pela nossa Presidente e querida Amiga, Sr.^a D. Laura Palha.

Eu fôra só ali na firme decisão de solicitar de Sua Ex.^a uma licença ilimitada, convicta como já estou de que a minha acção dentro da A. N. T. tem agora o seu compasso de espera, uma pausa, depois do ritmo de três anos de intensa actividade.

Mas, confesso-me surpreendida de, durante a discussão e de juízos feitos, ouvir algumas das Senhoras e a própria Presidente dizerem das suas queixas e razões iguais às minhas, em que há como fulcro a nossa falsa situação perante o público!

Êsse público chacinado pela tuberculose a quem levamos tantas esperanças e a quem de facto não podemos valer hoje em nada, havendo apenas de real e de dolorosamente triste o nosso contacto directo com as desgraças dessa tragédia.

Afinal, dê-mos-nos conta de uma grande mentira; e, eu própria disse ao Sr. Presidente da Comissão Executiva, — «isto assim não é assistencial!» — com o que Sua Ex.^a concordou.

Nessa altura, podia mostrar-lhes já o *sudário* das minhas desilusões e mágoas; mas, eu não tinha ali todos os documentos à mão, que testemunhassem e comprovassem as minhas afirmações. Refleti ainda que, uma palavra a mais ou a menos, podia ir deturpar a verdade e razão que me assistem e a justiça que êsses desgraçados tuberculosos pobres merecem!

Além destas fortes razões, há a razão fundamental de que, tratando-se duma questão pública, *nacional*, não é à porta fechada que ela terá de ser discutida, mas, sim em público, que é a quem ela interessa e pertence absolutamente.

Nós somos simples agentes, dispersos, de uma doutrina e queremos ser factores duma obra colossalmente grande, sob cujo o pêso muitos cairão esmagados, e, outros, queimar-se-ão

ao fogo das suas quimeras, enquanto não vier até nós o patriotismo de uma nação inteira!

* * *

O Sudário

Três quadros do "pão nosso de cada dia"!...

J. D. — Desempregado há dois anos, consome os seus pequenos haveres, êle, a mulher de saúde precária e a sogra, uma velhinha de 75 anos, de quem êle é amparo e chefe de família.

Consegue-se-lhe enfim um emprêgo; no dia da sua posse, queixava-se duma forte dor numa perna, attribuindo-a a reumatismo.

Concedem-lhe a posse do logar e a licença para o tratamento.

Nunca mais aparece.

Investiga-se; o médico havia diagnosticado uma *coxalgia*.

Procuo internar imediatamente êste doente, num sanatório da A. N. T. O seu Director, responde:— Impossível! E' o n.º 104 como indigente; o n.º 21 como porcionista.

Este homem tem 42 anos; talvez a sua idade ofereça resistência ao mal. Mas, o que não dá garantia alguma é a extrema miséria, em que êle vive e os seus,— na sua pobre casinha da Costa do Castelo.

Desolada, no momento da recusa, procuro em mim qualquer solução, e lembro-me que ainda restam nas minhas mãos os produtos do legado doutro tuberculoso muito illustre, o Dr. Carlos Eugénio Paços de Arcos.

Há meses já que tenho internado o meu pobre doente, que visitei na minha passagem de férias pelo Pôrto. Por entre lágrimas reconhecidas, diz-me da sua muita gratidão

pelo carinho e caridade com que nesta casa — Sanatório de Valadares — foi recebido; a sua admiração pelo tratamento, sendo indigente. Ignora que haja quem pague o seu pensão reduzido ao mínimo, em dinheiro, pela bondade humanitária do Director e médico desta casa de assistência.

O meu doente tem ainda a companhia dum estudante de medicina, visinho da cama ao lado, que lhe povôa espiritualmente as suas longas horas de imobilidade!..

C. M. — Mulher sexagenária — com sintomas de alienação mental e súbitamente uma tuberculose aberta com hemoptises.

Os médicos aconselham-lhe immediato internamento num sanatório.

Novamente a *fila da vez!* a fila enorme de indigentes — um pouco menor de porcionistas.

Mas, sempre à *espera* a família tem tempo para reflectir e recúa perante os 10 escudos diários.

O ferro-viário, genro desta doente — apavora-se, porque ela de noite, e na sua ausência — pobre doente, com o horror das hemoptises! — refugia-se na cama da filha ou das netas. Diz-me, depois, a família que levou a doente para a serra e que vai melhorando..

Talvez, quem sabe? — para um dia voltar para junto da filha e das netas!

J. M. — Empregado comercial; ganha 500\$00 por mês.

Sua mulher entrou no sanatório como porcionista, pagando 300\$00 por mês.

Seu marido já não pode pagar mais, rogando à A. N. T. que lhe conserve a doente no sanatório, como indigente.

Respondem-lhe que, para isso, o seu número de inscrição está ainda em 144.

Escreve o pobre homem «Imagine: 144 doentes estão esperando a sua vez, e a Lucília terá que esperar um tempo infinito, e se não puder pagar tem de vir para casa.

Eu insisti pela dificuldade que tenho em pagar, acres-

centando se me será lícito trazer para casa uma doente bacilosa, em perigo de contagiar uma criança de 10 meses mas, a despeito de isto a resposta foi a mesma — impossível!»

Sua mulher em breve terá que fazer o seu estágio na maternidade, porque está para ser mãe,

Ficará o marido com duas criancinhas e sua velha mãe de 65 anos e com 200\$00 mensais para poder conservar a sua doente no sanatório!

Ou, feitas as contas do seu orçamento mínimo, leva a mulher para casa e dentro em pouco, terá tôda a família residência fixa... no cemitério!...

*
* *

«Legado espiritual» do Dr. Carlos Eugênio Paço de Arcos.

20-11-932

Ex.^{mo} Senhor Prof. Dr. Joaquim de Carvalho:

Meu Marido entregou-me a carta que V. Ex.^a me dirigiu e bem se vê, através de tôda ela, a grande emoção e saudade, com que fala no infeliz Dr. Paço de Arcos.

Eu já sabia pelo irmão Joaquim, que era V. Ex.^a quem, com a maior ternura, tencionava publicar tôda a bela obra dêsse môço admirável, e para mim tão, — como direi!? — venerável, — porque foi, além de tudo, mais uma vítima imolada à tuberculose.

E, Senhor Doutor, porque assim é ainda tão viva em nós a memória dêsse belo espírito que para sempre se apagou, mas, que deixou atrás de si a luminosidade que o aureolava e, porque hoje são as mãos de V. Ex.^a que guardam um passado que vai reviver, permita-me que eu, um pouco longamente lhe conte a história que também me prende a essa vida espiritual.

— Quási no fim da primeira «Semana da Tuberculose» e em um concerto dado pelo maestro Francisco de Lacerda, em o

Museu Municipal de Cascais — a minha Ex.^{ma} Amiga, D. Madalena Patrício, chamou a minha atenção para uma conferência que ali fôra lida, e, que lamentava eu não ter ouvido, por haver chegado tarde.

Pedi que, depois, me deixassem ler. Passados dias, umã outra Senhora, que eu não conhecia, D. Beatriz Viveiros Pereira, veio apresentar-se e dizer-me ser quási mãi do autor da conferência; entregava-me, suplicando-me que a editasse eu e a vendesse a favor dos tuberculosos pobres, pois que era essa uma das últimas vontades de Carlos Eugénio, que estava tuberculoso, quási agonizante!

Fiquei muito comovida e ignorando o valor que me era confiado e sem também nada conhecer do infeliz doente — acedi imediatamente, perante tal ternura e confiança em mim depositadas, e respondi — « diga ao Sr. Dr. que eu cumprirei a sua vontade »!

Li a conferência, num crescendo de emoção e espanto e depois meu marido explicou-me quem era, e qual o valor do seu autor.

Escrevi, então, uma carta à Ex.^{ma} Sr.^a D. Beatriz Viveiros Pereira, carta que de facto era para o malogrado doente, a quem muito rogava que a lessem.

Nessa carta, eu pedia a confirmação do legado e irmanava espiritualmente a conferência com um soneto de seu irmão Henrique que uns 5 anos antes me fôra apresentado por Teixeira de Pascoais e que no meu album escrevera um admirável soneto «*Em frente ao Marão*».

Confirmada a dádiva e lamentando não poder escrever-me, — a pobre mãi adoptiva, por entre lágrimas, explicava-me — « o Carlos Eugénio já não pode escrever; está a arder em febre e desfaz-se em suores!... » Então, comecei também a viver, mais aquela agonia lenta, dia a dia, — aivando assim, a memória de sete pessoas de família, mortas pelo mesmo mal.

Julguei adivinhar que daria ao doente uma última alegria, publicando-lhe a conferência ainda em sua vida; e então um

desejo imenso começou a mover-me, para que êle visse ainda os livrinhos e cumprida por mim a sua vontade.

Mas, Sr. Dr., era preciso procurar e comerciar — louvado Deus! — essa publicação, para avultar o mais possível, o donativo dêste legado para os tuberculosos pobres.

Meu marido socegava-me, «que a morte só viria no outono».

Mas, súbitamente, um dia de manhã cêdo, uma inquietação estranha, uma apreensão que eram quasi uma certeza, levaram-me a ir sentar-me à minha mesa de trabalho e, decisivamente, a escrever o prefácio da conferência, protestando a minha grande ansiedade em fazer já a edição, pois estava firmemente convencida que muito em breve morreria o doente.

À tarde, regressavamos de Lisboa no combóio do Estoril; meu marido vinha impressionado e quando lhe pedi os jornais, essa impressão aumentou, apontando-me num deles uma pequena notícia: — o Dr. Paço de Arcos tinha falecido ao meio dêsse dia.

Na manhã do dia seguinte, eu emendava o prefácio — escrito na véspera, substituindo-o quasi em metade.

E uma mágoa a mais me ficava desta horrível tragédia, que é a tuberculose.

Pedi depois ao Dr. Pedro Paço de Arcos que me fôsse mostrado um retrato de seu irmão Carlos Eugénio, que eu nunca vira.

Veio o seu último retrato de corpo inteiro e mais uma vez, ao vê-lo, como que outra aproximação espiritual se dava.

Eu tivera um irmão, também muito inteligente e bom e que morrera tuberculoso aos 25 anos, quando aí na Universidade estudava. Eu via agora neste retrato o mesmo *facies*, a mesma atitude de pousar, por causa duma perna doente em criança e como que a cabeça tôda iluminada por uma luz interior, tão difficil de definir e de explicar, mas, que eu sempre sentira no meu pobre irmão! Pois bem essa mesma luz irradiava agora desta fotografia má, tão bem iluminada apenas, pela imagem que reproduzia,

Durante as férias, no Pôrto, fez-se a impressão que eu própria revi—trazendo-me uma grande paz de consciência o começar a distribuição dos exemplares.

Este legado que me ficou, duas vezes sagrado para mim, por vir de quem veio, e pela santa missão que o anima—é bem o meu livro de Horas, sôbre o qual tantas vezes tenho meditado e que espero meditem todos os intellectuais, que o lerem, porque é a quem de direito êle pertence, porque só para êles o seu infeliz autor o escreveu; eu sou apenas a fiel depositária de um tempo breve, que vai desde a sua publicação até ao óbulo de caridade e à propaganda espiritual, que me levaram a subir todas as escadas e a bater a todas as portas...

Cabendo agora aos intellectuais, a todos V. Ex.^{as} continuarem por um caminho muito mais amplo do que o meu,—levarem a doutrina dessa conferência, cuja essência, coada através duma alma de eleição, e já quási na hora da suprema verdade!,—convencerem e demonstrarem, quanto hoje é monstruosamente grande a tuberculose!—E, como ela marcará uma época na nossa raça, e, porventura, será a solução de grandes e graves problemas sociais da nossa terra.

Sei que Carlos Eugénio, no Sanatório, leu tôda a propaganda que na Imprensa se fizera, e que eu ajudei um pouco, na «Semana da Tuberculose».

Diz-me V. Ex.^a que fui eu quem lhe «restituiu a outra metade da vida».

Não, eu é que sou a devedora duma sábia e santa lição, hoje missão a cumprir, que a «Atitude moral e mental do tuberculoso perante a vida» definiu no meu espírito, como a directriz única a seguir.

—Pergunta V. Ex.^a se deve integrar a conferência no volume «Vita-Brevis» como derradeiro éco dêsse espírito—num canto de cisne, que Deus envia à terra—para nos demonstrar que o céu existe e que pode vir até nós, tocando-nos a alma com candura e iluminando-nos a vida piedosamente.

—Meu marido diz-me que os livros que por V. Ex.^a

vão ser publicados, — levarão ainda meses; — talvez o tempo suficiente para se acabarem de vender os exemplares que restam, formando a esmola suficiente, que, salvará no Sanatório um outro doente tuberculoso pobre, — que ela protege.

— Separar a obra, tão bela! — de Carlos Eugénio, seria um sacrilégio.

Vou também escrever à Família Paço de Arcos.

Perdõe V. Ex.^a esta tão longa explicação, que faz parte, a primeira; — da minha vida em comum com os tuberculosos e que conta a *história* deles, que eu tanto quero que se saiba, para frutificar em verdade e em justiça.

De V. Ex.^a

Mt.^o At.^a Venr.^a e Obrgd.^a

Leonor de Almeida e Silva Marques Guedes.

21-1-933.

Ex.^{mo} Senhor Dr. Pedro Paço de Arcos:

Recebi a carta de V. Ex.^a, com um vale de correio no valor de 250\$00, — produto de 50 exemplares da conferência de seu Irmão e que V. Ex.^{as} fizeram o favor de vender em África, — o que eu muito lhes agradeço.

Esta verba veio aumentar o legado material, mas, ainda não posso verificar qual o seu resultado final; pois ainda me falta receber dinheiro que pessoas amigas estão angariando, — ajudando-me caridosamente a disseminar e a vender o livro em Lisboa, Pôrto, Coímbra, Viseu, Madeira e África.

Materialmente, julgo que devemos ficar bem satisfeitos.

Moralmente, o êxito não podia ser melhor e maior!

Tenho eu também a consoladora certesa, de que a Alma de seu Irmão bemdirá a obra feita, feliz por ter conseguido salvar alguma vida com o produto duns instantes da sua actividade intellectual.

E sinto-me quite com a minha consciência, pois procurei levar o livro a todos os campos no objectivo, tanto espiritual, quanto humanitário e social, que êste legado me indicava.

Devo dizer-lhe da nossa gratidão, pelo incitamento e inteiro aplauso, logo de comêço, no cumprimento desta missão —de Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca—e de Suas Ex.^{as}, os Srs. Arcebispo de Vila Real e Bispos da Guarda e Coímbra.

E ainda do Ex.^{mo} Sr. Padre Alves Correia.

E de todos os intellectuais, indistintamente, prestando a mais comovida homenagem ao belo e generoso espírito de seu mologrado Irmão, e as mais altas ajudas ao legado, que ficará nas minhas mãos.

Ainda há dias, escrevi ao Ex.^{mo} Sr. Prof. Dr. Joaquim de Carvalho, em resposta a uma sua carta, em que me solicitava para a "Atitude moral e mental do tuberculoso perante a vida" ser integrada no volume "Vita-Brevis" do mesmo saudoso autor, como derradeiro éco do seu belo espírito.

Ardentemente era também êsse o meu desejo, já por mim manifestado.

Dou-lhe também conta de que paguei a edição — 375\$00 — dos 500 exemplares impressos, e de que agora, já poucos me restam.

E mais quero dizer-lhe, que no passado verão, eu fizera o meu primeiro pedido à A. N. T. — a favor dum tuberculoso pobre, que rogava, para ser internado num sanatório marítimo, acudindo-se-lhe no início da sua tuberculose óssea.

O Sr. Presidente, dessa instituição, respondeu-me: — Impossível!

A altura de inscrição dêsse doente como indigente, é o n.º 104 — como porcionista, o n.º 21.

Então resolvi salvá-lo.

E respondi: — ainda bem que é lembrado a tempo o cumprimento integral e directo duma promessa feita e de que não devia ter-me afastado nunca porque foi por motu-pró-

prio que escrevi na capa do opúsculo, que dedicava o seu produto à A. N. T., — por julgar ser êsse o melhor caminho a seguir-se, a favor dos tuberculosos pobres.

Acabei de verificar que me enganei; é simples, passa-se um traço sôbre o engano.

Vou eu internar o doente já, num Sanatório particular e pobre, e pagarei as mensalidades, com parte do dinheiro do livro do Dr. Paço de Arcos

E assim, — louvado Deus! — a minha acção será como sempre devia ser, directa e absolutamente em harmonia com os desejos e palavras do doador.

E vou dizê-lo em público, e êsse público me julgará.

Outros doentes tuberculosos pobres tenho ainda protegido com êste donativo.

Se o dinheiro me faltar e os doentes ficarem à minha guarda, principalmente êste que é de responsabilidade maior, porque desde o verão está longe, no Sanatório Marítimo do Norte, entregue aos cuidados dêsse benemérito e homem de ciência, grande apóstolo na luta anti-tuberculosa, que é o Dr. Ferreira Alves, que lá vive retirado e quási esquecido, numa praiasinha do norte — Valadares — entregue aos seus doentes, à sua enorme e inquebrantável fé e às aflições da sua grande pobreza!

... Se o dinheiro me faltar e os doentes me ficarem, repito, então eu esperarei mais uma vez... o milagre das rosas!

E creia, que, me sinto feliz, assim, entre os tuberculosos e podendo ser-lhes um pouco útil, repartindo com êles parte da minha existência.

Peço a V. Ex.^a que com os meus cumprimentos, transmita esta carta a sua Ex.^{ma} Família e à Ex.^{ma} Sr.^a D. Beatriz Viveiros Pereira.

E lembre-me também muito a seu Ex.^{mo} Pai.

Quando escrever para África, fale nesta carta e apresente-lhe os protestos de tôda a minha consideração e de

meu marido, e agradecimentos pelas boas palavras, que me dirigiu.

De V. Ex.^a

Mt.^o At.^a Ven.^{ra} e Obrgd.^a

Leonor de Almeida e Silva Marques Guedes.

P. S.—Peço o favor de me dizer a data do falecimento de seu Irmão, que eu não fixei. E perdão por esta longa carta, que, em conjunto com a outra enviada ao Prof. Dr. Joaquim de Carvalho, fazem a história completa, do legado, que seu Irmão me confiou.

“Visita a Assistência aos Tuberculosos em Coimbra.”

2-X-932

Acabo de ver os Hospitais-Sanatórios de Celas, e dos Lázaros junto à Universidade.

Como é possível em nome duma tão grande miséria, cometerem-se tantos erros?!

Em Celas, o casarão que se chama Sanatório ou Hospital-Sanatório, é uma antiga construção adaptada (dizem-na, mesmo sem esgôtos!)—ficando quâsi encostada a um terreno inclinado, e assente e edificada igualmente num chão em declive. O seu lado nascente, rés-do-chão, faz o terceiro andar do lado poente.

A *camouflage*, logo neste andar, começa por uns quartos *chics*, pintados em diferentes côres vivas, que vão desde o amarelo gêma de ovo até ao verde salsa ou rosa salmão.

Jesus!—com febre, assim fechado alguém dentro duma caixa tão vivamente colorida, tão impertinente e sem a calma das meias tintas suaves ou do branco, deve ser de causar delírios!

Segue-se um corredor também artístico, em decorações, que a minha pobre concepção da estética não sabe compreender; e, terminamos por encontrar ao fundo, um rico gabinete

de operações-cirúrgicas, o tal que em Lisboa, na A. N. T., nos constou ter custado 400 contos.

No segundo andar, continúa a mesma decoração artística, apenas com a nota — que muito desagradavelmente me surpreende e chama a atenção! — de que voltados ao lado norte, e portanto juntos ao môrro de terra, estão os primeiros quartos destinados aos pobres.

Correm as galerias de curas de ar e repouso, voltados todas três ao lado sul.

No primeiro andar, (ou seja o rés-do-chão do lado poente) há de muito notável uma riquíssima cozinha a vapor, — rara ainda hoje no nosso país! — uma sala de jantar decorada com muitas rosas pintadas em azulejos, e que então me recordou terem dado o nome a um grande baile de beneficência, ali realizado.

Dizem-me, ilucidando-me, as pessoas de Coímbra, que me acompanham, que êste Sanatório foi feito, em grande parte, com donativos angariados para os tuberculosos pobres.

Poucos metros ao fundo e ao longo dum corredor, novos quartos, enfermarias para os doentes pobres, onde por exemplo: — num quarto pequeno sem janelas e só com uma porta, estão cinco leitos com as suas respectivas doentes!...

Saí dali com o coração apertado e sem me poder conter e esconder a minha grande decepção e os meus protestos.

É que eu nunca imaginára que assim fôsse um Sanatório para pobres...

A enfermeira que nos recebera e acompanhara também, explica-me: — actualmente nesta casa o pessoal é laico, mas provisorio, pois, será substituído, no próximo mês de Janeiro, por Irmãs de Caridade.

Pregunto ainda, para que foi invocado o nome dos tuberculosos pobres, aqui, para afinal lhes serem destinados os lugares mais inferiores e piores deste Sanatório, um número mínimo de leitos e apenas em breves estágios de 4 meses?!

É claro, que, logo de seu início, foi destinado a outros

fins, pois que êste luxo, não era para êles, para os desgraçados tuberculosos pobres...

Já à saída e em frente da porta, depara-se-me a nossa dupla cruz da A. N. T. deitada no chão, por terra, — oh! símbolo sagrado!... — bordando a plantas vermelhas o canteiro do jardim da entrada, dêste Sanatório de Celas.

— No Hospital dos Lázaros, onde a parte clínica é comedora em respeito e piedade pelos tuberculosos pobres, — num esforço comum de médicos e de enfermeiros — confrange tanta modéstia a roçar pela miséria desde as batas passajadas, à deficiência confessada do seu material clínico e, até a uma enfermaria escurecida e apenas separada da vizinhança de umas casas em frente — *repúblicas de estudantes!* — por uma rua estreitíssima, de uns 3 ou 4 metros de largura, e..., à espera de expropriação.

* * *

Tinha tanta ansiedade e curiosidade de ver esta assistência de Coimbra, por mim lida e seguida com tanta atenção, nos jornais e folhetos que sempre me teem enviado os dois grupos — dos Drs. Bissaia Barreto e A. Vieira de Campos.

Parece-me, que, nada teria escrito agora se, como julgava, ficassem incógnitas as nossas visitas; mas, o jornal da terra, hoje, publicou-as.

Sofri uma grande decepção, fiquei muito desolada e junto ao que já disse, fico muito triste e desiludida.

Nunca pensara que assim fôsse, em realidade, a Assistência Nacional aos Tuberculosos pobres.

Um dia ainda virá, em que ela seja — como eu cria! — qualquer coisa de muito sério, nesta nossa terra, e acima de todos nós mesmos, no nosso Portugal doente!...

Mas, eu quero ainda hoje levar de Coimbra, — mundo de intelectuais, — alguma boa esperança que me anime um pouco, e, deixar também mais contentes os nossos amigos

conimbricenses, que tão dedicadamente nos tem sempre acompanhado aqui, nas nossas excursões.

E é mesmo neste dia, de verdadeiro inverno, que lá vamos debaixo de chuva ver o Preventório de Penacova, infelizmente só por fora.

Mas, alegra-me vê-lo, assim, retirado dos grandes meios e isolado, prudente e sàbiamente, neste lugar, em plena Natureza!—e tão belamente edificado num monte dos mais altos, entre cumes de montanhas, dominando um vale imenso, de encanto e de emoção espiritual, nesta paisagem recolhida e religiosa de Coímbra!...

«Visita ao Sanatório do Lumiar»

26-XII-932

Eu não pude assistir à inauguração do Pavilhão das Senhoras de Caridade, no Sanatório do Lumiar; mas, tinha um grande desejo de, num dia tranqüilo, fazer a minha visita em companhia de um técnico, de um médico, que, melhor do que ninguém, me saberia explicar e mostrar êste estabelecimento de assistência, que eu já tão bem conhecia na planta e mesmo quási no seu início de obras—deliniado nas suas paredes mestras e divisórias e idealizado nas informações do médico, que então nos acompanhou na nossa primeira visita ali, o Sr. Dr. Pacheco de Miranda.

Porém, uma carta do Sr. Dr. Cassiano Neves, Director dêste Sanatório, que me solicitava o auxílio, de eu lembrar, mais uma vez, ao público o nosso Pavilhão do Lumiar, ainda incompleto na sua aparelhagem clínica,—embora já devesse muito à assistência particular e até oficial—pois, acabara de receber do Govêrno Civil o material para um laboratório de

análises clínicas, ali muito preciso e útil para os seus doentes e de estudo para os seus médicos assistentes.

Mas ainda, precisa de completar o mobiliário, de fazer as canalizações, e, enfim, de se acabar de vez a obra empreendida com tanto carinho.

No gabinete da Direcção, um busto de barro, bela obra de arte do escultor Diogo de Macedo, reproduz as feições da Ex.^{ma} Senhora D. Laura Palha Infante de La Cerda.

É de todo o ponto justo e desejável que êsse busto seja fundido em bronze para ajudar a perpetuar os esforços de aquella nobre Senhora, que foi a alma da construção dêste Pavilhão, que estou vendo.

Acedendo o illustre médico Director a acompanhar-me na minha visita foi com grande satisfação que comecei a percorrer êste belo Pavilhão — Sanatório de planície, o melhor que entre nós conheço; e é só assim, — que entendo uma casa dêste género, conforme aos fins que se propõe.

Êste edificio tem ótima orientação ao nascente e sul, muito sol todo o dia, muita luz e muito ar!

Mas, os outros dois Pavilhões não teem a mesma orientação; é indispensável a todos três o aquecimento central.

Grandes salões enfermarias, com amplas janelas, rasgadas quási até ao tecto, com os seus pavimentos acima uns metros do solo, galerias de cura e, no rés-do-chão, muitas instalações clínicas, infelizmente incompletas e que ali também me levaram curiosa e sempre na ânsia de ajudar à luta anti-tuberculosa!

Vou continuando a percorrer mais êste edificio que é, — tão lavado de ares, tão, a um tempo nobre e modesto na pureza asseada dos seus mosaicos, na alvura da sua muita cal branquinha — na severidade dos seus longos corredores silenciosos e na sábia divisão higiênica de todas as suas dependências, em pontos estratégicos, num plano traçado, estudado e pronto a cumprir-se.

Há uma porta que se abre e surge uma enfermaria de crianças... , tuberculosas pulmonares!

Entre outras enfermarias percorridas já, de doentes adultas — *facies* macilentas e comovedoras de bacilosas — e, outras menos tristes, das doentes não bacilosas, caras alegres, quasi sadias de tão boa aparência!

Mas, êste quadro das criancinhas doentes põe uma nota desconcertante na nossa sensibilidade de mãis, com as recordações que súbitamente veem até nós...

Há ainda quartos de pensionistas de ambos os sexos, — nas enfermarias doentes porcionistas — os que pagam 10\$00 por dia — e os indigentes; afinal todos são pobres. Sabe Deus quantas aflições e desequilíbrios económicos nos seus lares tão pobresinhos, para satisfazerem as exigências que a direcção da A. N. T. lhes faz para a entrada no Sanatório: enxoval ⁽¹⁾. Para a entrada mais rápida criou-se a escala dos doentes *porcionistas* (300\$00 mensais) que o desgraçado tuberculoso pobre aceita, tantas vezes, na ânsia de entrar *a tempo* para o Sanatório, para se salvar, pagando um ou dois meses!

Mas, não pode manter tal compromisso, porque vendeu ou empenhou as parquíssimas migalhas que lhe restavam,

...E, ao fim de dois ou três meses de débito em aberto — a direcção da A. N. T. intransigente na concepção porque se norteia, põe o doente na rua.

Pobre, miserável, abandonado de vez e despojado dos

(1) « Enxoval »

(Sanatório Popular de Lisboa)

6 camizas de dia

4 » » noite

3 saias

3 » brancas

6 pares de meias

6 lenços de assoar

3 coletes

4 camisolas

2 vestidos

1 casaco de abafar

1 par de sapatos

seus últimos farrapos que jogou na última cartada, agarrando-se à vida, na esperançosa entrada no Sanatório?!

E o doente completamente indigente, como se depreende, está naturalmente excluído desta *assistência*.

A êste Pavilhão do Sanatório do Lumiar, logo às suas paredes quási despidas, só em tijolos e alvenaria, prendem-nos tantas recordações de esforços, de esperanças, de contínuas preocupações e de ternura, nascidas no início da nossa *oficial* luta anti-tuberculosa, e, dentro da almejada e redentora Assistência Nacional aos Tuberculosos.

Quási no fim desta visita, duas Senhoras da nossa Comissão da A. N. T. aparecem. Vão ali na missão que tanto as contenta, de tentar baptizar uma doente adulta.

Mostra-me a capelinha a minha Ex.^{ma} e querida amiga M.^{me} Cassiano Neves, que também me acompanhára nesta peregrinação através de todo o Sanatório; — da parte antiga, tão fria! — do Pavilhão Lambert de Moraes, — essa tão valiosa dádiva! — e do nosso, e comove-me, aqui ao lado do *hall*, esta capelinha quási nua e ainda tão pobresinha, que uma janela antiga, ao fundo, ilumina tôda.

Mas, cortada em ogiva e transformada em vitral, esmaltado a vidros de côres, bastará desenharem-lhe uma cruz, — símbolo da miséria humana e da dôr espiritual, que Jesus

1 dito sem saltos

12 panos

1 copo ou caneca

1 escova para dentes

1 pente de alisar

1 » para caspa

1 termómetro

Sabonetes

1 saco para roupa

1 escarrador metálico de algibeira

Os doentes podem adquirir no Sanatório o termómetro pelo preço de 6\$00 e o escarrador pelo preço de 20\$00.

A roupa deve ser tóda marcada.

(Cópia da circular oficial que a direcção da A. N. T. entrega a cada doente para a sua admissão no Sanatório).

tão bem soube sofrer e a quem nós sempre saberemos orar, com o rosário das nossas orações em que as *contas* são obras de bem-fazer, — como êste Pavilhão do Sanatório do Lumiar, cuja construção materializa as nossas mais sagradas e puras intenções!

“Visitas ao Sanatório de Carcavelos”

1-XII-932 — 30-I-933

Não é ainda sem grande emoção que volto a êste Sanatório, depois da longa ausência de tantos anos e ao qual ainda hoje me prende uma grande saudade, que vive comigo, porventura, dulcificando-me a vida numa terna piedade pelos doentes tuberculosos pobres.

Transponho o portão da cêrca, numa hesitação dorida, como uma cicatriz mal curada e que ainda quer sangrar... — e, vou reconhecendo os sítios e lugares, que outrora me foram tão familiares: — a mina ensombrada por velhas árvores, fazendo um recantinho solitário, onde tantas vezes me refugiava para não ouvir os gritos de minha filhinha, que perto, num gabinete de moldagens, a um ângulo do edifício, sofria a distensão das suas vertebras doentes, do *Mal de Pott*, sujeita à colocação do seu colete gessado.

Os olhos toldam-se-me e fecho-os não para reprimir as lágrimas silenciosas que ali chorei... E assim me concentro num enleio do passado já tão distante e que volta de repente e tão vivo, depois tantos anos de ausência dêste lugar de recordações bem tristes, onde as coisas parecem falar-me, ao reconhecerem-me também...

Mais além há uma pequena pedra onde costumava ir sentar-me, mais perto do Sanatório e já quási no fim do *suplício*, para poder escutar melhor, se a pequenina já não chorava!

Vou caminhando até ao Pavilhão da moldagem. Lá está a escadinha estreita, que tantas vezes subi com a minha

filha deitada nos braços, onde eu, teimosamente, cria que ao seu corpinho débil e já disforme, seria restituída a beleza e a perfeição, com que nascera.

Ai, pobre de mim!

Nesta cegueira era tão grande e profunda a minha crença, que os meus ouvidos chegaram a cerrar-se completamente aos gritos e lamentações, e, envergada por mim, nestas ocasiões, a bata de enfermeira eu própria ajudava o médico na moldagem do aparelho do colete de gêsso.

Recordo tudo e parece que sôno...

Perto alguém continúa a falar-me; então as pálpebras descerram-se e os olhos vêem o azul tão transparente do céu hortensia, tão puro e tão diafano, de onde os anjos poderão ver-nos cá na terra?!...

O médico que a meu lado me vai dizendo, mostrando e explicando, a vida e o estado actual dêste Sanatório, já não é o seu antigo e velho Director e fundador, Dr. José Joaquim de Almeida, meu conterrâneo e médico assistente de família; é agora seu Director o Dr. Gabor Ziegber Patkozy, que vai falando, embora me pareça ainda estar ouvindo as mesmas palavras do seu antecessor, porque êsse já morreu. Mas, ouço a mesma queixa da falta de dinheiro, o abandono, a mesma ansiedade no combate à tuberculose, os mesmos debates de consciência, submissão de escravatura ao dever a cumprir, a mesma alma prêsa a lutar no labirinto da malha que traiçoeiramente a apanhou e prendeu, na sua engrenagem malévola do círculo vicioso de defeitos, misérias e injustiças, do país em que vivemos.

Quem assim a meu lado se vai lamentando, já não é o meu velho médico,—ah não!—que tantas vezes nos meus desânimos e desalentos, me reanimou e me ensinou a reagir e a saber crêr que "*Deus escreve direito por linhas tortas*"!—na sábia filosofia da sua clínica social, no mais obscuro dos anônimos, mas, no mais brilhante exemplo da sua grande alma benemérita!

Êsse homem de modos bruscos e rudes, escondia de

baixo da sua palavra sêca um coração sensível de meriodinal; —êle que tantas vezes me quiz fazer forte a mim, animando-me... —Recordo ainda:— num fim de tarde, em que a secagem do colete gessado da minha filhinha se fazia mais lentamente, talvez pelas mãos pouco firmes do médico, pois os dedos trémulos calculavam mal e com hesitação o sítio e lugar próprio das ligaduras.

Eu sentia que qualquer coisa de extraordinário então se passava nas idas e vindas a uma das enfermarias próximas.

Mas, respeitei êsse silêncio, que durante horas pesou sôbre nós. Por fim soube ser o motivo a *peritonite-tuberculosa* que vitimáva, ali ao lado, um pequeno doentinho, já muito esticado, o pobresito, na sua camita alva!

Já na estrada, caminho da Estação, sentados frente a frente no carro do Sanatório, ousei perguntar pelo doente; respondeu-me: — «deve já estar na Eternidade!»...

E quási vexado, limpava ao lenço as lunetas, pretextando o enfadonho pó do caminho, mas, que eu vira serem embaciadas... por uma lágrima irreprimível.

*
* *
*

Estão agora cá no Sanatório 85 doentes:— crianças 51, mulheres 37.

No gabinete do médico vejo ainda o retrato de um dos seus fundadores e primeiro Director Dr. José Joaquim de Almeida,—aquele que foi o meu primeiro mestre, por palavras e por obras, na assistência aos tuberculosos pobres, que tantas vezes recomêndou e lembrou à minha dôr e piedade... — «E' preciso misericórdia para estes pobres doentes. Pede-a êste velho médico, que nunca soube ser comerciante da medicina!»

O retrato de outro fundador, Tomás Ribeiro e ainda o da sua primeira doadora D. Maria Albina Baracho Encerabôdes.

O seu actual Director é o Dr. Patkoczy; occupa êste lugar há 4 anos, indicado pelo Prof. Dr. Salazar de Sousa, de quem é assistente.

Peço e quero ver todo êste Sanatório.

— Seguimos por uma escada e ferem-me logo a vista a ordem e a limpeza impecáveis, que há em tudo, em todas estas velharias:— mosaicos que espelham e paredes caiadas que reluzem, portas com velhas tintas desbotadas, soalhos carcomidos, metais, tudo ali brilha, causando admiração e ternura a uma dona de casa.

E' tão difficil fazer assim brilhar, aceiado, um velho lar pobresinho!

Numa enfermaria dum aconchego familiar uma doentinha de 18 meses que começa agora a aprender a falar, estende as suas mãositas ao médico, falando-lhe numa algarraviada que só êle entende... e vai-me explicando:— « está deitada num colete moderno feito de gêsso, em forma de concha, só nas costas e ligado ao torax da doentinha por ligaduras que a prendem ao colchão, deixando-lhe o peito livre e respiração franca, mas, immobilizando-lhe os movimentos na espinha doente, sendo ainda facilimo de tirar para os banhos de sol.

Os solários são acanhados, mas, nas enfermarias das crianças vão assim remediando. O pior»...

Seguimos por cumpridos corredores onde se vê sempre a irrepreensível e impecável ordem e aceio, nos mosaicos, soalhos e paredes, tudo sempre velho e pobresinho; mais enfermarias, a mesma disciplina, ordem e limpeza;— os quartos das enfermeiras e vigias, num recanto de todas as enfermarias, em ângulo recto, feitos com tabiques de madeira envidraçada, como se fôsem guaritas de sentinela àlerta!— mas, misérrimos nos seus interiores, cama, lavatório, bidet e toalheiro. A mesinha de cabeceira é formada por dois caixotes de sabão, encobertos por um pano. Não há uma gaveta, um armário, onde possam arrumar as suas roupas próprias. Estas são guardadas, ainda em mais caixotes de sabão e escondidos estes debaixo da cama,

Como exigir limpeza e bons hábitos entre tantas faltas do indispensável? — Consegui-las é já um mérito.

Venham depois dizer que o pessoal de enfermagem e vigilância nem sequer compreende as intuitivas e elementares regras da boa higiene! . .

Mas, vou notando igualmente em todas as enfermarias a absoluta carência de cadeiras e mesinhas de cabeceira.

Pregunto admirada como é possível manter-se tal aceio e ordem, quem faz êste milagre?

Riem-se da minha ingenuidade e vamos sempre seguindo: — lavabos, cozinha, refeitórios, dispensa, dependências do pessoal e até a habitação do médico feita num salão dividido, pintado, a tintas baratas e muito caiado, tudo com ar muito lavado, com os seus móveis pessoais, fazendo daquele recanto humilde uma linda casa de bonecas, onde os prodígios de invenção encontraram a varinha da fada, que não será difícil individualizar.

Entramos agora nas enfermarias das mulheres; são duas salas ligadas por um pequeno arco a um dos lados, nelas estando distribuídas 27 mulheres, uma com 16, outra com 11 doentes.

A primeira enfermaria tem uma janela de sacada, voltada ao sul, sua única galeria de cura, onde estas 16 tuberculosas ósseas tomam o seu banho de sol *à vez!*, — *uma*, quando lhe é arrastada a cama, que só por si ocupa todo êste *solário* . . *duas*, o máximo, quando são transportadas ao colo das vigilantes, ou num cobertor em forma de *andas*; pois, a cama só é levada em último caso, por causa dos protestos e indignação que levantam as outras doentes, que se julgam ludibriadas e expoliadas, visto aquela *regalia* ser rara e uma única doente a poder aproveitar, de cada vez, entre 16.

Ao colo, as doentes são ainda prejudicadas na sua cura, neste vai-vem, pela imobilidade perdida ou maus gestos; e o pobre pessoal, enfermeiras e vigilantes, fica derriado nos grandes dias de sol, com as constantes mudanças desses corpos pesados.

A segunda enfermaria com 11 mulheres doentes, nem mesmo tem essa providencial sacada, nunca tem sol!

Insisto perante tal aberração, que grita desalmadamente à minha inocência (digamos assim) nas leis da terapeutica, em que ainda creio firmemente, e, acredito serem também as crenças dos próprios médicos, ainda hoje.

Não me conformo e peço explicações, pois, não posso conciliar a idea de ver ali encerradas 27 mulheres; amanhã com as 5 vagas preenchidas, serão 32 doentes de tuberculose óssea, que dizem curar-se pela imobilidade e com o sol!

Mas, aqui neste sanatório vivem prisioneiras, *à sombra*, em nome dos malabarescos equilíbrios orçamentais da direcção da A. N. T.?!

Sou ainda ilucidada de que nesta sacada de ótima orientação ao sul, corre no mesmo nível da sua soleira um telhado assente sôbre pilares de pedra podendo dizer-se que a posição linear desta varanda de cura pelo sol está lançada, indicada miraculosamente.

Pregunto se esta obra já foi orçamentada e em quanto? — Sim, respondem-me, aproximadamente nuns 20.000\$00.

Curva-se-me a cabeça ao pêso de uma culpa involuntária; — louvado Deus! — quantos donativos de 20 contos me teem passado já pelas mãos, e eu cometi o pecado da minha ignorância neste delito!

Ainda neste balcão de posição magnífica em orientação ao sul e a poucos metros do mar, o Sr. Director indica-me um ótimo terreno com a mesma situação, um sítio ideal, paralelo ao mar e resguardado, pelo lado norte, por uma enorme massa de pinhais, onde se faria um outro Pavilhão modelar, com a elevação de 4.^m acima do nível do mar, e para mais 60 doentes.

Vejo ainda os terrenos de charneca que dantes conhecera áridos, apenas cobertos aqui e ali, com alguma erva da raquítica vegetação marinha; hoje teem viçosas hortas, pomares e até pequenos jardins floridos, com a sua avenida em tunel, feita de ferros velhos, diferentes e encontrados e

apanhados à esmo e *ad hoc*, que imaginosamente arquiaram, dando-lhes forma e simetria, formando o esqueleto d'êste docel magnífico, coberto com vegetação; tudo aqui obedece ao engenho e à arte d'êste Doutor enciclopédico, que acumula neste verdadeiro *chateau de Fringale*, tantos e tão diferentes cargos e lugares: — de architecto, administrador e médico.

O *mot d'ordre* é a ordem e o aceio por tôda a parte: por todos os cantinhos, os mais reconditos; cortinas de pano branco, escondendo sempre prateleiros de pinho lavado e velhinho, à falta de armários, mesmo sanitários, pois vou ainda encontrar — oh! miséria franciscana! — material clínico e de farmácia espalhado pelo chão!

Noutra enfermaria de crianças, vejo lençóis servindo de colchas, porque as colchas que há, estão a lavar e não há outras para as mudar.

As roupas são insuficientes; reparo ainda nas caminhas das crianças, que os lençóis são velhos e remendados pois que bons apenas existem na casa 65.

Na rouparia seguem-se os mesmos prateleiros para os montes de roupa empilhada; se o pessoal fôsse infiel, poderia roubar à vontade; não há chaves, à falta de portas para fechar, pois que não há armários para a roupa, nem mesmo para as louças.

É com sincera admiração que felicito êste exemplar Director e todo o seu pessoal. Quão longe ficam em mérito todas as disciplinas e boas ordens, em qualidades de criação, de organização e de acção metódica e que assentam já como carris em cima de *rails* apropriados, a que só se tem que mandar e obedecer, para deslizar naturalmente com a direcção e fiscalização impostas.

Já na praia, caminhamos para o mar, para junto d'êsse grande companheiro de longas horas, em face, durante 3 anos, nas curas do sol da minha saudosa Filhinha, e que me deixava pasmada, numa atracção inconfessada, da confiança ilimitada na desejada cura...

O sol a luz, o ar livre, ainda e sempre os grandes factores da saúde!

Perto, há crianças que brincam na praia, acompanhadas por uma vigilante; e, eu vejo ainda que os esgôtos são maus, despejando-se sôbre a areia na outra praia próxima e logo ao lado desta.

Diz ainda o médico que são precisas obras *urgentes*:— «estas dos esgôtos, pintar todo o exterior da velha caixilharia do edificio, para sua conservação, senão vai-se embora...; o lado norte do pinhal, da cêrca, está devassado, o que não é conveniente; está a precisar muito de ser vedado.

«O solário é a primeira obra, bem sei, mas, não há os 20 contos. Se nunca há dinheiro!...

«Apenas se farão umas pequenas obras permitidas e autorizadas:— cimentar a capoeira, tanque e fossa, cobrir o estendal, fazer um quarto de banho para os criados e uma pocilga para porcos" (1).

(1) 23-I-933

Leonor:

«Depois de muitos esforços, consegui que fôsse admitida num Sanatório da A. N. T. uma pobre mulher, casada, mãe de três filhinhos, — todos cabendo num cestito, e que, impossibilitada de ganhar o pão pelo seu trabalho, em vista de um tumor branco num joelho, se vê em grande miséria; pois seu homem há longo tempo que está desempregado (ouvi já dizer para aí que... afinal não existe desemprego)!

Rejubilei com o meu sucesso, mas foi inocência minha...

E' sina de muita gente, sermos inocentes até morrer...

A mulher doente espera, vai para três meses.

Primeiro ia para a Gelfa (Viana); depois ia para Carcavelos, pois que a Gelfa ficava para adultos, mas só do sexo masculino.

Enfim, Carcavelos está em obras de adaptação, não sei bem até quando... Mas, o pior da história é se de repente, recebo notícia de que as obras acabaram já há tempos e que os lugares estão todos tomados.

Foi agora aqui, nesta conjectura, que me lembrei de lhe pedir a grande esmola de ver se as tais obras estão muito adiantadas e quando deverão acabar, para então novamente pedir aos meus colegas e dirigentes de cá.

O interêsse clínico e a administração modelar dêste médico, vivendo como dele a vida dessas pobres doentes entregues à sua guarda e protecção e vigiando êsses haveres de tão pobresinho património, ratinhado pela mesquinha sovinice de ordens superiores, dadas num gabinete, com manga de alpaca, em circulares teóricas e absurdas, como as notícias dispares e incoerentes que manda para a Imprensa, todo êsse mundo de grandes e pequenas coisas — faz um padrão de glória para todos vivem dentro dêste autêntico *chateau de Fringale* — que só por si fala mais alto e mais claro ainda do que a voz límpida e forte dêste homem, que assim quiz fazer da sua formatura um apostolado, escravo dum dever sagrado que se impoz — num grande gesto do seu carácter e do seu amor e dedicação pela humanidade, que sofre.

E na sua palavra fluente e na nitidez do seu olhar não há mais verdade do que nesta sua obra flagrante, em que tantas vezes esgrimindo contra os moínhos, consegue afinal transformar êste tão pobresinho e abandonado Sanatório em miséria dourada e com felicidade — oh! paradoxo!, entre tantas dôres incompreendidas e belos e nobres exemplos amesquinhadados e mesmo amordaçados!

« Visita ao Preventório da Parede »

12 - XII - 932

Está lá no alto da povoação, lavado de ares e com belos horizontes largos!

São três russitos, sujos, mal comidos, precisando dos cuidados duma mãe, que a doença em parte lhes roubou, e dos ganhos dum pai, ao qual a sociedade com todos os seus organismos maravilhosos força ao inlavor e à fome.

Desculpe o desabafo, mas, julgo que nos compreendemos, etc., etc.

Virgílio Marques Guedes

Carta de meu cunhado, Assistente da Faculdade de Medicina do Pôrto.

Mas, é condenável o lugar, em que se encontra, pela sua má situação entre dois grandes meios — Lisboa e Estoril, — e, ainda devassado pela linha do combóio, que quasi lhe passa à porta — ponto acessível ao máximo!

Condições são estas fora dos princípios dos Preventórios, pois que um dos seus fundamentais fins visados é o de *isolar*, robustecendo à vontade a criança.

Mas, continuando:—é um edificio novo, composto de rés-do-chão, quasi ao nível do solo, um primeiro andar e de outro segundo meio andar; em volta um largo terreno vedado; à entrada do portão, uma pequena casa do criado-guarda.

Este prédio foi comprado pela A. N. T., por 150 contos e custou-lhe mais 80 contos em obras de adaptação; dinheiro este que saíu do produto da primeira «Semana da Tuberculose».

Hoje recebe como dotação 10 contos mensais, que lhe dá a A. N. T.

Acompanha-me uma Senhora D. Maria Carolina da Câmara Mesquita, — da Comissão dos Preventórios e sua secretaria; — à porta da casa vem receber-nos a Superiora (irmã Dorotheia) simpática, olhando-nos bem de frente, sincera na maneira de falar, na sua linguagem de um português rebuscado, ainda a relembrar o seu exílio em França durante 20 anos.

Sou levada por um comprido corredor, com uma capela ao fundo, e, vai-me dizendo:—«estamos com 39 crianças, mas, a casa comporta 45.

«Comunidade de quatro irmãs, eu e um capelão.

«Pessoal, criadas cinco e um criado.

«Médico, externo, com obrigação de vir aqui só uma vez por semana».

Vejo duas salinhas de entrada, refeitório, cozinha, dispensa, tudo na melhor ordem e asseio.

Chegamos a uma sala-galeria, onde se encontram as crianças, na sua maior parte com aspecto raquítico e enfiado,

de orelhas despegadas e olhar triste, que são vigiadas por uma irmã, que as ensina a brincar; reparo e pergunto o porquê de assim estarem todas as crianças separadas em dois grupos, e explicam-me, então, serem crianças dos dois sexos, de mais difícil guarda e vigilância.

Eu desejava para estas crianças mais vida terrena, mais alegria!

Recordo agora aqui o que há pouco acabei de ler em «A Saúde» jornal de higiene e profilaxia sociais, da Junta Geral do Distrito de Coimbra.

— «Todas as casas, pois, que se destinam a recolher os filhos dos tuberculosos, em perigo de contágio, deixam de ser simples Asilos de crianças raquíticas e enfezadas, para se tornarem em autenticos viveiros de crianças sádias, prontas a dar à sociedade, quando crescidas, todo o rendimento que é de esperar de pessoas válidas e robustas» (1).

Mas, continuam a explicar-me: «Quando chove, é aqui que permanecem, único sítio que teem para estar; comum a sala de aulas (primeiras letras) e a sala de recreio (quando o tempo não permite) e... de passar a ferro» como eu também estava vendo!»

Queixa-se a irmã Superiora e diz-me: — «faz-nos imensa falta um barracão para as crianças estarem quando chove, e, muito especialmente, para receberem as visitas mensais das suas famílias, pessoas em grande parte doentes de tuberculose e muitas tuberculosas em último grau!

«Em geral, trazem merendas e comem-nas em conjunto com as crianças, bebendo todos pelos mesmos copos ou garrafas.

«Tossem, espectoram e beijam as crianças, até na bôca. Horrível!»

E, tudo isto se passa dentro de casa *na salinha de estar*

(1) De o jornal «A Saúde» — Janeiro de 1933 — n.º 49.

de todas as crianças, seu único refúgio e seu estágio de recreio, com mau tempo, ou ainda nas aulas.

«Se há sol, no dia das visitas, diz-me ainda a Superiora, «não será melhor!—, espalham-se também os visitantes em pequenos grupos, pelo terreno em volta do edifício e é completamente impossível à irmã vigilante ver tudo que se passa»...

«Há ainda uma grande dificuldade durante a visita, é a de seleccionar as crianças; pois, que, vai dizendo a irmã Superiora, — «já basta os pais contagiarem os filhos.

«As outras crianças fujo eu com elas, levo-as para longe e entretenho-as com um gramofone, para as salvar de tal companhia...»

E' indispensável êste barracão, não só para isolar os visitantes como assim, após a saída deles, seria imediatamente e com facilidade desinfectado.

Ainda, além desta rasão, num recinto fechado, a vigilância e polícia seriam muito mais fáceis de fazer.

Assim..., esta sala comum a tantas coisas, e, mesmo ao lado do refeitório e cozinha, é invadida — pode bem dizer-se! — é violada, e mensalmente esta parte do Preventório devassado, e contagiados os seus habitantes por **dóses massiças!**

Seguimos ao dormitório, amplo, arejado por largas janelas, tendo os lavabos dispostos em fila entre as camitas.

Ao fundo, paredes meias, as (W. C.) e um só *mesquinho* quarto de banho.

Às minhas perguntas, vai sempre francamente explicando a irmã Superiora — «isto assim não está bem; como o edifício não tem esgôtos, ou fossa fixa, séptica (Mouras) há muito mau cheiro aqui, porque a fossa-depósito fica justamente encostada ao dormitório das crianças, quási no ângulo do edificio».

O que é péssimo e muito prejudicial para a saúde destas crianças, — concluo.

E, a Senhora que, também me acompanha, — acrescenta — «e muito caro e dispendioso, porque de cada vez

que se despeja a fossa, serviço que é feito todos os meses pela Câmara de Cascais, custa à A. N. T. entre um conto a um conto e seiscentos»!

As obras de adaptação e sem plano tiveram a *pre-sidi-las* um mestre de obras!...

— Perto, entramos num pequeno gabinete de observação, — tem duas crianças irmãs, a maior de 10 anos e a outra de 6; estão ali chegadas há poucos dias e a mais velhita ainda fala muito na mãe (tuberculosa em último grau!) de quem ela era único amparo, mendigando esmolas, e sua... enfermeira.

Diz-nos a todas, «eu queria saber se a mãisinha não precisa de alguma coisa...»

A mais pequenina é um amorsinho encantador, lindíssimo — tipo veneziano — brinca com bonecas e prende-me os dedos, a pobresinha!

A irmã Superiora vai-me explicando sempre — «o capelão tem pensão cá na casa, mas dorme na vila e a comunidade e pessoal, lá em cima nos dois andares superiores, em quartos pequenos, com um encanto de vistas e com uns ares admiráveis, esplendidos, — lugar êste que devia ser destinado às crianças, em amplos dormitórios com terraços»!...

Sim, também, logo me parecera que esta construção, seria mais própria para habitação de verão.

Pois, que êste rés-do-chão onde as crianças, aqui estão instaladas, é quási sôbre terra; apenas com o chão separado do solo, por dois degraus muito baixinhos.

...E fico a pensar, confundida, na franqueza desta Irmã de Caridade, de alma simples e tão cristã, minhota, que bebeu durante 20 anos os ares cívicos e arejados dos católicos e do clero francês, aqueles que nunca ouvem ou dizem missa sem que tenham encostada ao altar a bandeira nacional, — olhos sempre postos em Deus e na Pátria!...

E' desgostosa e magoada que saio do Preventório, da Parede.

Santo Deus! — onde estão as boas regras da higiene

e de profilaxia sociais desta casa — ninho de criancinhas e refúgio anti-tuberculoso! — tão apregoados, ainda bem recentemente, por tantas palavras faladas e escritas pelos médicos portugueses?!

E verifico com estranheza que o Preventório da Parede, que tem a lotação máxima para 45 crianças, apenas hoje recolhe 39 — quando na segunda «Semana da Tuberculose» e para o grande peditório, a direcção da A. N. T. entregou às chefes de zonas um papel de instruções que diz e recomenda: — «Dizer que o produto da venda do emblema se destina ao Pavilhão das Senhoras de Caridade no Sanatório Popular para 80 doentes, cuja inauguração se fará em 19 de Maio, e ao Preventório da Parede para 60 crianças, cuja inauguração se fará também num dos dias seguintes». (1)

Porque rasão a A. N. T. nos levou assim, involuntariamente; a não dizermos tôda a verdade, a mentirmos?!

Fez-se ainda a inauguração dêste Preventório da Parede, diferente da do Pavilhão do Lumiar: — foi uma inauguração à **capucha**, sem data prèviamente fixada e sem convites, nem mesmo à chefe da zona 6.^a (onde êle está encravado!) ou demais Senhoras que comigo pediram nos dois grandes peditórios — 1931-1932 — das duas «Semanas da Tuberculose» levantando nesta região e dos seus habitantes, algumas dezenas de contos, pedindo infatigavelmente donativos para os tuberculosos pobres!...

Eu soubera, vagamente, já em férias, que só depois das contas feitas, se saberia ao certo o número de crianças a admitir no Preventório.

Quais contas? — Se a direcção da A. N. T. já nos havia entregue números concretos para nós apresentarmos e dizermos em público!

(1) «Das circulares «Instruções» que foram entregues a todas as chefes de zonas, pela direcção da A. N. T., e que conservo no meu *dossier* dos dois grandes peditórios — venda do emblema nas duas «Semanas da Tuberculose».

Já no verão a mesma direcção lembrou-me por escrito, que eu podia levar crianças para o Preventório da Parede. Sinceramente agradei a tácita homenagem de justiça prestada ao meu ponto fraco, — à minha piedade e dedicação pelos tuberculosos pobres.

E, também compreendi claramente que a mim, às outras Senhoras da minha zona 6.^a e, ainda ao público em geral, — só **no fim** nos era apresentado um **statu-quo** de largas promessas no futuro?!...

«Visita ao Preventório de Colares»

31 - I - 933

Fica num vale, rodeado por montanhas êste velho casal brazonado e português da «Morgada do Vinagre» — hoje ninho de pequeninos, aconchegado entre pinhais e serras, como grandes biombos ou cortinas de vegetação, onde o sol e o grande ar, tão puros e tão balsâmicos, descem a prumo do céo como bençãos de Deus!

Ali resguardados pela plena Natureza — a grande verdade, serena e boa, que encontramos neste mundo, a nossa segunda mãe! — acolheram-se e aconchegaram-se 40 criancinhas na ânsia de viver!

Ao bom e grande ar livre, ao glorioso sol, à muita luz, longe dos grandes centros e dos aglomerados das multidões, no socêgo e na santa paz do campo, dêstes montes retirados e de difícil acêso, onde a moral é mais sã e as almas e a vida mais simples, nos povoados distantes, a branquejarem, alvinhos, lá longe, mas, ao ritmo de uma canção dita baixinho para o coração ouvir melhor...

Da estrada onde me apiei desce uma pequena ladeira de calçada à portuguesa, onde passaram as berlindas e as séges de outrora a transpor o portão solarengo, hoje em ruínas, e lá ao fundo a escadaria em pedra carcomida, com os

seus terraços e alpendres a ruírem, a esboroarem-se, nas suas paredes, de alvenaria, com arabescos aristocráticos, em dismantelados *panneaux* de ricos azulejos, selando uma época, uma bela arte e muitas tradições...

Todas estas pedras teem a *patine* dourada de um tempo de evocação, de uma vida e obra que já lá vão, e a que a cal recente quiz pôr um véu dissimulador, e a que as manchas côr de rosa dos bibes das criancinhas, com as suas risadas e a sua gralhada, fizeram ressuscitar, fizeram reviver em risinhos alegretes desabrochados em flôres viçosas, entre velhos renques de murta e de buxo, dos seus canteiros antigos, em jardins à *Lenôtre*.

Já no largo do grande pátio, vem receber-me a Senhora D. Maria Izabel Morais Sarmiento, que vejo pela primeira vez;—à voz do seu chamamento, todos aqueles dispersos magotes de crianças correm para nós, como se fôsse um bando de pássaros, rodeando-nos felizes e confiadas, num *à vontade* que me encanta, nos seus bons dias de simpatia curiosa à visita que surge inesperada.

Uma das crianças maiores, apresenta-me logo ao seu colo um bébé de meses «é a nossa Mirianinha!» a mais nova do rancho, 18 mesitos lindos, e, que ali deu entrada com 10 dias, nascida na Maternidade Bensaúde, de mãe tuberculosa e que morreu no hospital, poucos meses depois.

Tôda esta pequenada tem o ar vivo e feliz de um bando de pardais que se espaneja ao sol!

São crianças alegres com aspecto sadio, mal se divi-sando entre elas o primeiro traço—estigma, à vista, a revelar-nos o antro de onde veio, bafejada pelo hálito pestífero de seus pais doentes!...

São ainda e já criancinhas educadas, sociáveis, pequeninas almas abertas e confiadas, numa estima comovedora, onde não há a menor impertinência ou atrevimento.

Coitaditas, satisfeitas e contentes por poderem estar perto de nós, no seu logarzinho que também lhes deram ao sol, ao calor desta alma de luz, desta Senhora, que branda-

mente afastando de si o *crochet*, em que trabalhava, para a farda de uma das suas pupilas, — me leva através de tôda a *casa-Preventório* e vai explicando: — refeitório, dormitórios, sala de aulas, instrução primária e lavôres — de onde se destaca uma pequenita muito inteligente, olhitos em fogo, a dizer-me muito bem os seus versos.

Outras sentadas em banquinhos baixos à roda da sua mestra, trabalham em costura, rendas de bilros e até vi um lindo bordado.

Vou ouvindo: — «pessoal laico; o meu braço direito aqui, é esta Senhora, que é a espôsa do regedor cá do lugar; e as crianças mais velhas olham pelas mais novas, algumas já são mesmo vigilantes.

Cada criança, ao entrar, custa à casa, no seu enxoval e instalação, 300\$00».

— Seguimos à velha capelinha do solar, que é ainda da primitiva, única divisão rica e completa do passado... — porque a todas as outras dependências desta casa, resta-lhes a sua architectura de um D. João V abastardado em retoques pombalinos, de que só restam intactos, nos interiores belos *lambris* de azulejos, magnificamente conservados.

Há grande pé direito em todas estas salas de tectos lavrados, grandes cubagens de ar, paredes rasgadas por amplas janelas e portas; ainda enormes espaços de panos de parede vazios guardam leitos aceadinhos e mesinhas frescas, onde a limpeza, a ordem da boa hygiene são um grande e belo exemplo!

Casa imensa, quási deserta de móveis e de confortos materiais e modernos, lar tão pobresinho... — mas, que uma grande riqueza encerra e contém, que a todos nos envaidece de orgulho, — está cheiinho a abarrotar, de caridade e de amor fraternal.

— Sentamo-nos no terraço perto das crianças. Tiro da minha carteira o meu *carnet* de notas e apontamentos e um lápis — e, olhando-nos bem, de olhos nos olhos, numa fidelidade de mútua confiança absoluta, que tinha o longo passado

duma hora de existência, vivido naquele ambiente sagrado, — que serão os grandes templos das gerações de amanhã! — pedi: — «fale, conte-me tôda essa história, quero ouvi-la e escrevê-la ...»

— «Estive doente 6 anos, sofri muito e lembrei-me também imenso de quem assim sofria tanto como eu.

Já curada, tinha tanta pena de quem morria do *Mal de Pott!*...

Valer aos doentes tuberculosos, poder curá-los, salvá-los!...

E dar aos condenados à morte, uma cama para morrerem em paz, e mais ainda, à sua alma a suprema paz que se leva dêste mundo, de que os seus filhinhos ficavam protegidos.

Preguntei a meu irmão médico, o que fazer então?!

Êle trouxe-me livros das obras e colónias de *Grancher* e de *Leon Bernard*, deu-me os seus concelhos e opiniões e eu própria vi em França como se fazia assistência aos tuberculosos.

E acordamos que em Portugal, na assistência à tuberculose, apenas tentam *remediar*: o Hospital, Hospital-Sanatório, o Sanatório e o Dispensário. Faltava o complemento directo e principal:— os Preventórios, que em Inglaterra, quasi remiram fisicamente uma raça, e que ainda não existiam em Portugal!

Quiz eu fazer a experiência, e, como foi aqui nesta região que me curei e que por completo me desapareceram os 39º das temperaturas,— quiz neste mesmo lugar fazer o ensaio do meu Preventório, provisoriamente; durante 3 meses; foi no verão de 1930, subsidiado particularmente só por mim e tinha 16 crianças».

Calou-se e baixou levemente os olhos, concentrando-se, como quem revive um passado agri-dôce..., que, já lá vai, mas que ainda magôa.

Preguntei a medo, — e depois?...

...«Depois, tive de ir entregar as crianças.

Depois de ter robustecido êsses pequeninos amores!

Se soubesse, se visse como custou deixar no regaço duma mãe tuberculosa, a tossir, um anjinho já refeito!

E, no vão duma escada, aos pés da cama de outra mãe tuberculosa, mais dois filhinhos...

— Passado pouco tempo fui pedir à direcção da A. N. T. que me coadjuvasse — que eu faria pela minha parte, tudo quanto pudesse em prol de tal desgraça, a que a experiência do meu Preventório, de 3 meses de ensaio, dera as melhores esperanças e a maior coragem.

Depois de me falar de imensa papelada e números, respondeu-me, que antes de 2 anos, não se poderia pensar nos Preventórios em Portugal.

Então, sósinha, não desanimei; organizei uma Comissão de Senhoras, obtendo subsídios por quotas que garantissem 2 contos mensais.

E fundamos com estatutos e relatórios, há ano e meio, o primeiro Preventório em Portugal.

As crianças vieram às 10 — 20 — hoje são 40.

Tive mesmo que alugar mais esta casa há pouco tempo, por já se não caber na primitiva Casa do Banzão.

Por indicação e orientação médica, seleccionaram-se as crianças; as mais pequeninas e fracas, nesta última — tem 14 crianças; nesta, em que estamos, estão as maiorsitas, 25, e ainda um pequenino de dias em casa da ama. Temos ainda uma pequena *casa de isolamento*.

Temos crianças de todas as idades, dias, meses e anos. Largar mão delas é o pior de tudo, e, para onde, meu Deus?!

Esta obra tem seguimento, tem o seu fim, nos países de combate anti-tuberculoso organizado e eficaz; há depois as *colónias*, que acompanham estas crianças até à idade adulta.

Instintivamente, os meus olhos fixaram-se num amorzito lindo, de colo, que perto de nós, abre para mim a boquilha fresca a mostrar dois dentinhos a apontarem num riso inocente e feliz, que lhe faz duas covinhas nas faces rosadas, rechonchudas e sádias!..., da saúde que hoje lhe emprestaram,

E depois?—quero continuar.

«Hoje a despesa no Preventório é de 4.000\$00, incluindo a renda das três casas, que é de 1.150\$00 mensais.

Tôda esta sã e boa gente da região me ajuda. Isto é, tal como estamos materialmente, poderemos valer a 40 crianças, se estes proventos materiais me não faltarem.

Sim, com a vida aqui mais acessível, por ser fora dos grandes meios, sã e moral neste valor precioso da aldeia, do campo, em plena Natureza!—principais factores da saúde e da vida destas crianças, saídas,—sei lá!—da Alfama, de bairros da ínfima miséria. . . E, apontando-me uma, — «o pai de aquella, quiz matar a mãe e enforcou-se há dias.»

—Há pouco mais de um ano a direcção da A. N. T. comprou na Parede um edificio para o seu primeiro Preventório e chamou a nossa Comissão, oferecendo-se a receber todas as crianças que eu tinha aqui no Preventório de Colares, com largo subsídio mensal, administrado por nós.

Algumas Senhoras rejubilaram na sua boa fé; eu não.

E foi, entre espantada e dorida, que respondi:—ao Sanatório de Colares eu quero tanto como à minha própria casa.

E depois, não me parece grande e nobre acção, irem estas crianças que eu já recolhi, tirar o lugar a outras no Preventório da Parede.

Então não é de 30 Preventórios que está averiguado precisar-se para a nossa luta anti-tuberculosa?!

Extinguir um, o primeiro, logo ao comêço, para quê e porquê?—o que será para desejar, por todos nós, é que haja muitos Preventórios em Portugal;—merecendo-nos assim o tuberculoso o nosso maior respeito e piedade.

E ainda, dentro dêste princípio, acedi à solicitação, que então nos foi feita, de organizarmos o Preventório da Parede.

Mas, verifica-se agora que, ao contrário do que era para esperar, não há ligação nenhuma entre êles, nem tão pouco de permuta entre os dois Preventórios;—o que é mau, é péssimo, pois que, sendo um de praia e outro de

campo, as crianças internadas neles, teriam muito a lucrar e ainda os doentes com a casa de isolamento.

Assim, as crianças que não puderem estar à beira-mar ou com doenças contagiosas, terão que ir para a casa de seus pais”...

Fez-se um longo silêncio entre nós; só se ouviam as crianças, que iam e vinham numa chilreada incompreensível, ou os mais pequeninos que nos estendiam os bracinhos, e que tomados ao colo, nos enlaçavam à volta do pescoço, como passaritos ainda implumes, procurando a aza materna.

Aproximo para mim uma pequena maiorzita a quem pergunto; — «e a tua mãisinha»? — Responde-me «tenho três: — a minha mãe verdadeira, a mãe do céu e a mãisinha»!

Sinto que esta Senhora encontrou nesta vida o seu arrimo moral, depois de tantas horas dolorosas, em que a calma e serena meditação da sua vida terrena quási imobilizada, trouxe a todo o seu ser a plena posse e actividade da sua vida espiritual, que o seu sub.consciente de Mulher — adivinhou, sacrificou e imolou ao sagrado amor maternal! — mesmo sem ser mãe.

Respondo a uma pergunta vaga e digo-lhe da minha muita admiração, e ouço ainda que, — «o amor de Deus tudo pode»...

Recolho os meus apontamentos e explico: — surgiram dúvidas amargas e penosas nas minhas crenças, quiz dissipá-las, ou firmá-las com justiça, mas de *visu* e de uma vez para sempre.

Rasão que me trouxe até aqui e que já me levou a outros estabelecimentos de assistência, mesmo da A. N. T.

É um inquérito que me impuz.

Para dar nova orientação à minha rota, neste mar tenebroso, de tão enganadora superfície serena, feita de sêda e de côr verde glauco, escondendo abismos lá no fundo das suas águas revôltas num escuro de mistérios insondáveis!...

Esta minha ansiedade de saber, de conhecer a verdade, e de perto está mais tranqüila, quási saciada e é dela que

surgirá a minha crença absoluta, mais forte e inabalável no dia de amanhã.

E as minhas coragem e fé, maiores do que nunca, para luta anti-tuberculosa que me propuz ajudar e servir, e que ainda confiadamente espero, em nossos dias, ver triunfar plena e justiceiramente!

*
* *

E quanto a tarefa a realizar é ingente!..

Mede-se por números tristemente eloquentes, que o Sr. Dr. António de Araújo, ilustre médico do Sanatório-Hospital Semide, do Pôrto, numa conferência, que na mesma cidade realizou para encerramento da IIª Semana da Tuberculose».

Mas ouçámo-lo:

...«Se é certo que a civilização dum povo se pode medir pelo valor do seu armamento anti-tuberculoso, somos obrigados a confessar, infelizmente, que Portugal caminha na retaguarda dos outros países europeus.

..«A Dinamarca em 1928 tinha, por cada 100 mortes por tuberculose, 137 camas; mais 37 camas que as reputadas necessárias!

Portugal tem, para 13.000 mortes anuais, 1.800 camas!

«Estabelecendo as proporções, vê-se quão longe estamos daqueles números, e, assim, temos na nossa terra 7 mortos por cada cama!..»

Desde logo se vê, em face dêstes números, que o que se faz é pouco, é nada, é quási uma irrisão. E, além disso, é inorgânico, desarticulado.

O mesmo ilustre clínico salienta:

«A campanha anti-tuberculosa em Portugal está estabelecida há muito pelo país fora em diferentes organismos oficiais e particulares.

«Mas, estas instituições, insuficientes em número, não chegam para dominar e vencer mal tão intenso e tão vasta-

mente generalizado; além disso, orientando-se por critérios de absoluta independência, nem sempre convergem a um mesmo fim, inteligentemente procurado, o que vem diminuir ainda mais o seu valor.

«Evidentemente, não se podem desprezar os benefícios resultantes da iniciativa particular. Mas, tendo em vista os altos interesses da colectividade, é necessário encaminhar essa iniciativa para uma acção coordenada, evitando pulverizações de esforços e desaproveitamento de energias, economizando tempo e dinheiro.

«A assistência pública, tanto oficial como particular, tem de obedecer a um só plano de conjunto, desenvolvendo-se em regras previamente estabelecidas, de modo a evitar uma desorientação que produz, como efeito, se não a incapacidade completa, pelo menos a diminuição da potência funcional de todos os serviços.

«Portanto, antes de mais nada e neste capítulo especial da assistência aos tuberculosos, impõe-se ao Estado o indeclinável e urgente dever de fixar em diploma legal os princípios gerais, o plano uniforme em que deve assentar a campanha contra a tuberculose, centralizando na sua mão a directriz e fiscalização de todo o armamento anti-tuberculoso».

— E é claro, subsidiar a acção anti-tuberculosa com a larguesa que o alastramento do mal reclama, aflitivamente.

Chega a ser arripiador de indiferença e de insensibilidade a satisfação aparente, com que uma instituição anti-tuberculosa recentemente anunciava um saldo de 1935 contos nas suas contas do exercício de 1932.

Um **superavit** de 1935 contos, com 1.800 camas para 13.000 mortes, com 7 mortes por cada cama!

Conclusão

«O entendimento entre a A. N. T. e as Misericórdias impõe-se» — assim o afirmava, e muito bem, o jornal «Diário de Lisboa», em Julho de 1932.

E, já também, pouco tempo antes, em Setubal, no Congresso das Misericórdias — dizia o Sr. Dr. António Vaz de Macedo — «é necessário criar nas Misericórdias, nos seus hospitais, enfermarias de isolamento para internar os que espectoram bacilos de *Koch* aos milhões».

Pois, naturalmente, — se continuar a ser como é, por todo esse país fora, em todos os seus hospitais — o tuberculoso, sem ser selecionado, vivendo em comum com todos os outros doentes nas mesmas enfermarias — sem a simples *separação* dos tísicos numa sala ou pavilhão próprio; — nós teremos o direito de proclamar; — o hospital é ainda e também, um grande agente tuberculizador!

E, mais, — o Sr. Dr. José Lopes Dias é justíssimo no seu artigo — «E' preciso fazer em Portugal a política da assistência».

— São estas as suas palavras: — «Mas, diga-se clara e iniludivelmente que, assim como se faz a política das estradas, a da marinha e a dos portos, é necessário realizar a

política da assistência, a política da tuberculose, a política da raça!—Perante o maior inimigo da saúde e da vida—pedir esmola não basta, é uma ilusão...”

—Porque se calaram estas duas vozes da razão tão justas e tão precisas à séria campanha nacional anti-tuberculosa?!

Cada um pela sua província, — porque não fazem côro com o Sr. Dr. Amândio Paúl?

Oiçámo-lo:

I

“A tuberculose, doença caracterizadamente social pelos grandes estragos que causa e pela maneira como fere e mata, comprazendo-se em escolher as suas vítimas na parte valdeira da sociedade — entre as pessoas novas, em pleno rendimento social — só com remédios sociais poderá eficazmente ser combatida, o que tanto monta dizer que a tuberculose não desarmará enquanto a higiene preventiva e a medicina social não conseguirem expurgar a sociedade dos males, vícios, defeitos e taras físicas e morais que a corroem e presidem na grande maioria dos casos à sua eclosão e desenvolvimento.

II

Todos estes factores inegáveis de tuberculização são a resultante de uma defeituosa organização da sociedade e de uma deficiente dotação dos serviços de saúde e assistência, pelo que o melhor índice para se avaliar, em qualquer país, do seu grau de cultura higiênica e do maior ou menor bem estar usufruído pelas classes pobres, é a mortalidade causada pela tuberculose nesse país. E assim:

III

Países de elevada mortalidade pela tuberculose, como Portugal, carecem não só de melhorar os seus serviços de

saúde e de assistência, dotando-os convenientemente, mas tem também de introduzir na sua legislação social todos os preceitos atinentes ao bem estar das classes trabalhadoras, ajustando-a às exigências da hora que passa em matéria de reivindicação de direitos legítimos.

IV

À Beira, coração de Portugal, compete criar no país, por intermédio da sua imprensa e dos seus melhores valores sociais, um movimento de opinião atinente à consecução destes objectivos, pugnando sobretudo pela melhoria dos serviços de sanidade e de assistência nos distritos que a compõem, meio indirecto, mas eficaz, de se combater a tuberculose.

V

Paralelamente e, tendo em consideração a natureza contagiosa da doença, tem de olhar-se a sério pela sorte dos tuberculosos, isolando-os e tratando-os em estabelecimentos apropriados (sanatórios e hospitais sanatórios, enfermarias ou Pavilhões de isolamento nos hospitais gerais), única forma prática, embora dispendiosa, de defender a sociedade, e tem sobretudo de olhar-se pela grande massa dos predispostos e ameaçados, não esquecendo em primeiro lugar as crianças fracas, linfáticas e as que tenham convivido ou estejam convivendo com tuberculosos. E assim:

VI

Urge que cada distrito meta ombros à magna empresa da criação do seu armamento anti-tuberculoso, à semelhança do que fez Coímbra, levando-se em linha de conta a importância e o grau de tuberculização de cada distrito.

VII

Para já impõe-se a imediata criação de Dispensários em número suficiente em cada distrito, por ser o Dispensário o *primum movens* de toda a complicada engrenagem do arsenal anti-tuberculoso. Para maior eficiência da sua acção, tem o Dispensário de ser servido por um sanatório, hospital-sanatório ou enfermaria de isolamento nos hospitais gerais.

VIII

A preservação da infância deve constituir um dos principais objectivos do Dispensário, que para isso, carece de ter ao seu alcance os necessários organismos de defesa e protecção das crianças ameaçadas: colocação no campo, em casa de famílias sãs e honestas, (Obra de Grancher e de Leon Bérnard para as crianças de peito), centros citadinos ou rurais de colocação, preventórios, etc.

IX

A Beira, mais do que qualquer outra província, deve promover por todos os meios ao seu alcance, junto do Governo e contando previamente com o auxílio das suas corporações administrativas, que sem demora seja dotada com o necessário armamento anti-tuberculoso, visto que, sendo as Serras da Estrêla e do Caramulo nos distritos da Guarda, Castelo Branco e Viseu, os centros mais importantes no país para o tratamento dos tuberculosos, pela notória pureza dos seus ares, além doutros factores climatológicos, sucede que um grande número de doentes, sobretudo na estação calmosa, instalam-se *tant bien que mal* em diferentes locais das duas serras, dentro ou fora das povoações circunvisinhas e sem a devida fiscalização sanitária, o que constitui, de facto, um perigo certo para os habitantes dessas localidades assim transformadas em instâncias de cura livre e livres também da acção fiscalizadora da lei.

Em Seia, Gouveia e Manteigas há quem atribua a esta consentida promiscuidade de sãos e doentes, e creio que com fundamento, o grande incremento que, sobretudo nos últimos anos, em que mais se tem feito sentir esta corrente imigratória de doentes, tem atingido a tuberculose entre os nativos, outrora poupados pela doença, talvez pela boa vizinhança da Estrêla, ainda não contaminada.

A única excepção que conhecemos é fornecida pela Guarda, que continúa usufruindo uma taxa muito moderada de tuberculidade — 10,2 por 10 mil habitantes, nos últimos anos — precisamente por ter no Sanatório Sousa Martins a sua melhor arma de defesa e também uma das suas melhores fontes de receita, o que deve contribuir para o bem estar das classes trabalhadoras e consequentemente para o aumento da sua resistência orgânica em obediência ao preceito bio-social bem conhecido de que *«a prosperidade biológica de um povo promana directamente da sua prosperidade económica»*.

X

O armamento anti-tuberculoso da Beira, excepção feita para Coimbra que já o possui, deve compreender:

a) — *Dispensários* na séde de cada distrito e, a seguir, na séde dos concelhos, providos dos meios necessários para bem poderem cumprir a sua complexa e delicada missão e sobretudo para praticamente promoverem o isolamento dos doentes contagiosos e cuidarem da preservação da infância por intermédio dos organismos já enunciados;

b) — *Pavilhões ou enfermarias de isolamento nos Hospitais gerais* destinados aos doentes, designados pelo Dispensário, que já tiverem ultrapassado o período de curabilidade;

c) — *Dois sanatórios de altitude* para doentes curáveis a construir na Serra da Estrêla em locais previamente escolhidos por delegados técnicos dos 4 distritos, convinha porém, em obediência a rasões de ordem económica que um desses sanatórios, depois de prévio entendimento com a Direcção da

A. N. T. fôsse edificado dentro do ~~At~~tenso parque do Sanatório Sousa Martins para assim poder utilizar os serviços gerais dêste estabelecimento, cuja montagem é, como se sabe, muito dispendiosa.

Os mesmos delegados técnicos fixariam o número de camas para cada sanatório e promoveriam a construção de anexos em cada um deles, destinados a escolas de reeducação profissional para os doentes que tivessem alcançado um bom resultado no Sanatório e que houvesse vantagem em manter em régimem de trabalho vigiado, antes de regressarem às suas anteriores ocupações;

d) — *Dois preventórios* para crianças ameaçadas, em locais que os mesmos delegados escolhessem, convindo porém que um deles ficasse na montanha e o outro à beira-mar, para melhor poder fazer-se o conveniente *roulement* entre as crianças dos dois preventórios.

XI

Dentro destas bases, os delegados dos 4 distritos, constituídos em Comissão a que poderiam agregar quem entendessem que melhor poderia servir esta causa, organizariam o plano detalhado das obras a realizar, acompanhado do respectivo caderno de encargos. A despesa total seria repartida em partes iguais por cada distrito ou proporcionalmente à sua população, e cada um dos distritos estudaria a forma de obter os fundos necessários, devendo contar, em 1.º lugar, com o concurso de todas as corporações administrativas e apelando, sendo preciso, para um empréstimo caucionado pelos rendimentos próprios das mesmas corporações ou pelo produto de um impôsto adicional às contribuições gerais, que, destinado a salvar vidas humanas, é o mais produtivo dos impostos.

O ideal, para um mais rápido e melhor êxito, seria à semelhança do que se faz noutros países — a França, por exemplo — conseguir-se que $\frac{1}{3}$ das despesas ficasse a cargo do Estado, $\frac{1}{3}$ a cargo das corporações administrativas e o

outro $\frac{1}{3}$ a cargo dos particulares por meio de donativos, cotizações, contribuição braçal, cedência de materiais de construção, de transportes, produto de festas de beneficência, de recreio, etc.

XII

Criada a Obra anti-tuberculosa da Beira, estudar-se-ia a melhor forma da sua sustentação, alvitando porém a êste respeito e mesmo a respeito da sua criação e dos meios de a conseguir, fôsse ouvida a Direcção da A. N. T., entidade que no País tem a seu cargo a organização e orientação na luta contra a tuberculose» (1).

«A tuberculose (diz também o sr. Prof. Dr. Vieira de Campos, da Universidade de Medicina de Coímbra), é uma doença social: social porque a sua propagação é devida ao contágio resultante das relações sociais e mais ainda, principalmente das relações de família—célula primordial da sociedade; social também porque está tão espalhada e é tão lesiva que afecta profundamente tôda a sociedade.

Para se fazer uma ideia aproximada dos danos que lhe são devidos basta dizer que em Portugal ela causa anualmente a morte de perto de 20.000 pessoas, na sua grande maioria no vigôr da idade, ou seja a morte de uma pessoa em cada meia hora que passa; a par desta legião de mortos há a considerar os que se vão arrastando, minados pela doença, e se contam permanentemente por cêrca de 90.000; enfim, a estes 90.000 doentes correspondem outras tantas famílias que levam vida amargurada por terem em perigo um dos seus membros.

20.000 óbitos anuais, 90.000 doentes permanentemente,

(1) «Base para a resolução do problema da tuberculose nas Beiras», comunicação livre apresentada ao V Congresso Beirão pelo Dr. Amândio Paúl, director do Sanatorio Sousa Martins.

90.000 famílias ou sejam cêrca de 450.000 pessoas tocadas pela desgraça—tal é em resumo a obra dêsse monstro insaciável de vidas e de sofrimentos.

Para o combater eficazmente, não bastam os meios individuais, aqueles que se dirigem a cada doente, a cada indivíduo: são necessários os meios sociais, que visam a sociedade inteira e demandam o concurso de todos.

Dentre êles o primeiro, o de maior valor porque todos os outros dele se originam, é o da propaganda educativa do povo.

Duvidará alguém que seja assim?

Parecerá que a propaganda é arma de somenos importância para dar batalha a tão terrível inimigo?

Em poucos minutos será fácil mostrar que assim não é.

Um povo que conheça o mal que faz a tuberculose e os meios complexos mas eficazes de a combater, em pouco tempo se arma contra ela e a domina.

São caras essas armas, o campo de batalha estende-se a todo o país, é necessário uma estratégia complicada, dispende-se bastante dinheiro, mas feita a propaganda tudo aparece como por encanto, o combate desenrola-se quási insensivelmente, em cada dia que passa é uma vida que se vai salvando, é a cura duma criatura até ali votada à morte, é uma família que se alivia do pesado fardo que a oprimia.

Como se consegue tudo isto?

Duma maneira bastante complexa mas, neste momento, limito-me apenas a focar um dos efeitos da propaganda.

Ninguém pense que a propaganda apenas atinge e aproveita as classes populares; desde o Chefe do Estado, o ministro, o banqueiro, o grande industrial, o comerciante até o mais humilde cidadão, todos são tocados por ela e todos educam o seu espírito porque, à parte os técnicos, raros conhecem do assunto as noções mais importantes; e o que é ainda mais apreciável, as chamadas classes superiores são as que melhor se educam e, por sinal, não perdem a oportunidade, dentro das suas funções, de mostrar o seu aproveitamento.

As campanhas de propaganda educativa, bem organizadas, arrastam consigo todos os indivíduos, sem excepção. Vejamos porém os factos comprovativos.

Em plena guerra mundial, em 1917, a fundação Rockefeller, que tem dispendido milhões em obras de assistência e de ciência, onde quer que lhe pareça que o seu dinheiro é bem aplicado — essa benemérita instituição, após um inquérito local, resolveu vir à França dar combate à tuberculose porquanto êste país ia perdendo mais vidas ceifadas por aquela doença do que aos golpes do exército inimigo.

Não é fácil descrever em poucas palavras o que era a França em 1917: um extenso campo de batalha, de muitos centos de quilómetros, que a atravessava quási de lado a lado; o inimigo assolando larga e rica parte do seu território; todos os dias, a incessante sucessão de mortíferos combates; o espírito público alarmado com a perspectiva possível duma irreparável catástrofe nacional.

Pois foi neste meio agitado pelas mais violentas commoções e exgotado de recursos por 3 anos de guerra, que uma delegação da fundação Rockefeller veio serenamente assentar arraiais, para levar a cabo a sua missão de propaganda e de instrução anti-tuberculosa.

Trouxe consigo pessoal e diverso material: conferencistas, visitadoras de hygiene social, cinematografos, folhetos e cartazes ilustrados, grafonolas, inclusivé o guinhol, em suma, tudo quanto é preciso para chamar a atenção do público e para o instruir sem esforço nem cansaço.

Em França recrutou e preparou mais pessoal e adquiriu mais material; em seguida, principiou num ponto daquelle país para acabar no oposto, percorrendo de dia e de noite, de automóvel e de combóio, todas as cidades, vilas e logarejos, quando não recorria ao aeroplano e à radiofonia para ministrar à distância os seus ensinamentos.

Andou assim 4 anos nesta febril, mas metódica e friamente estudada propaganda; gastou centos de milhares de dólares, subsidiou e promoveu a criação de alguns Dispen-

sários, ótimos instrumentos de propaganda; ensinou os seus métodos, instruiu pessoal francês e depois de se assegurar que a sua obra seria continuada, abalou para a América, não sem que primeiro doasse todo o seu espólio à *Junta Nacional de Defesa contra a Tuberculose* e desse a esta corporação, sua sucessora, um subsídio suficiente para todas as despesas do 1.º ano, para metade das do 2.º e para um terço das do 3.º.

Qual o resultado da propaganda feita pela missão Rockefeller?

Bem evidente se mostra no seguinte quadro.

	1918 (ANTES DA PROPAGANDA)		1924 (DEPOIS DA PROPAGANDA)		1929	
	Estabelecimentos anti-tuberculosos	N.º de leitos	Estabelecimentos anti-tuberculosos	N.º de leitos	Estabelecimentos anti-tuberculosos	N.º de leitos
Dispensários	70	—	508	—	650	—
Serviços de tuberculosos de Hospitais gerais	—	alguns centos	—	4069	—	6000
Hospitais sanatórios	0	0	11	2076	16	3177
Sanatórios pulmonares	9	1183	71	7081	96	9558
Preventórios	0	0	77	5093	154	12,881
Sanatórios para cirúrgicos	5	1955	56	11.105	58	12,683
Estabelecimentos helio-terápicos	0	0	0	0	5	368
Total	84	3138	723	29,424	976	44,667

Nada mais eloqüente do que estes números!

E nos próximos quatro anos serão criados pelo Estado mais 20.000 leitos, só em sanatórios para pulmonares, à razão de 5,000 por ano!

E qual o resultado financeiro da missão Rockefeller?

Em 1918 o orçamento geral do Estado, à parte as pensões a militares, ainda era mudo a respeito da luta anti-tuberculosa.

Em 1925 já lhe dedicava 22 milhões de francos,

Em 1929 esta verba foi elevada a 73 milhões.

Nos próximos 4 anos, só para a criação dos 20.000 leitos de sanatórios há a acrescentar, em cada ano, 100 milhões de francos do Estado e outros 100 milhões das corporações locais.

Se juntarmos a esta respeitável soma outras que são dispendidas pelas corporações departamentais e comunais; se acrescentarmos ainda o que é dado pelos particulares—só o sêlo anti-tuberculoso rendeu em 1929 perto de 22 milhões de francos—podemos fazer justa ideia de quanto a França gasta agora com a luta anti-tuberculosa.

Desta gigantesca obra social a França principia a colher os preciosos frutos: só em Paris, desde 1925 a 1928, a mortalidade por tuberculose caiu de 30 por 10.000 habitantes para 20, isto é, diminuiu 1 por 1.000, o que para 4 milhões de habitantes dá uma economia de 4.000 vidas.

Por outra parte, eu pergunto: se os ministros das finanças, por exemplo da França, não tivessem assistido à campanha da missão Rockefeller e não tivessem assim aprendido a conhecer a necessidade de lutar contra a tuberculose, teriam êles porventura concedido tão largas dotações para o combate daquela doença?

Para terminar, mais um exemplo do que vale a propaganda sob o ponto de vista financeiro.

Quero referir-me ao sêlo anti-tuberculoso.

Em 1904, um modestíssimo empregado dos correios da Dinamarca, lembrou-se da emissão de um sêlo do Natal, de beneficência, meramente facultativo, cujo produto se destinava especialmente a combater a tuberculose.

Não previa o pobre homem o êxito que estava destinado à sua feliz lembrança: contra a sua expectativa o sêlo depressa principiou a render somas fabulosas, tendo passado para os países vizinhos—Suécia, Noruega e depois Finlândia—sempre com o mesmo sucesso; em poucos anos, a venda dêsse, como que brinquedo de crianças, rendia naqueles países 6 milhões de corôas, ou sejam 36.000 contos!

Poucos anos depois, em 1907, outro dinamarquês levou para a América do Norte a ideia do sêlo; lançado nesse ano, localmente, em Delaware, rendeu apenas 3.000 dólares; mas em seguida a uma intensiva e ardorosa campanha, feita à moda americana, a venda em todo o país subiu a somas prodigiosas, atingindo hoje a sua receita 5 e meio milhões de dólares, ou cêrca de 116.000 contos!

É principalmente com estas somas que na América do Norte as corporações locais mantêm a luta anti-tuberculosa.

A França, depois de mandar estudar nestes países a técnica do sêlo anti-tuberculoso, lançou-o em 1925 a título de experiência, num só departamento, tendo de receita 265.000 francos.

Em 1926 alargou a experiência a 10 departamentos, recolhendo 2.250.000 Frs.

Depois destes ensaios e desta preparação, coroados de êxito, fez em 1927 a 1.^a emissão nacional, obtendo 13.920.600 frs. Em 1929 a receita foi de 18:291.000 frs. e, em 1929, de 21:900.000 frs.!

Ainda estas fabulosas somas não são o único nem talvez o maior benefício do sêlo do Natal: além dos recursos financeiros que proporciona êle é um dos melhores e mais eficazes meios de propaganda (1).

*
* *

E porque não existe ainda em Portugal a declaração obrigatória da tuberculose?

— « Neste egoísmo feroz das sociedades modernas, necessário se torna intensificar a propaganda contra a tuber-

(1) « Remédios Sociais contra a Tuberculose ». (*Conferência popular de propaganda educativa*) pelo Professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra — Dr. A. Vieira de Campos.

culose, e muito principalmente, pela sua profilaxia, procurando convencer cada tuberculoso de que tem de se defender a si, mas evitando de contagiar os outros.

É altura de lembrar o papel importante que a Assistência Nacional aos Tuberculosos desempenhou, sob o ponto de vista da profilaxia, para a tuberculose.

Era então vulgar ver nas ruas de Lisboa, pode dizer-se, tuberculosos usando um escarrador de algibeira, e assim evitarem escarrar para o chão.

Havia mesmo, devido à propaganda que então se fazia, um certo respeito pela vida dos outros. Hoje tudo passou.

É necessário voltar a uma intensa propaganda, com o fim de lembrar a todos a obrigação de respeitar a saúde alheia ». (1)

Em Lisboa, por exemplo, segundo as próprias estatísticas oficiais, a mortalidade pela tuberculose quasi que triplificava nos últimos 30 anos.

De 1.300 vítimas em 1901 — passaram a registar-se em 1930 nada menos do que 3.700!

— É numa sala de espera do Patriarcado, quando ali fomos em Comissão solicitar de Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca, autorização para a *quete* à porta das Igrejas, na «Semana da Tuberculose»; que a minha Ex.^{ma} Amiga e bondosa Senhora Condessa da Foz me vai dizendo: — «que pavor minha amiga, que pavor que está sendo a tuberculose!...

Eu precisei de um pintor, para a estufa do jardim, mas percebi logo que o pobre homem mal podia consigo e vi também que era um tuberculoso.

Disse-lhe para parar com o trabalho e ir comer todos os dias lá a casa, mas depois de pouco tempo, deixou de aparecer. Mandei saber; já não se podia levantar da cama. E, fui-lhe sempre mandando o sustento até que morreu.

(1) Dr. D. Fernando de Lencastre — «O Dispensário popular de Alcantara no problema da infancia portuguesa», pag. 25.

E, sabe?—vivia tôda a família no vão duma escada, — pais velhos, o filho pintor, outro soldado e uma filha casada, genro e neto. O soldado que ia sempre ao quartel, morreu há dias, a criancinha há tempos com uma meningite, — restam apenas sãos os velhos e o genro, porque a filha já está também tuberculosa»!... (1).

«Quanto mais se vigiar a tuberculose, menos custa a dominá-la».

Mas, querem-se lutadores decididos, verdadeiras fôrças de vontade e colaborações bem concretas.

Os indiferentes e comodistas — que se fechem nas suas *tôrres de marfim*, hipòcritamente, e que deixem em paz todos aqueles que trabalham com persistência, com tôda a sua inteligência e coração.

E ainda, a feira das vaidades que vá assentar arraiais noutro campo de manobras pois que êste fica delimitado entre linhas do *front*, onde a morte ronda perto, entre sangue a estancar e lágrimas a secar, no sagrado reduto da terra de ninguém (2).

E mais:

(1) «A saúde dum povo é o segrêdo do triunfo e da fôrça do mesmo; a oficina mais importante do país é o lar; cuidar do lar é cuidar da saúde do povo, base fundamental de tôda a riqueza e prosperidade dum estado».

Do jornal de higiene e profilaxia sociais «A Saúde» da Junta Geral do Distrito de Coímbra.

Dezembro de 1932 — n.º 47.

(2) «...Trata-se em primeiro logar duma questão de ordem social e humanitária, da qual depende e na qual assenta a questão sanitária.

Para revigorar a raça e defendê-la dos seus piores inimigos é necessário primeiro que tudo garantir a cada individuo um *mínimo de nível de vida*, em que a higiene possa firmar-se.

E não se julgue isso acima dos nossos recursos.

Pais pobre, temos contudo o bastante para livrar o povo da miséria.

Pão

Alojamento

Instrução».

Do artigo «Sudário de Misérias», publicado em a «Gazeta de Coímbra», em Setembro de 1932. Pelo Professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Coímbra, Dr. A. Vieira de Campos.

Em intercâmbio científico, a fundação Rockefeller acaba de subsidiar no estrangeiro dois médicos portugueses.

«É esta a primeira vez que dos benefícios da Fundação Rockefeller, que tanto tem contribuído para o desenvolvimento científico durante os últimos anos em todo o mundo, aproveitam compatriotas nossos» (1).

E, porque não — louvado Deus! — também uma Grande Obra Nacional?

Por uma estranha coincidência foi ainda uma irmã de um destes médicos — que saudosamente lembro! — uma das minhas mais queridas amigas, e, que em vésperas de morrer tuberculosa me escrevia: — «falo, tão baixinho, que já mal me ouvem. E, então, escrevo muito, para poder conversar um pouco» (2)...

Através de tôda a minha acção, na abandonada vida dos tuberculosos pobres, surgem-me, por vezes, como incentivo — como se mais não houvesse! —, as minhas recordações...

— E' uma pobre pequena, trémula, com a voz entrecortada de comoção — «minha Senhora, minha Senhora, venho pedir-lhe a sua protecção! Sou eu o único amparo de meus pais já velhinhos; os meus irmãos morreram tuberculosos, e, o meu pai está há muito tempo desempregado, — e eu... eu sinto que já mal posso.»

(1) De «O Diário de Lisboa».

(2) «...O problema da infância portuguesa, é um problema médico-social.

Legislador e médico devem formar uma peça única, pois nunca poderão dispensar o concurso um do outro.

Se são necessárias leis que melhorem as condições de existência das diversas camadas sociais, e que as protejam contra o meio em que vivem, não menos necessário se torna a acção médica, devassando nessas camadas, os males que as perturbam, que as fazem sofrer, ou que, as podem aniquilar».

Do livro há pouco publicado: — «O Dispensário Popular de Alcântara no Problema da Infância Portuguesa», pelo Dr. D. Fernando de Lancastre.

E lançou-me os braços, abraçando-se a mim, encostando a cabeça ao meu peito, tôda ela sacudida em grandes soluços.

Acalmei-a o melhor que pude; mas, súbito, um forte ataque de tosse afastou-a de mim. Muito compungida, envergonhada, levára o lenço à bôca, afastando-se sempre, quasi me fugindo.

Segurei-a para me certificar da desconfiança, que me causara já o brilho das suas púpilas, a côr muito branca da pele um pouco opada em volta dos olhos, e um não sei quê, indefinido, nos lábios e nas faces rosadas, infelizmente já tão meu conhecido...

— Ouve-me, tem confiança em mim, sim? — eu vou pedir um lugar para teu pai, e a tua mãe, só com êle, poderá com o trabalho da casa.

Tu é que precisas de descançar.

E, brandamente, mas com firmeza, segurei-lhe o pulso, que teimosamente apertava.

Vá, anda, deixa-me ver...

Tôda confundida ainda, abri-a a mão a medo, que escondia o lenço cuspidado de sangue.

E' mais uma amiga muito querida, uma segunda mãe de meus filhos — no seu velho solar do Minho, num dos terraços, deitada na cadeira de repouso — que eu surpreendo na imobilidade da sua cura de ar, desenhando-se — já tão espiritualmente! — o seu perfil de linhas impecáveis sôbre o azul puríssimo do céu; fazendo o quadro completo e bem transparente às minhas ilusões... que súbitamente me pregaram ali ao chã, retendo a respiração, para poder em silêncio chorar longe mais esta traição do Destino! Mas, o seu ouvido apuradíssimo de tuberculosa presentira-me ali.

— «Ah! porque veio sêm prevenir?»

— Não sabia que eu não quero que ninguém me veja... ,
 assim tão feia?

Depois, além, com muitas flores, será outra coisa...»

E apontava-me o campanário da sua capelinha branca.

Atirando-me beijos de longe — «só assim; para o meu
 afilhado, para o nosso Manuelsinho, porque os tísicos não
 devem beijar ninguém»...

*
 * *

Em 1926 — na viagem de férias ao Algarve — nas visitas
 que então pedi para fazer a todos os seus hospitais, pobrissi-
 mos — são como dobres de finados, que sempre sôam, as pre-
 venções dos médicos afastando-me das camas dos doentes:
 — *cuidado, é tuberculose!*

Já no regresso inesperado a Lisboa, ante programas
 largos e vastíssimos, ousou dizer, — não desvariem os pobres com
 vãs promessas, nem tão pouco os abandonem, num egoísmo
 feroz e estúpido, que chega a ser criminoso.

— Completa e muito grata depois me foi a visita à
 Misericórdia de Lisboa, entre muitas outras casas de assis-
 tência pública.

*
 * *

A Assistência Nacional aos Tuberculosos teve já muitas
 e largas ocasiões de verificar e sob vários aspectos, que eu ao
 dar o meu nome para a sua Comissão, pensei primeiro bem
 na responsabilidade que ia assumir.

Nem ela sabia, por certo, o mundo de pensamentos e
 memórias que ia despertar em mim, com tôda a acção dos
 nossos projectos!

Mas, não é à A. N. T., apolitica e inconfessional,
 que eu condeno ou sequer abandono espiritualmente pela
 licença ilimitada que tomei; — pois continuo sempre a pres-
 tar a minha mais respeitosa homenagem à nobre e admirável
 pureza das suas intenções, ao piedoso fim para que foi fundada

O que eu condeno e abandono definitivamente são os falsos processos duma má orientação, que chega a cometer o sacrilégio do seu descrédito.

No meu posto de sempre, aguardo que justiça seja feita, penitenciando-se todos aqueles que erram, e, de almas ao alto, que esqueçam mesquinhas vaidades terrenas;—que ninguém ridiculamente queira prestar-se à figura de parecer o pigmeu ao lado do gigante Adamastor.

A campanha anti-tuberculosa é hoje uma das enormes questões de ordem social e humanitária que não se compadece com *bisantinices*.

Pertence a uma pleiade de mestres tisiologistas, de magistrados, à colaboração de todo o paiz e, como *cupula* desta obra colossalmente grande, ao Estado! (1).

(1) «A tuberculose é bem uma *doença social*, não só pelos perigos de contágio, que ela semeia e pelas perturbações económicas, que produz, mas ainda porque a sua difusão é consequência, principalmente, do nosso estado social e das condições de ignorância, de insalubridade e de miséria, em que vive uma grande parte do nosso Povo.

A profilaxia da tuberculose terá de ser também uma *obra social*, visto que a tuberculose é uma doença de todas as classes da Sociedade, porque o seu agente — o bacilo de Koch — vive em tôda a parte; êle pode penetrar no organismo por inalação, por ingestão e por contacto directo.

As medidas de defesa para o seu combate não podem ser, pois, apenas medidas de profilaxia destruindo directamente o bacilo; devem procurar também melhorar as condições que tanto favorecem a marcha progressiva que a Peste branca segue no nosso País!

Destruir todas as causas, eliminando as origens de infecção, sem exceptuar uma só, eis o plano útil de ataque à tuberculose.

E para a sua eficácia é indispensável, como base fundamental, o maior de todos os esforços, a colaboração de todas as boas vontades; no seu aproveitamento, na sua sistematização, está a boa solução desse problema.

Para isso é necessário fazer — é assunto já bem estudado:

- a) O isolamento dos bacilos e dos seus portadores;
- b) A destruição dos bacilos no seu habitante;
- c) A defesa dos indivíduos expostos à infecção;
- d) A execução rápida dum conjunto de medidas, que aumentem a resistência do individuo contra a infecção.

Do jornal de Higiene e Profilaxia Sociais, «A Saúde» da Junta Geral do Distrito de Coimbra.

Fevereiro de 1933 - n.º 51.

— Dizia Disraëli, o famoso primeiro ministro inglez: «Se a população permanece estacionária, se todos os anos vai diminuindo em estatura e em vigôr, a nação morrerá.

É por isso que eu julgo que o cuidado pela saúde pública, é o primeiro dever de um homem de Estado».

O combate anti-tuberculoso por dever pertence à nação e também ao Estado, seu responsável único.

Relembro o que tanto me feriu no meu amor próprio:

— Era uma festa oficial em Honra da Marinha, que o então seu ministro, Comandante Pereira da Silva, organizára na sala do Risco.

Ao entrarmos no Arsenal notára logo que um grumete vizava o nosso grupo com espanto. Como perto seguia o Ministro da Guerra, julguei ser para êle o insistente inquérito de curiosidade.

Já pelo meio da noite e durante a ceia volante, o mesmo marinheiro surge na minha frente, a servir-me, muito perfilado, mas um pouco já mais refeito e calmo da comoção que lhe causára (pois, ignorava até ali quem eu fôsse) e dizia-me baixo e em voz sumida:— «ela já morreu, e a falar sempre na Senhora!..» — E, sem a menor contração da sua face bronzeada, aquele mocetão herculeo chorava, lágrimas incontidas, irreprimíveis, e que eu sentia virem-lhe lá do fundo do seu coração desfeito...

Pousára-lhe a mão no ombro e inquiria — ela, quem? — «A minha noiva!»

Lembrei-me então da pobre costureirita de Alcântara, tuberculosa em último grau — adivinhando pelas suas mãos de cêra e já diafanos! — a morte que não vinha longe... e a quem eu conseguira desviar um pouco a atenção, enganar o tempo *de oratório*, — na sagrada mentira dumas flores de papel, que lhe ensinara a fazer.

Belos e maravilhosos *bouquets* que sempre me esperavam em todas as minhas visitas, em troca das fôlhas de papel colo-

rido, que lhe levava; — flôres de piedoso encanto, que como filtros tóxicos, continham em si o veneno e a morte.

Queimados logo à saída do quarto da doente, desfeitos em cinza, em pó, em nada...

Como hoje aquelas pobres e lindas mãositas mirradas, que lhe davam... a vida!

E uma forte impressão de contrastes de tamanhas proporções e flagrância, me tomava tôda.

Os meus dedos escorregaram então ao longo do braço do infeliz rapaz que assim chorava e a quem apertei fortemente a mão, sem lhe poder dizer uma única palavra de conforto.

Apenas a garganta se me apertava oprimida num soluço ou num grito de revolta, tantas vezes sufocado.

Afastei-me, pouco firme nos passos que dava e confesso que sentia pesadíssimos os fatos de sêda, tão leve, que me envolviam, naquela noite de Festa Oficial, de *soirée* de Grande Gala!

* **

No Palácio da Ajuda, ficára ao meu lado, no jantar em honra do Comité Olimpico Internacional, que então visitára Portugal, o Conde de Rosen, sueco, verdadeiro **gentleman** — homem duns 60 anos, com um perfil de medalha romana, rosado e ainda dum loiro arruivado, olhar inteligente e profundo, dum azul claríssimo e duma leal simpatia.

Olhava-nos admirado, prescrutando as pessoas e as coisas, num pasmo crescente, — o que eu já notára no salão de recepção, durante as apresentações feitas.

Eu sentia que uma grande ansiedade de falar o aproximára de nós.

Num francês correctíssimo disse-me da sua grande admiração pela *baixela Germain*, em que nos serviam, os cristais antigos e maravilhosos, as pilhas e macissos de flôres e verduras finas e tão variadas, que guarneciam a mesa, tôda essa bela vegetação da Sintra encantadora!

E nós, os portugueses, que assim condignamente êsse Comité Olimpico admirava, lá fora, através do seu Club Internacional, — no seu culto pelos valores físicos e na sua ambição pela beleza e graça duma humanidade perfeita e saudável...

— Estavamos já em meio do mês, a revolução sabia-mo-la pronta a marchar, e nessa noite o itinerário do caminho fôra marcado para tôda a gente.

A uma pergunta feita a êste respeito, respondi evasivamente, — mas, esclarecendo as minhas meias palavras, vieram outras que me pareciam ser em chumbo derretido; — «sabe, Madame, todo o vosso mal é o povo analfabeto, descuidado, sem instrução nem assistência. Nós, outros, julgamos o vosso país doente, física e espiritualmente.

Mas, quando se vem aqui, as vossas *élites*, as vossas tradições, esta beleza gloriosa da vossa terra!... dão coragem de vos falar assim, tôda a verdade.

Perdão, Madame, mas eu sou um sincero amigo de Portugal.»

Não sei o que lhe respondi, sei apenas, que poucos dias depois, o Senhor Presidente da República, Dr. Bernardino Machado, me falava elogiosamente da minha atitude nessa troca de impressões que o nosso hóspede e sincero amigo (diga-se desassombradamente!) lhe fôra relatar.

...Podendo assim, já bem avaliar por mim, insignificante reflexo, e, em tão curto praso de tempo, a alheia confusão e vexames, em quem por direito próprio e muito mais directa e longamente tem de nos representar...

Mas, eu quero e nesta altura, por ser bem o momento e vir muito a propósito, ilucidar uma página atrás dêste trabalho.

Foram ainda nesta ocasião os *100 mil contos* de rendimentos dos tabacos, que ousei esperar dessem *5 mil contos anuais*, num sêlo exclusivo, destinado à Assistência Nacional aos Tuberculosos.

— Que me perdoem os fumadores a intenção justificadíssima, que todos poderão deprender por estes dois *clichés*,

como será a galeria completa de tantos quadros missérrimos, que omito, por me serem infinitamente desgostantes. Talvez que mesmo haja quem possua ainda colecção maior e muito mais edificante.

— «Eis uma Santa Cruzada que as Senhoras de Cantanhede devem chamar a si, colaborando desta forma na realização de Obra tão grande e tão humanitária, como a que começa hoje com a inauguração dêste Dispensário de Luta Social contra a tuberculose.

Elas, cheias de Fé, dotadas de um grande coração, onde a Bondade e a Caridade crescem e florescem, mais do que ninguém podem fazer do Dispensário Terra de Ninguém para poder ser Terra de tôda a Gente» (1).

Por assim pensar e cristãmente comungar nestas doutrinas, eu me filiei na A. N. T. em Fevereiro de 1930 — dando o exemplo da isenção sem olhar a ocasião, ambiente e colaborações.

A Sagrada Terra de Ninguém, em que eu quiz servir como soldado razo, sem saber que fora destas razões tão simples e tão claras, que outras complicadas pudessem existir; ignorando e desconhecendo formulas e conceitos dentro da A. N. T. — mas, exigindo-lhe que ela se torne intangível aos dedos profanos de quem quer que seja, — e que nos cartazes das suas paredes, nos livros das suas estantes e na alma das suas direcções, apenas exista um sinal como simbolo sagrado para todos nós: — a nossa dupla cruz vermelha de dois braços.

E eu apenas ali quero continuar a ser o que sempre fui: — uma portuguesa ferida em pleno coração e tocada pie-

(1) Do jornal «A Saúde» da Junta Geral do Distrito de Coimbra. Fevereiro de 1933 — n.º 51.

dosamente na sua alma, — pelas dôres próprias e iguais desventuras alheias dos seus compatriotas, vítimas todos nós dessa grande tragédia colectiva e social, que assola Portugal!

Mas, enquanto êle se embalar sonolento e còmodamente, ao cantar de mentirosas baladas sebastianistas, eu e outras Senhoras continuaremos descendo à sordidez dos seus tugúrios e pardieiros, levando as esmolas que colhermos, numas escassas e míseras migalhas de pão, a êsses desgraçados sêres humanos, a que votamos a nossa ternura, piedade e respeito, e que vão morrendo lentamente, chacinados pela tuberculose, completamente abandonados por um país que se diz civilizado.

— Não ficando de todo inativo o vigor das nossas vidas em plena actividade e aproveitando a saúde mais refeita, e não deixando só para as nossas decrepitudes da velhice e dum tempo que já passou, que já lá vai, na dobadoira dos anos, os cuidados dum mundo sempre novo e que marcha sem parar, para atingir novas verdades e mais perfeita justiça!

...Mas, assim, marcaremos passo dentro dum tão grande e momentâneo mal, a velar e a cuidar que seria esta uma irrisória situação, se não fosse a hecatombe de 20.000 portugueses em cada ano!

Pedir esmola para os pobres inválidos e doentes, pode, pròpriamente, já não ser uma rasão dos nossos dias, — pode e deve ser apenas para as nossas consciências, uma reposição devida a que os seguros sociais dão a cabal explicação, a mais humana, a mais cristã e a mais digna para todos nós. (1)

(1) ...Ora na tuberculose, a luta contra o bacilo não basta. Urge tornar o meio social hóstil ao seu pululamento. E' necessário, é indispensável transformar, por completo, as deploráveis condições de trabalho e de vida do maior número.

Quer dizer: — o médico precisa, mais do que nenhum outro profissional, estudar com alma e coração, a questão social.

* * *

Primeiro que tudo, extinguir o analfabetismo.

A remodelação será então de alto a baixo, e nós, as que dentro das fórmulas consagradas, pedimos donativos para os pobres, estamos ainda na vanguarda do amanhã, por lembrarmos às gentes abastadas e felizes, a miséria e a dôr do nosso semelhante, que Deus, num dos seus grandes ensinamentos, aquece e ilumina com o mesmo sol!

Podia ir-me embora e calar-me, bem sei, em nome da *santa paz* de tantas consciências, mas não posso, nem sei fazê-lo.

As minhas *utopias* (chamemos-lhes assim) para as encerrar, teria eu também de ir com elas para o fundo duma masmorra, cuja carcereira seria essa metade da sociedade egoísta e indiferente, que bem depressa as saberia esquecer e a mim iria condenar e lapidar, por uma parte da opinião pública.

Como levar a cabo uma campanha profilática ampla, intensiva, profícua nos seus resultados práticos sem, préviamente, preparar o meio receptor, desbastando, com rapidez, o analfabetismo?

Enquanto, em Portugal, houver uma percentagem vergonhosa de iletrados, todas as campanhas de profilaxia, ou quaisquer outras, serão minicamente frutíferas.

...Precisamos valorisar o português, *aguerrindo-o*, sôbre tudo intelectualmente.

Esta sim, esta é a primeira tarefa nacionalista.

Feito isto, já as «Semanas da Tuberculose» seriam mais fecundas em consequências benéficas para todos, ricos, remediados e pobres.

Não podemos também descurar o aspecto económico da questão social.

A tuberculose não é apenas o bacilo de *Koch* que a determina.

É a tremenda iniquidade dum sistema de produção e consumo que divide a sociedade numa minoria privilegiada de plutocratas, de fartos, e numa massa formidável de mal arejados, de mal alimentados, de mal lavados, de mal vestidos, de mal alojados.

Temos que reagir, forcejar por sair do círculo vicioso em que nos debatemos. Por um lado, com as lamentáveis condições de existência, em que vive o maior número das pessoas, *fabricamos* — é o termo — os depauperados, os mentais e fisicamente enfraquecidos, os candidatos à tuberculose.

— A orgânica social é uma criação humana.

— Mas não é isso o que resulta da ideologia, das revoluções cristãs.

Elas triunfaram como protesto às iniquidades políticas e sociais da civilização greco-romana.

Do artigo publicado em o jornal «O Primeiro de Janeiro» — em Julho de 1932 — pelo Dr. Angelo Vaz — com os títulos: *Círculo vicioso. — A sociedade fomenta a tuberculose. Depois, tenta debelá-la.*

Que importa por mim, que aqui não sou nada?
Por elas, cada palmo de terra conquistada, será um triunfo!
Cada semente a germinar, uma esperança de messe bendita!

Março de 1933.

Casal Nossa Senhora do Carmo
PARQUE ESTORIL



INTE CIENCIA VIVA
DOMINGO DE CARVALHO

